

Lições
Bíblicas

Licções Bíblicas

JOVENS E ADULTOS
3º Trimestre de 1994

M
E
S
T
R
E



Evangelhos Sinóticos
A Perfeita Harmonia

Licções Bíblicas

Comentário: ESEQUIAS SOARES DA SILVA

SUMÁRIO Licções do 3º Trimestre de 1994

Lição 1

Estudando os Evangelhos Sinóticos

Lição 2

O Maior no Reino dos Céus

Lição 3

O Jovem Rico

Lição 4

O Ensino de Cristo sobre a Ressurreição

Lição 5

O Grande Mandamento

Lição 6

O Poder de Cristo sobre os Demônios

Lição 7

A Mulher Cananéia

Lição 8

A Transfiguração

Lição 9

A Questão do Tributo

Lição 10

O Cego de Jericó

Lição 11

O Princípio das Dores

Lição 12

A Grande Tribulação

Lição 13

Exortação à Vigilância


Carlos Sérgio de Medeiros
Diácono - Dirigente da comunidade

ESTUDANDO OS EVANGELHOS SINÓTICOS*

TEXTO ÁUREO

"Mas a palavra do Senhor permanece para sempre; e esta é palavra que entre vós foi evangelizada" (1 Pe 1.25).

VERDADE PRÁTICA

Os evangelhos sinóticos são inspirados e perfeitamente harmoniosos entre si, na apresentação dos fatos básicos da fé cristã.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C.

LOCAL: Palestina

HINOS SUGERIDOS: 187 (210 HCA) e 365 (151 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Is 34.16

Possuís o Livro do Senhor e lede

Terça - Hb 4.12

A Palavra de Deus é viva e eficaz

Quarta - Jo 21.25

Os registros da vida e obra de Jesus

Quinta - 2 Pe 3.15,16

Escritos paulinos comparados às

Escrituras, na época dos apóstolos

Sexta - 1 Tm 5.18

As Escrituras registram os preceitos de Deus

Sábado - Jo 20.31

Escritos para a humanidade crer em Cristo e ter vida em seu nome

LEITURA EM CLASSE

JOÃO 20.30

Jo 20.30 - Jesus pois operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro.

LUCAS 1.1-4

1.1 - Tendo pois muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram,

2 - Segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra,

3 - Pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio;

4 - Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. AS FONTES INFORMATIVAS

1. A especulação das fontes informativas
2. O que João não registrou?

* SINÓTICOS: Resumo, Resumidos.

II. OS EVANGELHOS SINÓTI- COS

1. Por que os três evangelhos são chamados sinóticos?
2. Mateus
3. Marcos
- 4 Lucas

III. COM ENTENDER OS EVANGELHOS SINÓTICOS?

1. Como uma narrativas completa
2. A harmonia dos evangelhos

IV. A ATUALIDADE DO EVAN- GELHOS

1. O evangelho como mensagem
2. O evangelho como livro

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

- *Compreender* que a principal preocupação dos quatro evangelistas foi a de narrar a vida Cristo.

- *Entender* que os três primeiros evangelistas narram a vida de Cristo para três povos distintos: judeus, romanos e gregos, respectivamente.

- *Aprender* que são chamados de sinóticos, devido a similaridade que há entre eles. Nenhum deles diverge do outro, mas todos se completam, harmoniosamente.

- *Compreender* que as possíveis divergências que há, notificam apenas a diferença de estilo dos evangelistas.

Um registrou algo que o outro não anotou, mas, em compensação, os fatos se harmonizam e completam o relato.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe* aos alunos que a diferença de estilo, leva-nos, às vezes, a julgar que houve divergência no registro dos fatos. Tomemos como exemplo acidente de trânsito. O repórter de um jornal registra: “dois carros bateram no centro da cidade”; o outro jornalista noticia: “um ônibus destruiu um opala na rua do Ouvidor.. Realmente, mas, na verdade, é um só, em que o primeiro profissional o apresenta de forma sintética, e o segundo, analítica. Não seria o caso de Marcos e Lucas?

2. *Esclareça-lhes* que Mateus escreveu o seu evangelho, com o propósito de apresentar Cristo aos judeus como o Filho de Deus, o Messias prometido, o Rei esperado. Por isso, usou termos para comprovar esta grande verdade, e omitiu fatos que não lhes interessaria.

3. *Explique-lhes* que Marcos escreveu para os romanos, um povo guerreiro, possuidor de uma língua sintética (o latim), em que, para eles, o importante era o expressar-se em poucas palavras, porém, objetivas. Enquanto que Lucas detalhou, em minúcia, os fatos, para satisfazer o paladar literário de um povo requintado: os gregos. Daí, a razão do primeiro escrever a vida de Cristo em 16 capítulos, e o segundo, em 24.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• O professor da Escola Dominical tem a grande e sublime missão de ministrar a Palavra de Deus. Sua responsabilidade é bem maior do que aqueles os quais ensinam disciplinas seculares, pois lidam apenas com assuntos da esfera humana. O nosso compromisso, porém é com a eternidade. Por isso, devemos orar, e pedir a Deus graça, a fim de que sejamos felizes em nossas aulas, convictos de que alcançamos os nossos objetivos.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

No Antigo Testamento, o Messias era uma expectativa, o Cristo das profecias. Nos evangelhos, a esperança torna-se um fato, o cumprimento das promessas de Deus. Mateus, Marcos e Lucas o descreveram harmoniosamente, diferente da narrativa de João. Por isso, nós os chamamos de sinóticos, o tema central deste trimestre.

I. AS FONTES INFORMATIVAS

1. A especulação das fontes informativas. “Tendo pois muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram” (Lc 1.1). Diversos expositores afirmam que Marcos foi o primeiro evangelho escrito e que Mateus e Lucas o usaram como fonte informativa.

a) *A justificativa básica dos críticos.* Alegam que, pelo fato dos evange-

lhos sinóticos apresentarem conteúdo e apresentação muito similares, dificilmente estes escritos foram independentes uns dos outros, sem qualquer fonte informativa oral ou escrita. Procuram resolver o suposto problema com especulações. Em outras palavras, é como se fosse impossível o Espírito Santo dirigir estes evangelistas. Assim, levantaram a fonte M (Mateus), o material que só aparece neste evangelho, 300 versículos. A fonte L (Lucas), são detalhes peculiares que só aparecem em Lucas: 520 versículos. A fonte Q (“quelle”, palavra alemã que significa “fonte”): 300 versículos comuns a Mateus e Lucas. E outras fontes também foram levantadas.

b) *A falácia do Protomarcos.* Marcos é tido por muitos destes críticos como o mais antigo dos evangelhos, e serviu de fonte informativa para Mateus e Lucas. Mas parece não há evidência bíblica que justifique esta especulação. Paulo, em cerca de 57 d. C., escreveu de Roma a primeira epístola a Timóteo, e nela registra uma citação encontrada em Mateus 10.10 e Lucas 10.7: “Digno é o obreiro do seu salário” (1 Tm 5.18). Isto nos mostra que, nessa época, pelo menos, um destes dois evangelhos circulava nas igrejas, principalmente o de Lucas, cuja citação é “ipsis litteris”. Só quatro anos mais tarde, Paulo chama Timóteo para vir a Roma e pede que convide a Marcos (2 Tm 4.11). Parece uma “camisa de força” a idéia de ser Marcos um esboço para Mateus e Lucas. O primeiro evan-

gelista foi um dos doze apóstolos (Mt 10.3). Portanto, testemunha ocular do que Jesus fez e ensinou. Logo, qual seria a razão de ele se abeberar em Marcos?

c) *Explicando Lucas 1.1*. O apelo que fazem a Lucas 1.1, para justificar esta teoria, é inconsistente. Isto porque este evangelista simplesmente afirma que antes dele outros escreveram sobre Jesus. Não sabemos que escritos são estes. Talvez os de Mateus e Marcos e os que não sobreviveram, como admite A. T. Robertson, autoridade em grego e em Novo Testamento. Mas Lucas não afirma ter consultado estes escritos como fontes informativas. Declara que procurou se informar com as próprias testemunhas oculares, que depois se tornaram ministros da Palavra (Lc 1.2). Estas especulações são tão destrutivas quanto a Alta Crítica Literária do Pentateuco. As evidências neotestamentárias testificam contra a intenção destes críticos.

2. O que João não registrou? Muitos fatos que não se encontram no evangelho de João estão nos sinóticos. Eles já existiam e eram conhecidos das igrejas, visto que o discípulo amado o escreveu, juntamente com as três epístolas e o Apocalipse, no final do primeiro século. Encontramos apenas sete milagres relacionados nele. Ele mesmo afirma que Cristo fez diversos: "Jesus pois operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro" (Jo 20.30). "Livro" é uma referência ao próprio evangelho de João.

"Muitos outros sinais", omissos em sua obra, são uma alusão aos evangelhos sinóticos. É muito forçoso afirmar que os outros livros sejam uma referência às supostas fontes informativas, defendidas pelos críticos. A. T. Robertson alega que aplicar João 10.30 como uma fonte informativa Q, ou outra qualquer, é limitar muito o texto joanino em foco.

II. OS EVANGELHOS SINÓTICOS

1. Por que os três evangelhos são chamados sinóticos? Este vocábulo vem de duas palavras gregas: "syn" "com"; "opsis": "ótica, vista". "Sinótico" significa "visão conjunta". Isto se aplica a Mateus, Marcos e Lucas, porque eles são uma sinopse da vida de Cristo. Apresentam muitas semelhanças entre si, no conteúdo e na apresentação. João preocupou-se mais em descrever os discursos profundos e abstratos de Jesus, ao revelar a sua deidade absoluta. Os sinóticos revelam Cristo em ação: registraram as parábolas e os milagres de Jesus. Este nome foi aplicado a estes três primeiros evangelhos, segundo se diz, pelo erudito e crítico textual, J. J. Griesbach, por volta de 1774.

2. Mateus. Os sinóticos eram anônimos. Mateus era um dos doze apóstolos (9.9; 10.3). Mas só a partir do segundo século, seu nome se vincula a este evangelho.

a) *O testemunho da patrística.* Muitos afirmam que Mateus escreveu o seu evangelho originalmente em

hebraico, depois traduzido para o grego. Isto com base na declaração dos pais da Igreja: Papias (70-155); Irineu (130-200); Orígenes (185-254), registrada por Eusébio, de Cesaréia (264-340), historiador cristão (História Eclesiástica, Livro III. 39). Apesar de tantos testemunhos, o evangelho de Mateus não parece ser uma tradução e nem há evidência interna que comprove isso.

b) *O objetivo de Mateus.* Ele dirigiu o seu escrito aos judeus, para provar-lhes que Jesus preenchia todos os requisitos da lei e dos profetas. É o evangelho do Rei, comprovado logo na abertura: “Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). Muitos expositores admitem que esta genealogia apresenta Cristo como rei, ao uni-lo a Abraão e a Davi, para impressionar muito os judeus.

Os judeus sabiam que a promessa messiânica estava intimamente ligada a estas duas colunas do judaísmo: Abraão (Gn 12.3; Gl 3.8) e Davi (Is 9.6,7; 11.1; Jr 23.5,6). Além disso, Mateus mostra que em Jesus as profecias se concretizaram, com a freqüente expressão: “Para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta” (1.22) e a fraseologia similar (2.15,17,23). Este evangelista apresenta o Messias como o Rei, o prometido pelos profetas (Gn 49.10; 2 Sm 7.14-16; Hb 1.5).

3. Marcos. Não foi testemunha ocular dos fatos que escreveu. Segundo Papias, ele ouviu de Pedro o que registrou em seu evangelho, o que parece ter a confirmação em 1 Pedro

5.13. Foi escrito para os romanos e apresenta Jesus como o servo. Talvez isto explique a ausência da genealogia de Cristo, segundo a maioria dos expositores. Marcos escreveu seu evangelho em Roma. Tal obra foi encontrada naquela cidade. É o “evangelho da ação”: transmite muitas e valiosas informações em poucas palavras. As expressões “logo” e “imediatamente” aparecem mais de quarenta vezes.

4. Lucas. Lucas, o médico amado (Cl 4.10), foi companheiro de Paulo e dele certamente ouviu muitas coisas sobre Jesus (2 Tm 4.11). Além disso, o próprio evangelista afirma que consultou as testemunhas oculares que se tornaram ministros da Palavra (Lc 1.2). É a mais bela narrativa da vida de Cristo. Escrito num estilo elegante, mostra a sua perícia na arte literária. Sua redação é bem cuidadosa e cheia de detalhes. Foi redigido para os gregos, dirigido a um certo Teófilo, talvez um estadista ou alto funcionário do governo, pelo que se infere do pronome de tratamento “excelentíssimo” (Lc 1.3). Jesus é apresentado como o Filho do homem, pois a genealogia, apresentada neste evangelho, retrocede até Adão, que, além de ser o primeiro homem, veio diretamente de Deus.

III. COMO ENTENDER OS EVANGELHOS SINÓTICOS?

1. Como uma narrativa completa. Há apenas um Evangelho descrito e apresentado em quatro maneiras. Há muita coisa em comum nos sinóticos, mas existem também diversas peculi-

ares que só aparecem em cada um deles. Em Marcos, há 31 versículos que não aparecem nos demais. Mas, por outro lado, dos seus 661 versículos, 606 estão em Mateus. Dos 1.068 versículos do primeiro evangelho, 500 estão no segundo. Dos 1.149 versículos do terceiro, 380 estão em Marcos, e assim por diante. Há neles muito mais coisas em comum e semelhantes do que diferenças.

2. A harmonia dos evangelhos. Aprenderemos neste trimestre, com fatos e provas, que os evangelhos não se contradizem. Nenhum deles é completo. O que falta em um, aparece no outro. De modo que as aparentes discrepâncias são, na verdade, complementos destas narrativas, que formam a biografia de Jesus Cristo. Porém muitas coisas que Cristo fez e ensinou não foram escritas (Jo 21.25). Deus permitiu que se registrasse apenas o suficiente, para a salvação da humanidade. Todos eles tinham como meta principal, apresentar, em ordem cronológica, a narrativa do nascimento, ministério, paixão, morte e ressurreição do Filho de Deus.

IV. A ATUALIDADE DOS EVANGELHOS

1. O evangelho como mensagem. A palavra “evangelho” vem do grego “eu”: “bem”; “angelia”: “mensagem, notícia, novas”. Assim, o vocábulo “euangelion” quer dizer “boas novas, notícias alvissareiras”. É a mensagem de Cristo que salva o pecador: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira,

que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Há quase dois mil anos, os cristãos pregam esta Palavra, que continua cada vez mais nova.

2. O evangelho como livro. As expressões “Evangelho de Mateus”, “Evangelho de Marcos”, “Evangelho de Lucas”, neste caso, são referências às narrativas da vida de Cristo registradas por eles. Mas são apenas nomenclaturas externas, provenientes do segundo século. É, por isso, que hoje nos referimos aos evangelhos como os quatro primeiros livros do Novo Testamento.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Entendamos que os evangelhos sinóticos foram escritos em datas e locais diferentes, com o sublime propósito de registrar a biografia de Cristo. Seus escritores, portanto, não combinaram entre si o que deviam ou não escrever, para que seus escritos se assemelhassem. Inclusive o autor destes manuscritos é o Espírito Santo. Os três evangelistas foram apenas instrumentos nas mãos de Deus, para narrarem esta preciosidade de obra divina, que são os evangelhos sinóticos.

2. Jamais percamos nosso tempo com as especulações das fontes informativas. Nós acreditamos que a Bíblia é a Palavra de Deus, e os evangelhos sinóticos fazem parte dela. Não acreditamos nesta falácia de que

Mateus e Lucas inspiraram-se em Marcos, para escreverem os seus livros, pois, senão, invalidaríamos a atuação do Espírito Santo.

3. Entendemos que os quatro evangelhos redundam em um verdadeiro milagre. Mateus, apesar de testemunha ocular dos fatos, só os narrou, muito tempo depois. Marcos não foi seguidor de Jesus, por causa da idade (era muito jovem), mas conheceu o Mestre, e só escreveu o seu evangelho, provavelmente, no ano 50 d.C.; Lucas consultou os que viveram ao lado de Cristo e, dirigido por Deus, escreveu o seu livro. Para nós, não interessa a data em que foram escritos, mas o que Jesus disse em João 14.26.

GLOSSÁRIO

Abeberar: utilizar como fonte.

Discrepância: divergência; disparidade.

Estadista: pessoa entendida em negócios políticos.

Falácia: engano, ilusão; logro.

Inferir: deduzir; concluir.

Peculiar: especial; próprio; privativo de uma pessoa ou coisa.

Perícia: habilidade; destreza; capacidade.

Retroceder: recuar; voltar para trás.

Similar: que é da mesma natureza.

Sinopse: síntese; resumo; sumário.

QUESTIONÁRIO

1. Por que os três primeiros evangelhos são chamados sinóticos?

- Porque apresentam uma visão conjunta dos fatos.

2. Por que rejeitamos a teoria das fontes informativas?

- Porque cremos que o Espírito Santo inspirou cada evangelista, particularmente, a escrever o seu evangelho.

3. Cite três passagens do Novo Testamento que são contra a teoria das fontes informativas.

- a) Em 1 Timóteo 5.18, Paulo cita Mateus 10.10 e Lucas 10.7. Em 2 Timóteo 4.11, cerca de quatro anos mais tarde, Paulo chama Timóteo a Roma e pede para levar consigo a Marcos; b) Em Lucas 1.2, o autor declara que procurou se informar com as testemunhas oculares dos fatos, e não menciona qualquer dos evangelhos, ou seus autores; c) O texto de João 20.30 não serve como evidência de que seu autor se refere aos evangelhos sinóticos.

4. Qual a mensagem de cada um dos evangelhos sinóticos?

- Cristo, a salvação de Deus ao mundo pecador (Jo 3.16).

5. Como entender os evangelhos sinóticos?

- Como um único Evangelho de Cristo, completo e harmônico, entre si, descrito sob quatro pontos de vista, diferentes.

O MAIOR NO REINO DOS CÉUS

TEXTO ÁUREO

“E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro será servo de todos” (Mc 10.44).

VERDADE PRÁTICA

A singeleza, a simplicidade e o espírito subordinado de uma criança, são as qualidades pelas quais ela serve de modelo cristão.

ÉPOCA DO EVENTO: 28 d.C.

LOCAL: Cafarnaum

HINOS SUGERIDOS: 024 (124-HC) e 411 (033-HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - 1 Co 14.20

Meninos na malícia, não no entendimento

Terça - Pv 8.13

Deus aborrece a soberba e a arrogância

Quarta - Is 13.11

Deus cessará a arrogância dos atrevidos

Quinta - Ez 30.6

Será humilhado o orgulhoso

Sexta - Sl 5.5

Os arrogantes não permanecerão
Sábado - Pv 16.5

Os arrogantes são abomináveis diante de Deus

LEITURA EM CLASSE

MARCOS 9.32-37

32 - Mas eles não entendiam esta palavra, e recebavam interrogá-lo.

33 - E chegou a Cafarnaum, e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho?

34 - Mas eles calaram-se; porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior.

35 - E ele, assentando-se, chamou os doze, e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos.

36 - E, lançando mão de um menino, pô-lo no meio deles, e, tomando-o nos seus braços, disse-lhes:

37 - Qualquer que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe, não a mim, mas ao que me enviou.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. O MAIOR NO REINO DOS CÉUS

1. A causa da discussão

2. Quem é o maior?

II. O QUE NOS DIZ MATEUS E LUCAS

1. "Reino de Deus" e "reino dos céus"
2. Como o assunto chegou ao Mestre?
3. Qual o ensino de Jesus sobre a criança?

III. UM EXEMPLO A SEGUIR

1. Buscar as coisas boas
2. Entrar no reino de Deus
3. A preocupação demasiada com a posição
4. A convivência cristã

IV. POR QUE JESUS ESCOLHEU UMA CRIANÇA NESTE ENSINO?

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

- *Entender* que Jesus não veio ao mundo com o propósito de libertar os Judeus do jugo romano, mas de salvar os pecadores da condenação eterna.

- *Compreender* que o reino de Deus já se estabeleceu na terra, através da Igreja de Cristo, sua legítima representante.

- *Empenhar-se*, para que a soberba jamais tome conta de seus corações, pois esta tem sido a causa da queda de muitos.

- *Entender* que, para pertencerem ao reino dos céus, é necessário

revestir-se da simplicidade de uma criança.

SUGESTÕES PRÁTICAS

Sugerimos ao predileto professor que evite fugir do assunto ora estudado nesta lição:

1. *Utilize* os seis versículos que fazem parte da leitura em classe e faça uma explanação a respeito dos mesmos, na abertura da aula.

Ore a Deus, a fim de que o Espírito Santo o inspire nesta sublime tarefa de interpretar a sua Palavra. Com certeza, o Senhor lhe concederá a vitória.

2. O esboço é um excelente meio pelo qual você será bem sucedido como professor da Escola Bíblica Dominical. Ele está impresso em sua revista, exatamente para lhe ajudar nesta árdua tarefa de preparar a lição. *Faça bom proveito dele. Apenas, acrescente os subsídios que forem necessários para o enriquecimento de sua aula.*

3. *Jamais* se apresente diante de sua classe, sem antes ter estudado a lição. Se, porventura, tiver alguma dúvida, dissipe-a, perguntando a alguém que for mais experiente do que você. Isto não é desonroso. O pior é demonstrar insegurança, facilmente percebida por seus alunos. Confie no Senhor, pois Ele é quem nos capacita.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

- A disciplina em uma sala de aula é muito importante. Permita que

seus alunos participem ativamente deste estudo, pois isto é uma necessidade no processo ensino-aprendizagem. Mas seja firme, tão logo surja qualquer problema, por menor que seja. Na casa de Deus, tudo deve ser feito com decência e ordem (1 Co 14.40).

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Quem é o maior no reino dos céus? Esta pergunta nos previne contra o orgulho, a arrogância e a soberba. Os discípulos aguardavam, para aqueles dias, o estabelecimento do governo messiânico, pois a visão deles era de um reino político que restaurasse o trono de Davi e livrasse os judeus do jugo romano. Não levavam em conta a declaração de Cristo sobre a sua paixão e morte. Preocupavam-se com a posição que, como súditos do reino, ocupariam naquele reinado. Mas Jesus deu-lhes uma lição de humildade que serve para todos os cristãos ao longo da história, ao usar uma criança como ilustração.

I. O MAIOR NO REINO DOS CÉUS

A tendência humana é esquecer logo os fatos, quando o assunto não lhe interessa. Jesus havia falado, mais de uma vez, sobre a sua paixão e morte (v.32), mas os discípulos “não entendiam esta palavra”.

1. A causa da discussão. “Que estáveis vós discutindo pelo cami-

nho?” (v.33). Pedro recebeu certos elogios do Mestre (Mt 16.16-18). Juntamente com João e Tiago foi convidado, dentre os doze, para subir ao monte, na ocasião da Transfiguração (Mc 9.2). Parece que ele, mais uma vez, sobressaiu-se na questão do tributo (Mt 17.24-26). Certamente, os três pensavam em certos privilégios, quando se instalasse o reino. Os demais, sem dúvida, já se preocupavam com suas posições, uma vez que não se destacavam no serviço do Mestre.

2. Quem é o maior? “Tinham disputado entre si qual era o maior” (v.34). Ao ouvir a pergunta de Jesus, os discípulos ficaram envergonhados: “mas eles calaram-se”. O Filho de Deus preocupava-se com a redenção humana, mediante a cruz do Calvário. Ele, Senhor de tudo (Fp 2.10-11), submeteu-se à humildade, veio para servir (Mt 20.28). A tendência natural do homem é desejar ser o maior, pela aparência, possuir posses e riquezas, vestir-se bem, ter capacidade intelectual e prestígio social (Mt 20.25). Mas, no reino de Deus, as coisas são diferentes. Jesus disse: “Mas entre vós não é assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal” (Mc 10.43).

Jesus, certa ocasião, afirmou que não houve entre os nascidos de mulher alguém maior que João Batista, mas o menor no reino dos céus era maior que ele (Mt 11.11). Era superior a Abraão, Moisés, Davi, etc., segundo a declaração do Mestre. Entretanto, o menor no reino dos céus era maior que o precur-

sor de Cristo. Quem é este maior que João? O próprio Jesus que considerou a si mesmo o menor (Mt 20.28); o apóstolo Paulo afirmou que Ele se fez menor (Fp 2.6-7). Portanto, Cristo é o maior no reino dos céus (Ef 1.20-22).

II. O QUE NOS DIZ A RESPEITO MATEUS E LUCAS

1. “Reino de Deus” e “reino dos céus” são a mesma coisa. A segunda expressão é tipicamente judaica e é peculiar a Mateus, enquanto Marcos e Lucas registram “reino de Deus”. O mal do orgulho e o pecado da ambição são uma constante na vida humana. Nem os discípulos estavam isentos disso. Os evangelhos narram outro incidente semelhante (Mt 20.17-28; Mc 10.32-45). Isto sem considerar os acontecimentos do ministério de Cristo que não foram registrados (Jo 21.25). Jesus ensinava continuamente estas lições de humildade, com paciência e compaixão (Sl 103.13,14).

2. Como o assunto chegou ao Mestre? Os discípulos con-fabulavam, quando retornavam para Cafarnaum e Jesus perguntou-lhes o que discutiam (vv. 33,34). Mateus começa a sua narrativa justamente no ponto em que eles perguntavam a Cristo quem era o maior no reino dos céus (18.1). Lucas declara que, enquanto os discípulos discutiam, Jesus via o pensamento dos seus corações (9.46,47). O relato do terceiro evangelho é mais um sumário deste acontecimento. Assim, em vez de contradições, estas narrativas se completam e dão uma visão geral sobre o

assunto. Cada evangelista narrou uma faceta do episódio, e, na soma, temos o registro completo dos fatos.

3. Qual o ensino de Jesus sobre a criança? “Lançando mão de um menino, pô-lo no meio deles” (v.36). Mateus foi o único a registrar que o cristão deve se portar na humildade de uma criança, para ser o maior no reino dos céus (18.3,4). Os demais escreveram apenas que devemos recebê-las no nome de Jesus (Mc 9.37; Lc 9.47).

III. UM EXEMPLO A SEGUIR

1. Buscar as coisas boas. O que está em pauta é o conceito elevado feito por alguém, de si mesmo: a presunção. Isto não é um tipo de esforço para se vencer na vida. Deus quer o melhor para seus filhos (Dt 28.12-13). O cristão deve trabalhar, estudar e batalhar de maneira honesta, a fim de glorificar a Deus, e ser bem sucedido em seus negócios. O pecado está na presunção, no desejo de grandeza, para o seu próprio deleite (Tg 4.3) Na esfera espiritual, acontece a mesma coisa. O apóstolo Paulo ensina que se alguém pretende o episcopado, deseja uma excelente coisa (1 Tm 3.1). No entanto, o delito reside no fato de se pretender o referido cargo, para ostentar-se, e não por amor à obra e pelo bem servir aos irmãos (Mt 6.1).

2. Entrar no reino de Deus. Para ser um cristão autêntico, é necessário nascer de novo (Jo 3.3). Entrar no reino de Deus significa começar vida nova. “Se não vos converterdes e não

vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mt 18.3). “Converter” significa mudar de rumo, e “tornar-se como meninos”, compreende viver em singeleza e simplicidade. É a renovação contínua (2 Co 3.18). A conversão não significa apenas humildade, fé e simplicidade, mas também o recomeço de vida.

3. A preocupação demasiada com a posição. Os discípulos consideravam o reino de Deus como os governos temporais dos homens. Preocupavam-se, com certeza, em saber qual a posição de cada um deles. Quem seria o “primus inter pares”, o general, o juiz supremo, o conselheiro, etc. Ao passo que deviam ocupar-se na obra do Mestre. Ainda hoje há pessoas preocupadas com a sua posição na igreja. Não estão interessadas no trabalho de evangelização, em contribuir para o bem-estar do povo de Deus, mas o coração volta-se para a grandeza e o status.

Geralmente, estas pessoas são um problema para o pastor e a igreja. Jefé só lutou em favor de seus irmãos, quando lhe foi dado o cargo de chefe (Jz 11.9). Então, se a proposta fosse rejeitada, os seus irmãos pereceriam nas mãos dos inimigos? Onde está o patriotismo e o desejo de ver o bem-estar de seus compatriotas? Devemos primeiro nos preocupar com o reino de Deus (Mt 6.33).

4. A convivência cristã. O relacionamento cristão deve ser sem vanglória, mas num espírito de humildade e respeito mútuo dentro do amor

fraternal (Sl 133.1; Fp 2.1-5). Os discípulos não responderam à pergunta de Jesus, porque se envergonharam com a atitude mesquinha de grandeza praticada por eles (v. 34). Este é o pecado que precisamos manter longe de nós, com maior vigilância. Devemos ser meninos na malícia e não no entendimento (1 Co 14.20; Ef 4.14).

IV. POR QUE JESUS ESCOLHEU UMA CRIANÇA NESTE ENSINO?

O espírito infantil se coaduna com o reino de Deus, pois está revestido de simplicidade e singeleza. Não há nele o pecado de preconceito. Um príncipezinho brinca perfeitamente o dia inteiro com um filho de maltrapilho, sem levar em conta a sua posição social, mostrando-se amigável, desde que não haja interferência dos adultos. Há, sim, um espírito de admiração constante com qualquer coisa que sirva de brinquedo. Não existe malícia e nem ambição. É de uma candura impressionante. Jesus escolheu uma criança, porque as suas características são alguns dos requisitos para os súditos do seu reino.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. O desejo de Deus, ao criar o homem à sua imagem e semelhança, era o de permanecer em comunhão com a sua obra prima eternamente. A desobediência, entretanto, afastou-nos do nosso Pai Celestial. Mas Jesus veio ao mundo e restabeleceu o reino

do céus. Por seu intermédio, hoje, nos temos comunhão com o nosso Criador.

2. Os Judeus aguardavam um Messias guerreiro que os livrasse do poderio romano. No entanto, Jesus nasceu humildemente, pois o principal motivo de sua vinda era o de estabelecer o reino de Deus em nossas vidas. Hoje, apesar dos muitos problemas do dia-a-dia, somos felizes, pois nos tornamos o templo do Espírito Santo.

3. Aprendemos, nesta lição, que é necessário sermos humildes, para pertencermos ao reino de Deus. Jesus, a fim de nos ensinar tão sublime mensagem, chamou uma criança e declarou que se não nos tornássemos semelhantes a ela, jamais nos tornaríamos súditos deste governo. É necessário, portanto, vivermos em simplicidade, para nos perdermos o direito de nossa cidadania.

GLOSSÁRIO

Ambição: desejo incontrolável; aspiração sem moderação.

Arrogância: altivez; insolência; presunção.

Confabular: conversar; prostrar; dialogar.

Faceta: pequena face; relato.

Incidente: acontecimento desagradável; tumulto.

Peculiar: especial; próprio; privativo de uma pessoa ou coisa.

Precursor: aquele que vai adiante; anunciante da chegada de alguém.

Sobressair: destacar-se; ressaltar.

Sumário: resumido; feito sem formalidades.

Transfiguração: estado glorioso em que Cristo apareceu sobre o monte tabor.

QUESTIONÁRIO

1. Qual o maior no reino dos céus?

- O Senhor Jesus Cristo.

2. Por que os detalhes de cada evangelho não representam uma contradição?

- Porque eles se completam e dão uma visão geral sobre o assunto.

3. O que a narrativa condena na conduta humana?

- A falta de humildade, a presunção.

4. O que a criança possui, para ser imitado?

- Simplicidade.

5. Por que Jesus chamou um menino para ensinar esta verdade?

- Jesus escolheu uma criança, porque as suas características são alguns dos requisitos para os súditos do seu reino.

O JOVEM RICO

TEXTO ÁUREO

"Porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (Lc 12.15b).

VERDADE PRÁTICA

É lícito o crente possuir a riqueza, mas não a riqueza possuir o crente.

ÉPOCA DO EVENTO: 28 a.C.

LOCAL: Caminho da Galiléia para Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 459(37 HCA) e 532(186 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Pv 11.4

As riquezas para nada servirão no dia da ira

Terça - 1 Tm 6.10

Deus condena o amor ao dinheiro

Quarta - Pv 19.4

As riquezas não duram para sempre

Quinta - Jr 9.23-24

O crente não deve confiar na riqueza

Sexta - Ec 5.12

A fartura do rico não o deixa dormir

Sábado - Mt 6.24

Não se pode servir a Deus e a riqueza

LEITURA EM CLASSE

MATEUS 19.16-30

16 - E eis que, aproximando-se dele um mancebo, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?

17 - E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.

18 - Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho;

19 - Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

20 - Disse-lhe o mancebo: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda?

21 - Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me.

22 - E o mancebo, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades.

23 - Disse então aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus.

24 - E outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

25 - Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá pois salvar-se?

26 - E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível.

27 - Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos?

28 - E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vós assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.

29 - E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna.

30 - Porém muitos primeiros serão os derradeiros, e muitos derradeiros serão os primeiros.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. PROCURANDO A PESSOA CERTA

1. A ansiedade da alma humana
2. Guardando os mandamentos
3. O convite para seguir a Jesus

II. A MENSAGEM DA NARRATIVA

1. A avareza é idolatria
2. A insensatez da fé nas riquezas

III. O QUE NOS DIZ MARCOS E LUCAS

1. Harmonizando as narrativas
2. Analisando a expressão: "Por que me chamas bom?"

IV. A SALVAÇÃO DOS RICOS

1. "Um camelo pelo fundo duma agulha"
2. Por que é difícil um rico se salvar?
3. A recompensa dos discípulos

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

• *Compreender* que a felicidade não consiste em se possuir riquezas, mas em se ter comunhão com Deus, a verdadeira fonte da alegria.

• *Entender* que é difícil o rico se salvar, pois o seu coração está confiado nas riquezas que possui, e não em Deus, seu criador.

• *Reconhecer* que Deus é quem possui todas as coisas, pois é o Criador de tudo. Ele é, portanto, dono do ouro, da prata e todas as riquezas terrestres.

• *Compreender* que o homem é apenas mordomo dos bens que Deus lhe confiou. Por isso, é que, no nascimento, nada traz, e na morte, nada leva.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Enfatize* bem para os alunos de sua classe bíblica dominical que Je-

sus é a pessoa certa que procuramos. Por isso, Ele declarou: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14.6). Todos os que aceitam a Cristo como Salvador, e o seguem fielmente, reservam para si a maior riqueza do céu; a vida eterna.

2. *Explique* aos alunos que Deus enviou o seu Filho para salvar a todos, inclusive os ricos. Se eles aceitam a Jesus de todo coração e dedicam-se à obra de Deus, serão salvos, pois o Senhor não faz acepção de pessoas. Vemos muitos exemplos, na Bíblia, de homens que possuíram riquezas e foram salvos. Entre eles, citamos Abraão, Isaque, Davi, Salomão, etc.

3. *Mostre* aos alunos que as riquezas celestiais, das quais somos herdeiros, valem muito mais do que as materiais. Se aquele jovem rico conhecesse esta grande verdade, teria vendido seus bens, distribuído o dinheiro entre os pobres, seguido a Jesus e hoje estaria descansando no Paraíso, no aguardo da herança dos filhos de Deus.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• Jamais impeça que os alunos participem ativamente do assunto estudado, a cada domingo, na Escola Dominical. Apenas estabeleça pequenas regras que ajudem no comportamento deles. Pergunte e certifique de que eles entenderam toda a lição. Caso contrário, recapitule os

pontos obscuros e os esclareça. Não tenha receio de que não gostem de você. Às vezes, é só impressão. Se for verdade, com o tempo o compreenderão.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Esta passagem aparece na sua íntegra nos três evangelhos sinóticos. Isto mostra que se trata de um assunto que requer atenção especial. Esta narrativa causou grande perplexidade na Igreja primitiva por duas razões principais: 1) na concepção judaica, a riqueza era sinal de bênção de Deus; 2) a entrada do rico no reino de Deus ficou muito remota.

I. PROCURANDO A PESSOA CERTA

1. A ansiedade da alma humana.

O jovem era rico. Lucas diz que era “um homem de posição” (Lc 18.18). Mas havia nele um vazio na alma, aquela lacuna que nem mesmo a sua riqueza preenchia, senão Jesus. Ele se dirigiu à pessoa certa, na hora exata e fez a pergunta autêntica, sobre a salvação: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Mc 10.17). Cristo respondeu: “Por que me chamas bom? (vv.16,17). O Mestre não se recusou ser chamado de bom. O título de “bom” não era dado a qualquer pessoa, nem mesmo aos reverendos rabinos. Era uma proibição expressa no Talmude. Podemos parafrasear a pergunta de Jesus da seguinte forma: “Crês

que há algo além de humano em mim, e julgas que me pertence o título de “bom”, e isto só é atinente ao Senhor? Somente Deus é bom, e Jesus também. Logo Ele é Deus. Esta grande verdade está explícita em toda Bíblia (Is 9.6; Jo 1.1; 10.30; 20.28; Cl 2.9; 1 Jo 5.20).

2. Guardando os mandamentos.

Estes mandamentos (vv. 19,20) são uma referência ao Decálogo (Êx 20.2-17; Dt 5.6-21). Os rabinos dividiram-nos em dois grupos distintos: os que tratam do relacionamento do homem com Deus, os três primeiros; e os sociais, que se referem ao relacionamento do homem com o seu próximo, os citados por Jesus (vv. 18,19). O sábado pertenciam a qualquer um destes grupos. Os três primeiros mandamentos estão omissos nesta listagem (Êx 20.2-7), mas eles estão embutidos no versículo 17, e o sábado ficou de fora (Cl 2.14-16).

3. O convite para seguir a Jesus.

Ainda faltava uma coisa para o jovem rico (vv. 20,21). Ele guardava os mandamentos, mas a lei não justifica o pecador; antes o condena (Cl 2.14). Por seu intermédio, vem o conhecimento do pecado, e ela não pode salvar o pecador (Rm 3.19,20). O Talmude afirma que é possível o homem guardar os dez mandamentos. Mas a Bíblia diz que basta violar um deles, para que alguém seja culpado de todos (Tg 2.11). Não é o fato de se guardar as ordenanças que se tem direito de obter a vida eterna. Ela consiste em se conhecer a Jesus (Jo 17.3), e crer em sua morte expiatória (Rm 3.21-25). A salvação é

pela fé (Ef 2.8-10; Tt 3.5). Estas coisas só são possíveis, quando seguimos Cristo. Mas a idéia de renunciar a riqueza, para conquistar um tesouro no Céu, entristeceu o jovem rico, e, por isso, se retirou. A vida eterna vale mais que todo o ouro do mundo (Mt 6.20; 16.26; Lc 9.25). A atitude daquele mancebo revelou ser ele um prisioneiro dos bens materiais, tanto como muitos ricos de hoje (1 Tm 6.10-17).

II. A MENSAGEM DA NARRATIVA

1. **A avareza é idolatria.** Ninguém é condenado por ser rico e nem salvo por ser pobre. A Bíblia ensina que nem a pobreza e nem a riqueza são virtudes. Apesar de os profetas da prosperidade afirmarem que ser pobre é maldição, isto é uma falácia, pois a vida do homem não se completa nos bens que possui (Lc 12.15). Não devemos ir para um extremo e nem para o outro (Pv 30.8,9). É verdade que a riqueza é uma bênção de Deus, desde que seja adquirida de maneira honesta, não vise exclusivamente os deleites (Tg 4.3), e nem domine a pessoa. Também é bom saber que a pobreza não é símbolo de maldição divina (Pv 17.1; 1 Tm 6.7-9). A Bíblia condena o amor ao dinheiro (1 Tm 6.10), pois a avareza é reputada como idolatria (Cl 3.5). Tudo o que o homem ama mais do que o seu Criador, isto se torna o seu “deus” (Fp 3.19).

2. **A insensatez da fé nas riquezas.** A moralidade do jovem rico é desmascarada, quando ele cai em fla-

grante contradição: “Tudo isto tenho guardado desde a minha mocidade” (v. 20). Entretanto, “retirou-se triste” (v. 22), porque considerou muito difícil distribuir a sua riqueza aos pobres. No entanto, ele acabou de afirmar que os amava como a si mesmo. Devemos honrar a Deus com as nossas fazendas (Pv 3.9), porque nada trouxemos a este mundo e nem dele levaremos (1 Tm 6.7). Somos apenas mordomos e administradores dos bens que o Senhor nos confiou. Certa vez, Nabal recusou-se ajudar a Davi, numa época em que o filho de Jessé estava faminto e muito necessitado. O marido de Abigail usou as expressões “meu pão”, “minha água”, “minhas reses” e “meus tosquiadores” (1 Sm 25.10,11). Mas Deus retirou a sua vida (1 Sm 25.38; Lc 12.20).

Resultado: Davi foi servido da mesma forma, Nabal morreu, e sua viúva, Abigail, casou-se com Davi (25.42). A obtusidade do avaro, muitas vezes, leva a conseqüências funestas. Infelizmente, ainda existem na igreja os que colocam o dinheiro em primeiro lugar, em suas vidas. Afirmam amar a Deus, mas quando chega a hora de provar, isso, retiram-se tristes, porque ainda não foram libertos. Continuam prisioneiros da riqueza. O crente rico deve confiar em Deus e não na sua riqueza (Jr 9.23,24; 1 Tm 6.17).

III. O QUE NOS DIZ MARCOS E LUCAS

1. Harmonizando as narrativas.

Em Mateus aparece, na listagem dos

mandamentos, o amor ao próximo (v.19); em Marcos vem a expressão “não defraudarás alguém” (Mc 10.19). Mas ambas declaram a mesma coisa. Quando Jesus fala para o jovem rico sobre os mandamentos, Mateus é o único que registra a pergunta do jovem: “Quais?” (v. 18). Somente Lucas afirma que era um homem de posição, pois o chama de um príncipe (Lc 18.18). Somente Marcos revelou que Jesus estava a caminho e o moço ajoelhou-se diante dele (Mc 10.17).

2. Analisando a expressão “Por que me chamas bom?” A questão mais séria é com relação ao versículo 17: “Porque me chamas bom?” A ARA diz: “Por que me perguntas acerca do que é bom?”. Fraseologia similar encontramos na Tradução Brasileira e na Versão Revisada. Assim está nos melhores manuscritos. Há certa dificuldade para se saber porque Mateus narrou de forma diferente de Marcos e Lucas. O Espírito Santo, ao inspirar o primeiro evangelista, mostrou que a expressão: “Por que me chamas bom?” não é uma negação da deidade absoluta de Cristo. O segundo e terceiro registraram literalmente as palavras de Jesus. Mateus escreveu a expressão parafraseada. João Ferreira de Almeida usou o *Textus Receptus* como base para traduzir o Novo Testamento. Esta tradução foi publicada em 1516. Nela aparece desta maneira: “Por que me chamas bom?”, em Mateus 19.17. Isto explica a referida passagem na ARC.

IV. A SALVAÇÃO DOS RICOS

Aquele jovem, ao retirar-se triste, por considerar sua riqueza melhor do que a vida eterna, ou por ser dominado por ela (v.22), Jesus aproveitou a ocasião para explicar porque é difícil um rico entrar no reino dos céus (v. 23).

1. **“Um camelo pelo fundo duma agulha”** (v.24). Alguns acham que traduzir **kámelos**, por “corda, cabo” ficaria melhor. Isto na suposição de que houve uma corruptela na palavra “camelo”. No entanto, o vocábulo para “corda, cabo” é **kámilos**. Esta interpretação é inconsistente e forçada, apesar de algumas traduções trazerem “cabo”. No entanto, isso contraria os manuscritos gregos. Apenas é uma tentativa de atenuar o que Jesus disse. O certo é que estas palavras do Mestre são proverbiais, para mostrar como é difícil um rico salvar-se. Este dito era comum na literatura rabínica, onde aparecia o termo elefante, em vez do camelo. Cristo fez esta modificação por ser o dromedário o maior animal doméstico da região.

2. **Por que é difícil um rico salvar-se?** O versículo 24 é a chave do ensino desta passagem. Nos Salmos, encontramos o contraste entre os ricos e os pobres (Sl 10.9; 12.5 etc). Da mesma forma, descobrimos no Novo Testamento (Tg 2.1-7; 5.1-4). Raramente, o rico não é possuído pelas suas riquezas e deixa de confiar nelas. Elas, para a maioria deles são o seu “deus” (Fp 3.19). Difícilmente, alguém fará uma crítica honesta a um ato de um abastar-

do, e reprovará uma atitude dele (Pv 28.11). Esta passagem é uma amostra da perspectiva sombria de muitos poderosos com relação às coisas de Deus. É difícil o rico salvar-se, mas não impossível (v. 26), Zaqueu possuía muitos bens e foi salvo por Jesus (Lc 19.2,9), da mesma forma que José de Arimatéia (Mt 27.57). Além dos grandes homens de Deus do Antigo Testamento, como Salomão (1 Rs 10.23); Ezequias (2 Cr 32.27), etc.

3. **A recompensa dos discípulos.** Os discípulos viram esta cena e ouviram as observações do Mestre, com relação ao rico. Pedro, como o mais intrépido dos doze, perguntou qual seria a recompensa dos que seguiam a Jesus. Eles deixaram tudo por amor a Cristo: pai, mãe, irmão, filhos e propriedades (v. 27). É verdade que abdicaram muito pouco em relação à riqueza do jovem rico. Mas o “tudo” deles representava o mesmo que o “tudo” daquele mancebo. O convite para sentar-se em tronos para julgar as tribos de Israel é somente para os doze apóstolos (v.28). Quem deixar tudo por amor de Cristo, ganha “muitas vezes mais”, ou “cem vezes mais”, e, por fim, a vida eterna. Esta promessa diz respeito a todos os cristãos que tomarem esta decisão.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. O ser humano tem sede de Deus. Por isso, entre todos os povos, as tribos e nações, o homem manifesta a sua religiosidade, através dos muitos cultos desti-

nados às suas divindades. Mas só Jesus é capaz de anular esta ansiedade da alma, pois veio ao mundo para resgatar a nossa vida eterna e nos livrar da condenação.

2. A riqueza não será um empecilho para a salvação do homem, desde que ele não coloque o seu coração na mesma, e tenha tempo para se dedicar ao Senhor. Muitos, por causa do desejo ardente de se tornarem ricos, empenham-se demasiadamente em busca dos bens materiais e esquecem de se preparar para o encontro com o seu Criador, e partem desta vida sem Deus, paz e salvação.

3. Muitos cristãos desejam possuir muitos bens materiais e não os conseguem, apesar de pedirem insistentemente a Deus. No entanto, não os alcançam pois o Senhor bem sabe que se os adquirirem, desviar-se-ão. Por isso, permanecem pobres até partirem para a eternidade, onde encontrarão um tesouro imarcescível que a traça e a ferrugem não corroem.

GLOSSÁRIO

Atinente: que diz respeito a; pertencente; concernente.

Decálogo: os dez mandamentos contidos nas duas pedras entregues por Deus a Moisés.

Falácia: engano; ilusão.

Flagrante: evidente; diz-se do ato em cuja prática a pessoa é surpreendida.

Lacuna: espaço vazio;

Mordomo: do latim "maior domus", o maior de casa; o que administra bens que não são seus.

Obtusidade: qualidade de quem é rude, estúpido.

Perplexidade: assombro; inquietação; intranquilidade.

Remoto: difícil; quase impossível.

Talmude: Fonte de onde se deriva a Lei Judaica. Os Judeus ortodoxos o adota como regra de fé e prática.

QUESTIONÁRIO

1. Por que o jovem rico procurou a Jesus?

- Porque ele desejava saber o que fazer para herdar a vida eterna.

2. Por que Jesus lhe perguntou "Por que me chamas bom"?

- Porque queria submeter à prova a fé do jovem, pois a pergunta deste, chamando-o **bom Mestre**, dava a entender que ele reconhecia ser Jesus o próprio Deus humanado.

3. Conforme Jesus, o que faltava ao moço, para herdar a vida eterna?

- Vender todos os seus bens e dá-los aos pobres.

4. Porque o jovem retirou-se triste?

- Porque ele amava as suas riquezas mais do que a Deus.

5. Que lição aprendemos com a atitude do jovem rico?

- Que o desejo sincero de servir Deus traduz-se por atos e não por palavras somente. De nada serve conhecer os mandamentos e não cumpri-los.

O ENSINO DE CRISTO SOBRE A RESSURREIÇÃO

TEXTO ÁUREO

“Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele” (1 Ts 4.14).

VERDADE PRÁTICA

A ressurreição dos mortos representa a completa vitória de Cristo sobre a morte. Por isso, ela é tão combatida pelos incrédulos.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C.

LOCAL: Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 597 (422 HCA) e 617 (242 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Is 26.19; Dn 12.2
A ressurreição ensinada no Antigo Testamento

Terça - Jo 5.29
A ressurreição da vida e a do juízo

Quarta - Jo 11.25
Jesus é a ressurreição e a vida

Quinta - At 17.32

Os incrédulos zombam da ressurreição dos mortos

Sexta - 1 Ts 4.16,17

A ressurreição dos justos no Arrebatamento da Igreja

Sábado - Ap 20.12,13

A ressurreição universal

LEITURA EM CLASSE

MARCOS 12.18-27

18 - Então os saduceus, que dizem que não há ressurreição, aproximaram-se dele, e perguntaram-lhe, dizendo:

19 - Mestre, Moisés nos escreveu que, se morresse o irmão de alguém, e deixasse mulher e não deixasse filhos, seu irmão tomasse a mulher dele, e suscitasse descendência a seu irmão.

20 - Ora havia sete irmãos, e o primeiro tomou mulher, e morreu sem deixar descendência;

21 - E o segundo também a tomou e morreu, e nem este deixou descendência; e o terceiro da mesma maneira.

22 - E tomaram-na os sete, sem, contudo, terem deixado descendência. Finalmente, depois de todos, morreu também a mulher.

23 - Na ressurreição, pois, quando ressuscitarem, de qual destes será a mulher? porque os sete a tiveram por mulher.

24 - E Jesus, respondendo, disse-lhes: Porventura não errais vós em razão de não saberdes as Escrituras nem o poder de Deus?

25 - Porquanto, quando ressuscitarem dos mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que estão nos céus.

26 - E, acerca dos mortos que houverem de ressuscitar, não tendes lido no livro de Moisés como Deus lhe falou na sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó?

27 - Ora, Deus não é de mortos, mas sim é Deus de vivos. Por isso vós errais muito.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. A RESSUREIÇÃO DOS MORTOS

1. Uma doutrina combatida pelos incrédulos
2. O sentido da ressurreição
3. Quem eram os saduceus?

II. O CASAMENTO POR LEVITATO

1. A lei de Moisés
2. Os sete irmãos

III. A RESPOSTA DE JESUS

1. Os incrédulos erram, por não conhecerem as Escrituras e nem o poder de Deus.
2. O casamento é coisa desta vida
3. A ressurreição na lei de Moisés

IV. A NARRATIVA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

Compreender que, assim como Jesus ressuscitou dos mortos, Ele, agora, tem um compromisso de, em breve, chamar os que dormem nos sepulcros.

Entender que a ressurreição de Cristo constitui-se no principal evento do Cristianismo. Se Ele não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé.

Compreender que lá no céu não há casamento. Por isso, seremos como os anjos, os quais não se reproduzem e nem se multiplicam.

Entender que o sexo foi estabelecido por Deus no homem e nos animais, por causa do sublime propósito da procriação.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. Informe aos alunos que a ressurreição dos mortos é comparada a antiga colheita dos Judeus, dividida em três partes: *primícias*: eram colhidas as primeiras espigas da terra, e oferecida a Deus; *sega geral*: recolhiam todo fruto maduro e deixavam o verde para depois; *rabisco*: retornavam ao campo e levavam os que ficaram anteriormente, por não estarem amadurecidos.

2. Esclareça-lhes que Jesus e os que ressuscitaram na hora de sua morte (Mt 27.52,53), representam as

primícias; os que morreram no temor do Senhor, desde Jesus, e os vivos, os quais serão arrebatados, pertencem à *sega geral*; e os que não negarem a Cristo, durante a Grande Tribulação, constituirão o *rabisco*.

3. Explique a eles que os demais mortos, os quais não participaram de nenhuma destas três etapas, relacionadas no item anterior, ficarão para a última ressurreição diante do Tro-no Branco, para serem julgados, momento em que serão abertos os registros. As pessoas, cujos nomes não estiverem no livro da vida, serão lançadas no Inferno (Ap 20.15). Por isso, a Bíblia afirma: “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição” (Ap 20.5).

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• Participar, não significa apenas vir à Escola Dominical, de vez em quando, e ouvir, discordar, perguntar e debater sobre determinado assunto. É muito mais do que isso. Entende-se como participante, o aluno que, chova ou faça sol, jamais falta, senão, por um motivo muito justo. É de sua responsabilidade, meu prezado professor, pela sua boa maneira de ministrar a aula, a frequência de todos a cada domingo.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Esta mesma narrativa está registrada em Mateus 22.23-33 e Lucas

20.27-40. A situação ridícula, criada pelos saduceus, contribuiu, de certa forma, para que nós, hoje, conhecêssemos algo mais sobre a vida futura. A ideologia materialista dos saduceus foi reduzida a cinza pela resposta de Jesus. Não tiveram argumentos, e até desistiram de mais interrogatórios, não só eles, mas todas as autoridades judaicas.

I. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

1. **Uma doutrina combatida pelos incrédulos**(v.18). A passagem em apreço mostra quão antiga é a incredulidade. Mas não eram só os saduceus que negavam a ressurreição dos mortos. Os gregos também procediam da mesma forma (At 17.32; 1 Co 15.12). Na atualidade, não só os céticos materialistas, mas muitos grupos religiosos rejeitam esta doutrina bíblica como o Espiritismo, a Legião da Boa Vontade, as Testemunhas-de-Jeová, etc.

Os “saduceus” da atualidade negam esta verdade bíblica, mas não assumem isso publicamente. Usam muito a palavra “ressurreição”, mas a negam na definição e exposição. Definem este vocábulo como o ato de um indivíduo ser recriado com as mesmas características e personalidades. A Bíblia diz que o corpo, sepultado, será reerguido (1 Co 15.35-44). Jesus declarou que os mortos ouvirão a sua voz (Jo 5.28,29). Os salvos, que foram sepultados, compreenderão a voz de Cristo, assim como Lázaro a entendeu, após permacer quatro dias no sepulcro (Jo 11.39, 43,44). Mas o que pre-

gam muitos por aí é algo semelhante ao ensino dos saduceus, com pequenas exceções. Estes incrédulos zombam da ressurreição, como os estóicos e epicureus de Atenas (At 17.32), e os saduceus, com a história ridícula que inventaram, para fazerem chacota de Jesus.

2. O sentido da ressurreição. A palavra “ressurreição”, nesta passagem, vem do grego “anástasis”, que, etimologicamente, significa “levantar, erguer”. Isto se refere ao soerguer dentre os mortos, ou seja, tornar a viver. Quando isso acontece apenas como restauração da vida, simplesmente, a pessoa morre novamente. Oito casos destes estão registrados na Bíblia: o filho da viúva de Sarepta (1 Rs 17.17-23); o filho da sunamita (2 Rs 4.18-36); o homem que foi lançado no sepulcro do profeta Eliseu (2 Rs 13.20-21); a filha de Jairo (Mc 5.35-42); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-15); a ressurreição de Lázaro (Jo 11.25-44); Dorcas (At 9.36-42) e de Êutico (At 20.9-12).

Estes fatos aconteceram apenas para comprovar a existência de outra vida. Por isso, essas pessoas morreram de novo. Mas a ressurreição de que tratamos, na passagem dos saduceus, é para a eternidade. Prevista no Antigo Testamento (Sl 49.13; Is 26.19; Dn 12.2), e desdobrada em todo o Novo Testamento. O ressurgir dos mortos é uma necessidade, pois representa a total vitória de Cristo sobre a morte (1 Co 54-57).

3. Quem eram os saduceus? (v.18).

Os saduceus eram os intelectuais da época de Cristo, e membros do Sinédrio,

o supremo tribunal judaico. Rejeitavam o Antigo Testamento, pois só aceitavam, com restrições, o Pentateuco. Os três evangelhos sinóticos afirmam que eles não criam na ressurreição (Mt 22.23; Mc 12.18; Lc 20.27). Eles não admitiam a existência de anjos e nem de espíritos (At 23.8). Diziam que a crença no ressurgimento dos mortos não se coadunava com os escritos de Moisés. O historiador Flávio Josefo declara que, mediante o entendimento deles, o corpo morria com a alma (Antiguidades, Livro 18. 1.760). Eles se opunham aos fariseus neste particular, mas se uniram, com o propósito de somarem as forças, e matarem a Jesus.

II. O CASAMENTO POR LEVIRATO

1. A lei de Moisés. A lei do levirato consistia no casamento do cunhado com a viúva, caso esta não tivesse filho com o marido. O irmão do falecido devia tomá-la por mulher. Este preceito já existia antes de Moisés (Gn 38.8), que apenas o regulamentou (Dt 25.5-10) Tal nome vem da palavra latina “levir”, que significa “irmão do marido”. Outro exemplo é o casamento de Rute (Rt 4.4-10), ainda que com algumas diferenças. A lei do levirato existe ainda hoje em Israel e entre os judeus espalhados nas nações. Geralmente, faz-se a liberação, pois nem sempre o casamento é realizado. Os saduceus citaram para Jesus essa tradição (v.19).

2. Os sete irmãos (vv. 20-22). O argumento deles era artificial e até

jocosos. A intenção era, não só desacreditar Jesus diante do povo, como fazer chacotas. Por isso, criaram uma situação ridícula e desenvolveram o seu argumento. O caso de uma mulher enviudar várias vezes, e casar-se com sete irmãos, os quais todos morrerem, é uma invenção dos saduceus. Difícilmente, o terceiro ou o quarto jovem a teria tomado por mulher. Seria considerado um mau presságio, principalmente numa comunidade extremamente supersticiosa.

III. A RESPOSTA DE JESUS

1. Os incrédulos erram por não conhecerem as Escrituras e nem o poder de Deus (v.4). Os saduceus julgavam-se mestres da Lei, e orgulhavam-se disso. Mas não sabiam que, na verdade, nada conheciam dos escritos de Moisés. A arma deles era o raciocínio e o argumento supostamente baseados nas Escrituras.

Hoje, existem diversos grupos, especialistas em raciocínios e argumentos aparentemente bíblicos, com o propósito de persuadir o povo. Eles têm até manuais específicos, para combater a fé cristã. Negam a ressurreição física de nosso Senhor. Afirmam que Deus criou outra pessoa com as mesmas características e personalidades de Cristo. O corpo de Jesus, pendurado no madeiro, desapareceu. Afirmam que Maria Madalena o chamou de jardineiro, em João 20.15. Porque, realmente, Ele não era o que fora morto. Estes e outros argumentos contra a fé cristã são apresentados por muitos,

entre eles, as Testemunhas-de-Jeová, por não conhecerem as Escrituras e nem o poder de Deus. Apesar de se considerarem os melhores intérpretes da Bíblia, como os saduceus, e os seus argumentos serem, aparentemente, baseados nas Escrituras, contudo, precisam conhecer melhor a Palavra de Deus. É claro que Madalena não reconheceu a Jesus, porque ainda era escuro (Jo 20.1). Além disso, com esse argumento, declaram, acintosamente, que Deus teve a capacidade de fazer outro Jesus igual ao primeiro.

2. O casamento é coisa desta vida (v.25). Jesus desmantelou, completamente, os artifícios e as ideologias dos saduceus. Eles apresentaram a **lei do levirato**, como obstáculo para a vida futura, e, conseqüentemente, a ressurreição. O mormonismo prega e pratica o casamento para a eternidade. É feito um pacto, para que, em caso de morte de um dos cônjuges, o outro permaneça viúvo, para tornarem a viver juntos no Céu. Isto porque não conhecem a Bíblia e nem o poder de Deus.

Jesus disse: “Os filhos deste mundo casam-se, e dão-se em casamento” (Lc 20.34). Na eternidade, esclareceu Cristo, isto não acontecerá, por três razões: a) não podem mais morrer; b) são iguais aos anjos; c) são filhos da ressurreição (Lc 20.35-36). Por isso, a morte anula legalmente o casamento, e fica o cônjuge viúvo livre para casar com quem quiser, desde que seja no Senhor (1 Co 7.39).

3. A ressurreição na lei de Moisés (v. 26). É verdade que há mal que vem

para bem. A pergunta dos saduceus contribuiu para o Cristianismo entender melhor a eternidade. Neste sentido, somos agradecidos a eles por esta contribuição. Jamais esperavam ouvir tal resposta de Jesus. Consideravam-se profundos conhecedores da lei de Moisés. Em suas meticulosas pesquisas, nunca descobriram a doutrina da ressurreição. Mas Cristo afirmou que eles não conheciam as Escrituras. Mostrou-lhes que a passagem da sarça ardente (Êx 3.6), ensina sobre a vida futura. Deus não disse: "Eu era o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque..." mas, sim: "Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó" (v. 26). Isto prova que esses patriarcas ainda estavam vivos para Jeová.

Portanto, os saduceus estavam grandemente enganados com a sua religião e suas crenças. Eles ficaram perplexos e estarecidos com a resposta magistral de Jesus, e não era para menos. Não imaginavam que alguém fosse capaz de provar, pela lei de Moisés, a doutrina do mundo vindouro. Os patriarcas realmente aguardam uma pátria melhor (Hb 11.16).

IV. A NARRATIVA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Marcos registrou alguns detalhes que Mateus omitiu. Somente Lucas revela as razões por que não há necessidade de casamento na ressurreição (Lc 20.34-36). O primeiro evangelista, ao citar Êxodo 3.6, não diz explicitamente que a passagem se refere à lei de Moisés (Mt 22.31,32), como o fize-

ram o segundo e o terceiro (Mc 12.26; Lc 20.37). Isto reforça a declaração do historiador Flávio Josefo, quando afirma que os saduceus só aceitavam, com certas restrições, o Pentateuco (Antiguidades, Livro 13. 18.544, CPAD), como procedem, hoje, os samaritanos, os quais admitem somente a lei de Moisés. Estas facetas de cada evangelho complementam o episódio, e concedem uma visão completa e harmoniosa dos fatos.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. A respeito da ressurreição dos mortos, esta é uma doutrina bíblica que devemos aceitar pela fé. Os discípulos não acreditaram na notícia sobre o sepulcro vazio. Jesus, ao lhes aparecer pela primeira vez, os exortou duramente, por não terem admitido este acontecimento. Um deles, ausente naquela ocasião, foi repreendido, por causa de sua incredulidade: "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram" (Jo 20.29).

2. Aquele doutor da lei inventou a história fantasiosa dos sete irmãos que casaram com uma mesma mulher, sabedor de que tal fato dificilmente aconteceria, pois o terceiro ou o quarto jovem desistiria daquele ideal, para não morrer. Ele apenas arquitetou um plano, para desmoralizar Jesus perante a multidão. Ficou tão desorientado com a resposta do Mestre, que mudou de idéia, reconheceu seu erro e admitiu a excelente sabedoria de Cristo.

3. Nos dias atuais, também somos abordados por pessoas inescrupulosas que nos fazem perguntas capciosas, com único propósito de nos embaraçar. Tenhamos paciência com elas! No entanto, jamais lhes respondamos se não tivermos a convicção de que estamos certos. Digamos-lhes que vamos pesquisar, para, depois, darmos o resposta, pois às vezes, elas sabem mais do que nós, e só nos perguntam para nos testar.

GLOSSÁRIO

Acintoso: que premedita uma ação, para desgostar alguém; provocador.

Cético: que duvida de tudo; descrente.

Chacota: zombaria; humilhação; desprezo.

Coadunar: combinar; conciliar.

Epicureu: seguidor da escola filofófica fundada por Epicuro (341-270 C.), que pretendia substituir o bem pelos prazeres sensuais e o mal pela dor.

Estóico: seguidor da escola filofófica, fundada na Grécia por Zénon, em insensível aos males físicos e morais.

Ideologia: sistema de idéias; convicção religiosas ou políticas.

Jocosos: engraçado; divertido; alegre.

Magistral: perfeito; completo; relativo a mestre.

Presságio: previsão; pressentimento.

QUESTIONÁRIO

1. Qual o significado da ressurreição dos mortos?

- A ressurreição dos mortos é uma das doutrinas básicas do Cristianismo, e significa que a vida não se resume ao mundo físico, mas abrange o espiritual, pois o homem é uma unidade composta: espírito, alma e corpo. Ela proclama a vitória cabal de Cristo sobre a morte.

2. Quem eram os saduceus e quais suas crenças?

- Eram os intelectuais da época de Cristo. Negavam a ressurreição dos mortos e a existência dos anjos. Rejeitavam o Antigo Testamento (aceitavam, com restrições, o Pentateuco).

3. Quem são os saduceus da atualidade?

- Os materialistas e alguns grupos religiosos que negam a ressurreição dos mortos.

4. Cite três pontos da resposta de Jesus que esmagaram os saduceus.

1. Jesus declarou que eles não conheciam as Escrituras, nem o poder de Deus.

2. Disse-lhes que Deus é Deus de vivos e não de mortos (Êx 3.6).

3. Afirmou-lhes que os que ressuscitarem, não se casarão, nem se darão em casamento, pois serão como os anjos.

5. Por que as peculiaridades de cada evangelho não são uma contradição?

- Porque elas se completam, dando uma visão harmônica dos fatos.

O GRANDE MANDAMENTO

TEXTO ÁUREO

“Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: Este é o primeiro mandamento” (Mc 12.30).

VERDADE PRÁTICA

O amor a Deus e ao próximo é a essência de toda a lei e os profetas.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C.

LOCAL: Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 389 (145 HCA) e 394 (432 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - 1 Jo 4.8-10

O amor do Deus Pai

Terça - Gl 2.20

O amor do Deus Filho

Quarta - Rm 15.30

O amor do Deus Espírito Santo

Quinta - Dt 10.12; 11.1

O amor do Deus Trino

Sexta - Jo 13.34,35

O amor fraternal

Sábado - Pv 10.12

O amor cobre as transgressões

LEITURA EM CLASSE

MARCOS 12.28-34

28 - Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?

29 - E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

30 - Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento.

31 - E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.

32 - E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele;

33 - E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.

34 - E Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. AS ESCOLAS RABÍNICAS

1. "Um dos escribas"
2. "Qual o primeiro de todos os mandamentos?"
3. O motivo da pergunta

II. O PRIMEIRO E GRANDE MANDAMENTO

1. "Shemá Israel"
2. Amar a Deus

III. O SEGUNDO E GRANDE MANDAMENTO

1. "O segundo, semelhante a este"
2. O amor ao próximo na prática

IV. A REAÇÃO DO INTÉRPRETE DA LEI

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

- *Compreender* que o primeiro de todos os mandamentos é o amar a Deus sobre todas as coisas.

- *Entender* que o segundo é semelhante ao primeiro: amar o próximo como a si mesmo.

- *Empenhar-se*, para que o amor a Deus jamais seja substituído por nada desta vida.

- *Lutar*, para que este amor, devido ao próximo, seja dedicado também aos inimigos.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Diga* aos alunos que o primeiro mandamento é o amar a Deus sobre todas as coisas, pois não merecíamos a salvação, devido a transgressão de nossos primeiros pais no Jardim do Éden. Por este motivo, fomos destituídos da glória eterna. Então, o Pai, como demonstração de grande amor por nós, enviou seu Filho, para morrer por nós. Por isso, Ele merece esta dedicação especial.

2. *Esclareça-lhes* que é impossível amar a Deus, quando odiamos os nossos irmãos. Além de transgredirmos o segundo mandamento, mentimos, pois o apóstolo João declara: "Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu" (1 Jo 4.20).

3. *Informe-lhes* que este amor, o qual Jesus se refere como o segundo mandamento, não é o dedicado aos nossos pais, irmãos, cônjuges, filhos, parentes e amigos, mas, sim, o devotado a todos os que precisam de nossa ajuda, sejam eles, inclusive, nossos inimigos, de acordo com o ensinamento de Cristo na parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37).

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

- *Estude* o comentário da revista do professor, criteriosamente, durante a semana, com a Bíblia ao lado, para conferir todas as referências. Se possí-

vel, consulte bons livros a respeito do assunto a ser estudado no próximo domingo.

Desta forma, você terá confiança em si mesmo, e e segurança para permitir que os alunos perguntem e tirem as dúvidas. Assim, tudo concorrerá para que sua aula tenha a participação ativa de toda a classe.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Na questão do tributo, os fariseus e os herodianos, após sua derrota em público, se retiraram. Em seguida, aparecem os saduceus, com a questão da ressurreição. Jesus mostra a eles o quanto são ignorantes com relação às Escrituras e ao poder de Deus. O primeiro grupo se reúne e envia um intérprete da Lei, para perguntar a Cristo qual era o grande mandamento (Mt 22.34). O assunto era extremamente importante. Será que ele estava realmente interessado? Ou era mais um desejoso de desacreditar Jesus diante do povo? Estudaremos este assunto nesta lição.

I. AS ESCOLAS RABÍNICAS

1. “Um dos escribas” (v. 28). Mateus 22.35 diz que era um intérprete da Lei. Marcos registra “grammateus”, “escriba”. Lucas, na passagem do bom samaritano (Lc 10.25), afirma ser um “nomikós”, “advogado, doutor, intérprete” da Lei.

Esta última tradução é a melhor, um intérprete que ouviu a disputa de Jesus com os saduceus. O ofício dos escribas consistia na elaboração de cópias das Escrituras, para sua preservação, pois não havia ainda o processo de impressão, e era tudo manual. Eles se encarregavam de conservar estas Escrituras, mediante novos textos por eles reproduzidos. O intérprete podia, ao mesmo tempo, ser escriba, e doutor da lei encarregado de ensinar ao povo. Era versado no Pentateuco.

2. “Qual o primeiro de todos os mandamentos?” Havia, naquela época, muitas escolas religiosas, e rivais entre si. A de Shamai e a de Hilel eram as principais e paradoxas. A primeira, extremamente radical, e a outra liberal. Existiam muitas disputas entre elas sobre a prioridade dos mandamentos. Os rabinos diziam que a lei de Moisés consistia em 613 preceitos, divididos em dois grupos. Os preceitos positivos (o que se deve fazer), em número de 248, que representavam o número de órgãos do corpo humano, para a medicina da época; os negativos (o que não é permitido fazer), 365, e representavam os dias do ano. Estas determinações, segundo eles, foram reduzidas a 11, nos dias de Davi (Sl 15.2-5); a 6, nos dias do profeta Isaias (Is 33.15); depois a 3 (Mq 6.8); 2 (Am 5.4); e, finalmente a 1: “O justo pela sua fé viverá” (Hc 2.4), a doutrina pregada pelo apóstolo Paulo (Rm 1.17; Gl 3.11). Mas a questão não ficava só nisso. Desejavam saber qual o maior de todos os mandamentos. Jesus ensi-

nou, com base nas próprias Escrituras, que o grande e primeiro mandamento é amar a Deus acima de todas as coisas (v. 30).

3. O motivo da pergunta. Este intérprete era conhecedor da lei, embora admitamos que ele não esperava uma resposta tão profunda, com base na própria Lei, da qual era doutor. Certamente, conhecia as escolas de Shamai e Hilel. Ele fez esta pergunta para tentar, ou seja, experimentar a Jesus (Mt 22.35). Não se preocupava em aprender com Jesus, mas procurava colocá-lo numa enrascada e, deste modo, desacreditá-lo diante do povo. Matthew Henry, um de nossos clássicos da Teologia, afirma que o propósito dele era ganhar fama. Veio a Jesus na esperança de adquirir prestígio, ao colocar em situação difícil, aquele que derrotou publicamente os fariseus, herodianos e saduceus. Eles procuravam desacreditar Jesus. Não só isso, mas matá-lo, ao se utilizarem da política. Porém, este intérprete da Lei foi mais meticuloso, e referiu-se diretamente à confissão da fé dos judeus.

II. O PRIMEIRO E GRANDE MANDAMENTO

1. “Shemá Israel” (v. 29). Só Marcos incluiu, no seu relato, o “Shemá”, a confissão de fé do judaísmo, conservada até hoje, que significa: “Ouve Israel” (Dt 6.4). Encontramos nesta passagem dois pontos extremamente significativos: o Senhor é o Deus de Israel, e Ele é único. As Escrituras ensinam que só existe um

Ser (2Rs 19.15; Sl 86.10). Esta doutrina foi ratificada pelo Senhor Jesus, na passagem em apreço.

Esta citação de Deuteronômio 6.4: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”, não anula a doutrina bíblica da Trindade. Isto porque a palavra “único”, no hebraico, é “echad”, que admite o conceito de uma unidade composta. A união de um casal se expressa desta maneira, sendo ambos, marido e mulher, “uma só carne”, em hebraico: “levassar echad” (Gn 2.24).

A palavra hebraica para “unidade absoluta” é “iachid” (Gn 22.2). Marido e mulher são duas pessoas distintas que formam uma só carne. Isso ajuda a compreensão do ensinamento bíblico sobre a Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas distintas, em uma só divindade (Dt 6.4; Mt 28.19). Esta doutrina está incluída no primeiro e grande mandamento. Quem ama a Deus acima de todas as coisas, deve conhecê-lo melhor, para obter a vida eterna (Jo 17.39).

2. Amar a Deus (v. 30). Os termos “coração, alma, entendimento e forças” revelam um amor com a entrega total do ser humano. Significa amar a Deus sem restrição. Os três primeiros mandamentos do Decálogo falam desta dedicação e justificam a razão dela: “Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.2,3). Ele nos tirou da casa da servidão, e livrou-nos da condenação eterna. Portanto, tem todo o direito de reger nossas vidas.

É impressionante a força e o impacto que Deuteronômio 6.4 tem causado, não só aos filhos de Israel, mas a todos os cristãos. É uma mensagem que fala profundamente aos nossos corações: “O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um!”. A Ele devemos amar de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso entendimento e de todas as nossas forças. A citação de Jesus é uma combinação de Deuteronômio 6.4,5 com Levítico 19.18. Ele acrescentou ainda a palavra “entendimento”, e completa, assim, o sentido deste amor para com Deus.

A palavra “coração” expressa, em hebraico, o centro do pensamento do homem; “alma”, é a sede das emoções, da vontade e dos sentimentos; “entendimento”, fala do intelecto. A nossa inteligência deve ser empregada não somente para o conhecimento de Deus, mas também em benefício de sua obra; “força” ou “poder”, conforme Deuteronômio 6.5, fala de atividade, serviço. Este amor é o princípio ativo que rege a personalidade de todo o ser, e não meramente um sentimento emocional. É capaz de romper os vínculos mais íntimos e poderosos do ser humano. Da mesma forma que amamos a Deus, devemos também honrar a Jesus, pois Ele é igual ao Pai (Jo 1.1; 5.23; 10.30-33). Cristo ensinou que segui-lo é algo que ultrapassa quaisquer vínculos familiares (Mt 10.37). Requerer isto do ser humano seria uma blasfêmia, se Ele não fosse divino (Jo 5.22,23). Assim como Israel devia amar o seu Deus todos os dias (Dt 6.5; 10.12;

11.1), da mesma forma, dediquemos nosso amor ao Senhor Jesus Cristo, eternamente.

III. O SEGUNDO E GRANDE MANDAMENTO

1. “O segundo, semelhante a este” (v. 31). A semelhança consiste em ressaltar o amor. Por seu intermédio, o homem se relaciona com Deus, para sua glória, e com o próximo, para o seu bem. Assim, estão ligados a devoção absoluta a Deus e o respeito ao seu semelhante.

Seis mandamentos do Decálogo referem-se ao relacionamento do homem com o seu próximo (Êx 20.13-17; Dt 5.17-21). O apóstolo Paulo diz que isto se resume nestas palavras: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Rm 13.10). Portanto, o cumprimento da Lei é o amor (Rm 13.11). Nada pode haver como interpolação entre o amor a Deus e o dedicado ao próximo, pois amar a um, e não ao outro, é algo incompatível (1 Jo 4.20).

2. O amor ao próximo na prática. Há pessoas, grupos religiosos e seitas que pregam o amor como meio e não como finalidade. Na verdade, não praticam o que ensinam. Aprendemos desde nossa infância que a religião foi instituída por Deus, para a felicidade e o bem-estar humano. Para que o homem honre a Deus e respeite o seu próximo.

Entretanto, o mundo está cheio de seitas e religiões que ensinam a matar e a odiar os que não receberem suas

crenças. Apresentam um amor ao próximo, ao ponto de desobedecerem as autoridades e à Palavra de Deus, e até se recusam a prestar o serviço militar, e odeiam as pessoas que não pertencem ao seu grupo religioso. Ao passo que Jesus manda amar até mesmo os inimigos (Lc 6.17). Alguns pregam o amor somente aos que amam seus deuses. Quem se recusar a isto, deve morrer. No entanto, Jesus nos informou: "Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas" (Mt 7.12).

Muitos são religiosos, professam amar a Deus, mas não são capazes de gostarem do próximo. O amor a Deus e ao nosso semelhante é algo inseparável. É o sistema ético de Jesus que deve envolver a humanidade inteira. Quem ama o próximo, cumpriu a lei (Rm 13.8). Os demais mandamentos são uma consequência destes dois. Quem rouba, mata e comete adultério não respeita o semelhante e nem o Senhor, que proíbe terminantemente estas práticas. Por isso, Jesus disse que destes dois grandes mandamentos dependem toda a lei e os profetas (Mt 22.40).

IV. A REAÇÃO DO INTÉRPRETE DA LEI

A resposta de Jesus causou profundo impacto no intérprete da lei (32,33). Muitos fariseus ouviram respostas e discursos inéditos de Cristo. Admiravam a sua doutrina e sabiam que nele havia algo especial, que não existia nos

outros homens. Todavia, continuaram na indiferença, e odiavam a Jesus. Mas este doutor da lei declarou publicamente que concordava com o Mestre, e repetiu as palavras do grande mandamento, citadas pelo nosso Senhor, e ficou profundamente impressionado. Ele fez a pergunta com a intenção de experimentar Cristo (Mt 22.35). Mas reconheceu a excelência da sabedoria do Mestre, além de aprender que seus ensinamentos baseavam-se na própria lei de Moisés. Esta mudança brusca levou Jesus a dizer-lhe: "Não estás longe do reino de Deus" (v. 34).

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Realmente, é uma ingratidão nossa, quando não amamos a Deus sobre todas as coisas. Nós somos transgressores e indignos, por natureza, da salvação. Mas o Senhor, em demonstração do seu grande apreço por nós, "amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

2. Para quem não é nascido de novo, é muito difícil amar o próximo como a si mesmo, pois, nós, por natureza, somos egoístas. Mas quando nos convertemos, tornamo-nos altruístas: renunciamos a nossa própria vida em prol do nosso semelhante. A inveja é dissipada, e o bom é vivermos como os nossos irmãos da Igreja primitiva: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão,

e nas orações. E todos os que criam, estavam juntos, e tinham tudo em comum” (At 2.42,44).

3. Jesus nos prova, em todas as suas decisões tomadas, ser Ele realmente o Filho de Deus que havia de vir ao mundo. Aquele doutor da Lei, que o interrogou, para o experimentar (Mt 22.35), compreendeu que Cristo possuía uma sabedoria extraordinária, capaz de calar qualquer sábio. Aceitou, de bom grado, a sua resposta, e jamais se atreveu a lhe perguntar alguma coisa.

GLOSSÁRIO

Decálogo: os dez mandamentos da lei de Deus.

Enrascada: dificuldade; embaraço; situação perigosa.

Intérprete: aquele que esclarece ou indica o que não era conhecido.

Liberal: partidário do liberalismo; flexível; tolerante; compreensível.

Meticuloso: detalhista; esmiuçador; escrupuloso; calculista.

Paradoxo: opinião contrária a comum; diferente um do outro.

Prioridade: qualidade do que está em primeiro lugar; primazia.

Rabino: doutor da lei israelita; ministro do culto judaico; o mesmo que rabi.

Radical: partidário do radicalismo; inflexível; intransigente.

Ratificar: validar; confirmar; comprovar.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as principais disputas das escolas rabínicas?

- Definir a prioridade dos mandamentos.

2. O que é o “Shemá Israel”, para os judeus?

- A confissão de fé do Judaísmo

3. Qual o primeiro mandamento?

- Amar a Deus sobre todas as coisas.

4. Qual o segundo mandamento?

- Amar o próximo como a si mesmo.

5. Por que toda lei e os profetas se resumem neste dois mandamentos?

- Porque todos os demais são decorrentes destes.

O PODER DE CRISTO SOBRE OS DEMÔNIOS

TEXTO ÁUREO

“Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dai” (Mt 10.8).

VERDADE PRÁTICA

A cura do endemoninhado gadareno mostra que Jesus tem todo o poder, não somente no Céu e na Terra, mas até nas profundezas do Abismo.

ÉPOCA DO EVENTO: 27 d.C.

LOCAL: GADARA

HINOS SUGERIDOS: 223 (116 HCA) e 416 (273 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Lc 11.14

Jesus expulsa o demônio que era mudo

Terça - Lc 4.41

Ao serem expulsos, os demônios gritavam

Quarta - Mt 25.41

Satanás e seus anjos já têm um lugar preparado

Quinta - Lc 9.1

Jesus nos deu poder sobre os demônios

Sexta - Jo 16.11; Cl 2.15

Satanás foi vencido por Jesus, na cruz do Calvário

Sábado - Rm 16.20

Em breve, Deus esmagará Satanás debaixo de nossos pés

LEITURA EM CLASSE

LUCAS 8.26-39

26 - E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galiléia.

27 - E, quando desceu para a terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônios, e não andava vestido, nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros.

28 - E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando, e dizendo com grande voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes.

29 - Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos.

30 - E perguntou-lhes Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios.

31 - E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo.

32 - E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho.

33 - E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despeadeiro no lago, e afogou-se.

34 - E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos.

35 - E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram ter com Jesus. Acharam então o homem, de quem haviam saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram.

36 - E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoninhado.

37 - E toda a multidão da terra dos gadarenos ao redor lhe rogou que se retirasse deles; porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou.

38 - E aquele homem, de quem haviam saído os demônios, rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo:

39 - Torna para tua casa, e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. UM HOMEM POSSESO DE DEMÔNIOS

1. Satanás e suas hostes
2. As características dos possessos

II. O PODER DE JESUS SOBRE O REINO DAS TREVAS

1. "Jesus, Filho do Deus Altíssimo"
2. Expulsar demônios e não conversar com eles
3. Legião

III. CONVIDADO A SE RETIRAR

1. A manada de porcos
2. A libertação do oprimido
3. O estranho pedido do povo

IV. A HARMONIA DA NARRATIVA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

1. O número de endemoninhados
2. O local do episódio

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

• *Compreender* que os demônios são seres maus, governados por Satanás, que dominam as faculdades mentais de certas pessoas, com o propósito de escravizá-las e, depois, destruí-las.

• *Entender* que Jesus possui poderes ilimitados sobre os demônios. Por isso, curvam-se diante dele, e fogem, ao ouvirem a sua voz.

• *Compreender* que a vida de um ser humano vale muito mais do que milhares de porcos. Para que entendêssemos isso, Jesus atendeu o pedido dos demônios.

• *Entender* que Jesus não concordou com o pedido do gadareno, pois desejava que ele anunciasse aos seus o que Deus, por sua infinita misericórdia, fizera em seu benefício.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe* aos alunos que, por uma alma perdida, Jesus não mede sacrifícios para salvá-la. O exemplo disso encontramos nesta lição, quando Cristo, depois de um dia cansativo, ainda teve disposição para viajar naquela noite, enfrentar uma tempestade, com o único objetivo de libertar uma pobre alma das garras de Satanás.

2. *Esclareça* a eles que jamais tenham medo dos demônios, pois Jesus possui total poder sobre o reino das trevas, e é em nome de Cristo que os expulsamos. No entanto, se não estivermos em condições espirituais, para enfrentá-los, não arrisquemos, pois nos sujeitamos a passar pelo vexame a que foram submetidos os filhos do sacerdote Ceva (At 19.15,16).

3. *Explique-lhes* que, conforme Mateus, eram dois endemoninhados. Marcos e Lucas apresentam apenas um, o mais violento e feroz deles que,

após sua libertação, tornou-se evangelista intinerante, e anunciou nas dez cidades (Decápolis) quão grandes coisas o Senhor lhe fizera, e como teve misericórdia dele. Todos se admiraram (Mc 5.19,20).

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• *Tente*, por todos os meios, cativar a amizade dos seus alunos. Chame-os todos pelos seus nomes, e demonstre interesse em ajudá-los nas suas necessidades, ainda que seja apenas em oração. Desta forma, eles sempre o terão como amigo, e tudo farão para participar constantemente da Escola Bíblica Dominical, pois sentir-se-ão motivados a aprender mais e mais a Palavra de Deus.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Esta passagem está registrada também em Mateus 8.28-34 e Marcos 5.1-20, e mostra-nos a soberania absoluta de Jesus Cristo sobre o Diabo e seus anjos. O Novo Testamento revela a existência de seres espirituais que se apossam das pessoas, e assenhoram-se delas. Isto também é comprovado pela experiência humana, ao longo da história da Igreja.

I. UM HOMEM POSSESSO DE DEMÔNIOS

1. Satanás e suas hostes. A procedência dos demônios é considerada, por alguns, ainda obscura. A

Bíblia não apresenta detalhes sobre sua origem. Muitas passagens registram sua manifestação e as características de suas vítimas, quando possesas. A Escritura Sagrada diz que Satanás é seu o chefe (Mt 25.41). No princípio, Deus criou o querubim ungido, perfeito em sabedoria e em formosura, era o selo da simetria (Ez 28.12-15). Ele se rebelou contra o Senhor e foi expulso do Céu (Is 14.12-15; Lc 10.18; Ap 12.8-9). Com sua queda, vieram com ele os que aderiram a rebelião (2 Pe 2.4; Jd 6). Apesar da Bíblia não fornecer detalhes sobre os demônios, diversas passagens bíblicas falam a seu respeito.

2. As características dos possesos (vv. 27, 29). A possessão demoníaca é um fenômeno maligno, revelado desde a sessão espírita até o estado estupefante do gadareno. Os demônios aparecem como agentes causadores de males, concedem as suas vítimas características típicas, como força sobre-humana (Mt 8.28; 17.15; At 19.16), poder de adivinhar (At 16.16), conhecimento sobrenatural (v.28). Eles, ao possuir as pessoas, dominam suas faculdades mentais, e levam-nas à demência (Mt 4.24; 17.15). Às vezes, incapacitam de falar e de ver (Mt 9.32; 12.22).

O endemoninhado gadareno vivia nos sepulcros, desnudo, e era tão violento que nem mesmo os grilhões e as cadeias podiam detê-lo. Corria pelos montes e desertos e se feria com pedras. O fato de ele morar no cemitério é uma demonstração de sua total

insanidade mental. Este lugar tem muita afinidade com o espírito imundo, por causa de sua natureza mórbida e melancólica. O seu comportamento violento e sobrenatural, para sua própria destruição, e a perturbação de seus vizinhos, revela a natureza destruidora de Satanás, que veio para “roubar, a matar, e a destruir” (Jo 10.10). Mas Jesus veio para neutralizar as obras do Diabo (1 Jo 3.8).

II. O PODER DE JESUS SOBRE TODO O REINO DAS TREVAS

1. “Jesus, Filho do Deus Altíssimo” (v.28). Os demônios conhecem Jesus. Sabem que é mais forte do que seu chefe, e admitem ser Ele é o Filho do Deus Altíssimo (Mc 1.23-24). É de se lamentar que muitos homens ainda não descobriram que Jesus é o Messias. Os demônios têm medo do nosso Salvador, e até estremecem diante dele (Tg 2.19), pois Ele veio para desfazer as obras do Diabo (1 Jo 3.8). O espírito imundo disse: “Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” (Mt 8.29).

Isto mostra que a presença de Jesus é um tormento para o reino das trevas e esse encontro serviu como um prenúncio da condenação final do Diabo e seus anjos (Mt 25.41). Os demônios sabem que há um tempo determinado para o juízo divino sobre as hostes infernais, e temem, por isso.

2. Expulsar demônios e não conversar com eles. Alguns procuram

dialogar com os demônios, porque Jesus perguntou ao espírito imundo qual era o seu nome.

a) *A autoridade de Jesus.* Jesus manifestou seu poder sobre toda a natureza: o vento, o mar, a morte, as enfermidades, etc. Os demônios estremeceem diante dele. Eles são obrigados a obedecer ao Senhor. Nesta passagem, vemos os espíritos imundos, ou pelo menos o porta-voz deles, suplicarem e pedirem três coisas: não os mandasse para a outra região (Mc 5.10); não os enviasse para o abismo antes do tempo (Mt 8.29); e permitisse a entrada deles na manada de porcos que pastava próximo daquele local (v. 32). A força de Satanás é muito limitada diante do poder de Jesus. O inimigo de nossas almas não realiza tudo o que deseja (Jo 1.12; 2.4-5). Os demônios fizeram este pedido, porque não suportaram a presença de Cristo.

b) *"Expulsai os demônios"* (Mt 10.89). Esta é a ordem que recebemos do Senhor. Jesus não entrevistou os demônios. Apenas perguntou o seu nome, para que confessassem publicamente quem era o responsável pela miséria do gadareno. É claro que Cristo sabia perfeitamente com quem tratava, mas desejava que os discípulos ouvissem os próprios espíritos imundos falarem. Nós devemos expulsá-los em nome de Jesus (Mt 10.8) e não manter diálogo com eles. O Diabo é o pai da mentira (Jo 8.44).

3. *Legião* (v. 30). Jesus perguntou como o espírito imundo se cha-

mava. Ele respondeu: "Legião é o meu nome, porque somos muitos" (Mc 5.10). Uma legião romana era constituída de 6.000 soldados. Ainda que aquele número de demônios não fosse o mesmo, eles, realmente, eram muitos. São numerosos, poderosos, organizados e batalham sob uma mesma bandeira, a de Satanás. Lutam contra Deus e a sua glória; Cristo e o seu Evangelho, o cristão e a sua santidade (Ef 6.10-12). O homem, por si só, não tem força suficiente para enfrentá-los. Todos precisam de Jesus, da comunhão com Ele, para dele receberem o poder e, assim, expulsá-los, pois Cristo nos deu esta autoridade (Lc 10.19-20).

III. CONVIDADO A SE RETIRAR

1. *A manada de porcos* (32-33). Deus proibiu aos filhos de Israel o consumo de carne de porco (Lv 11.7; Dt 14.8). Esta determinação era uma prescrição dietética, e visava a saúde e o bem-estar do povo. Moisés o colocou como preceito religioso, para que o povo considerasse o assunto e o levasse a sério. Esta ordem é observada ainda hoje pelos judeus, e a chamam de "kashrut". Como é de caráter salutar, o Novo Testamento não apresenta alguma restrição quanto ao consumo de carne suína (1 Tm 4.3-5).

A proibição mencionada por Moisés transformou o porco numa repugnância nacional. A tradição judaica dizia que demônios e suínos são uma boa combinação. Os judeus

consideravam os demônios pertencentes à mesma ordem. Isto parece ser confirmado, quando pediram para entrar naquela manada. A população de Decápolis era mista descendentes de judeus e gregos. A criação deste animal não era permitida aos israelitas. É provável que o porqueiros fossem gentios. O prejuízo foi grande, pois eram, aproximadamente, dois mil porcos (Mc 5.13). Eles não resistiram a opressão, precipitaram-se por um despenhadeiro, e afogaram-se no lago (v. 33).

2. A libertação do oprimido. A extraordinária libertação do gadareno, logo chamou a atenção da multidão. Muita gente se reuniu para ver o que acontecera, pois a cura repentina do endemoninhado era algo espantoso. Encontraram o homem em perfeito juízo, vestido, e junto com Jesus (vv 34-36). Glorificamos a Deus, quando vemos pessoas oprimidas pelo maligno serem libertas pelo poder de Cristo. Ele também nos delegou esta tarefa (Mt 10.8; Lc 10.19,20).

3. O estranho pedido do povo. Jesus foi convidado a se retirar da terra dos gadarenos, por causa do prejuízo causado aos porqueiros (v.34, 37). Os porcos valiam mais que a vida humana, na concepção daquela gente. Esta estranha recepção causa-nos tristeza e espanto: Por que o herói é convidado a se retirar? Será que o endemoninhado, com a sua ferocidade e violência sobre-humana, não representava uma ameaça

para a comunidade? Ou o perigo para aquela sociedade era Jesus? Ainda hoje, há os que vendem a sua primogenitura por um prato de lentilha. Os porcos são mais valiosos que as dádivas de Deus, para certas pessoas. Jesus simplesmente voltou para a Galiléia. Ele só entra numa vida, quando a pessoa abre a porta (o coração) (Ap 3.20). Ele não viola os direitos humanos.

IV. A HARMONIA DA NARRATIVA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

1. O número de endemoninhados. Mateus afirma que foram dois endemoninhados (Mt 8.28). Marcos e Lucas registram apenas um (Mc 5.2; Lc 8.27). O motivo é que o segundo e o terceiro evangelistas registraram apenas o mais violento e feroz deles.

2. O local do episódio. Gersa localizava-se no lado oriental do mar da Galiléia. Pertencia ao distrito de Gadara. Segundo Flávio Josefo, havia outra cidade com o mesmo nome, uma metrópole da Peréia. Tanto ela como o distrito de mesmo nome, faziam parte de uma região administrativa, em Gileade. De modo que Gersa, Gersa e Gadara estão na mesma localidade, onde ocorreu o episódio. Gersa apresenta todas as características topográficas descritas na narrativa. A. T. Robertson diz que Gersa "está no distrito da cidade de Gadara, a uns poucos quilôme-

tros ao sudeste, de modo que o local pode receber o nome de Gerasa ou Gadara”.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Conforme lemos em Isaías 61.1, o ministério de Jesus consistiria também na libertação dos endemoninhados. Sabeedor de que esta opressão seria uma constante nas vidas de muitas pessoas, Ele nos concedeu o poder, para que, em seu nome, expulsássemos demônios, orássemos pelos enfermos a fim de que recebessem a cura de suas enfermidades.

2. Assim que Jesus chegou a cidade de Gadara, os demônios, que possuíam aquele homem, e o tornaram tão perigoso, exclamaram: “Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? conjuro-te por Deus que não me atormentes” (Mc 5.7). Deste episódio, tiramos, pelo menos, duas lições: *primeira*: Jesus era puro e nada tinha a ver com aqueles espíritos imundos; *segunda*: eles reconheceram ser Cristo o Filho do Deus Altíssimo, o que comprova para nós estarmos certos em segui-lo

3. Por causa do afogamento daqueles porcos, Jesus foi convidado a retirar-se da cidade de Gadara. Seus moradores não souberam o que perderam: desprezaram o Salvador do mundo. Mui-

tos também, na atualidade, até no nosso meio, rejeitam a Cristo, e não fazem por onde obedecer-lhe, por causa dos bens materiais e dos afazeres que impedem de orar, ler a Bíblia e assistir aos cultos.

GLOSSÁRIO

Demência: loucura; insensatez; debilitação psíquica.

Desnudo: nu; despido, sem roupa.

Dietético: parte da medicina que se refere à dieta, ou seja, maneira regrada de se viver, na saúde e na doença.

Estarrecedor: que causa terror, medo, pavor.

Grilhão: algema; alguma forma de aprisionar alguém.

Hoste: exército; tropa.

Mórbido: doentio; que causa doença.

Porta-voz: emissário; aquele que fala em nome de outrem.

Salutar: conveniente à saúde; edificante; moralizador.

Simetria: relação de grandeza de partes que estão em lados opostos.

QUESTIONÁRIO

1. Onde aconteceu o episódio narrado nesta lição?

- Em Gerasa, distrito de Gadara, no lado oriental do mar da Galiléia.

2. Ao desembarcar, naquela região, com quem Jesus se encontrou?

- Com um homem, possesso de demônios, o qual andava despido e habitava nos sepulcros. Era extremamente feroz.

3. Ao libertar o gadareno, Cristo demonstrou o quê?

- O seu poder absoluto sobre o reino de Satanás.

4. Ao ser liberto, o que fez o gadareno?

- Tornou-se um evangelista intinerante, pois anunciou, em Decápolis, que Jesus o libertara do jugo dos demônios.

5. Existe contradição entre as narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, no assunto em foco? Explique.

- Não há contradição nos evangelhos, pois eles se completam entre si. O primeiro evangelista menciona dois endemoninhados, enquanto o segundo e o terceiro enfocam, apenas, o mais violento e feroz deles.

A MULHER CANANÉIA

(Dia das Missões)

TEXTO ÁUREO

“Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4.10).

VERDADE PRÁTICA

A humildade faz o ser humano sentir-se fraco e debilitado diante do seu Criador. E, assim, ele passa a confiar na misericórdia de Deus, e o resultado é a vitória.

ÉPOCA DO EVENTO: 28 d.C.

LOCAL: Fenícia (atual Líbano)

HINOS SUGERIDOS: 396 (434 HCA) e 424 (141 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - At 20.19

Servir ao Senhor com humildade

Terça - 1 Pe 5.6

Deus exaltará os humildes

Quarta - Sl 138.6

Deus atenta para os humildes

Quinta - Pv 15.33

A humildade precede a honra

Sexta - Fp 2.3

A humildade entre os irmãos

Sábado - Ef 4.2

A humildade é uma virtude cristã

LEITURA EM CLASSE

MATEUS 15.21-28

21 - E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e Sidom.

22 - E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada.

23 - Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós.

24 - E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa d'Israel.

25 - Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me.

26 - Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos.

27 - E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores.

28 - Então respondeu Jesus, e disse-lhe: Ó mulher! grande é a tua fé: seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. JESUS VAI A TIRO E SIDOM, NA FENÍCIA

1. A causa da visita aos termos de Tiro e Sidom
2. As cidades de Tiro e Sidom
3. Os países que Jesus visitou

II. O ENCONTRO DE JESUS COM A CANANÉIA

1. A identidade da mulher
2. Jesus é reconhecido fora de sua pátria
3. O Filho de Davi

III. A HARMONIA EM MATEUS E MARCOS

IV. UMA LIÇÃO DE HUMILDADE

1. Aceitando a condição de gentio
2. As "migalhas" do Senhor satisfazem a alma do faminto
3. A recompensa da humildade e fé

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes:

• *Compreender* que Jesus não foi aos termos de Tiro e Sidom por acaso, mas sabedor que encontraria uma mulher, a qual, por sua fé, alcançaria uma grande bênção.

• *Entender* que a fé é necessária, para recebermos qualquer bênção do Senhor. No entanto, primeiramente, Deus Deus nos prova, a fim de comprovar o nosso grau de confiança nele, para, em seguida, nos atender.

• *Reconhecer* que Deus não é obrigado a nos atender, principalmente, se formos arrogantes. É necessário o revestimento da humildade, para alcançarmos a vitória.

• *Empenhar-se*, para que a soberba jamais tome conta de seus corações, mas vivam no propósito de considerar os outros superiores a si mesmos.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe* aos alunos que Jesus, impulsionado pelo amor, uma das essências de Deus, contemplou a aflição daquela mãe cananéia, por causa do estado em que se encontrava sua filha, possessa de um demônio. Ele se dirigiu para os termos de Tiro e Sidom, com o propósito de ajudá-la, desde que ela confiasse plenamente nele.

2. *Esclareça-lhes* que o principal objetivo da missão terrena de Jesus era cuidar das "ovelhas" perdidas da casa de Israel, conforme Ele se expressou em Mateus 15.24. No entanto, o seu Evangelho seria extensivo a todos, de acordo com Mateus 13.21. Cristo, ao declarar que não era bom lançar o pão dos filhos aos cachorrinhos, testava a fé daquela mulher

que, felizmente, foi aprovada (Mt 15.28).

3. *Explique-lhes* que Jesus jamais fez acepção de pessoas. Apesar da cultura judaica que, para evitar a mistura, afastava os judeus dos demais povos, Cristo foi ao encontro dos gentios e socorreu-lhes em suas necessidades. Como prova disso, registramos a entrevista do Filho de Deus com a mulher samaritana, o seu encontro com o gadareno e a cura do leproso estrangeiro (Lc 17.15-19).

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• Prepare-se para mais um encontro com seus alunos. Enquanto estuda a lição, pense nas necessidades particulares de cada um deles. O professor, que deseja ter sucesso diante de uma classe da Escola Bíblica Dominical, não só transmite conhecimento, mas atua numa esfera bem mais vasta, ao preocupar-se com cada um deles. Assim, eles o terão como o melhor amigo e tudo farão para o crescimento de sua classe.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A narrativa é uma lição de humildade, através da qual chegamos a Deus, e, ao mesmo tempo, um prenúncio da extensão do Cristianismo. Uma mulher estrangeira não mede esforço em busca do que foi oferecido aos filhos do reino. O Evangelho, que a princípio

estava restrito “às ovelhas perdidas da casa de Israel”, se estenderia pelos quatro cantos da Terra.

I. JESUS VAI A TIRO E SIDOM, NA FENÍCIA

1. A causa da visita aos termos de Tiro e Sidom (v.21). Depois do conflito de Jesus com as autoridades judaicas, o clima na Galiléia estava agitado. Cristo havia rebatido severamente as críticas dos fariseus, por causa da tradição dos anciãos. Desmascarados, estavam furiosos, pois o Filho de Deus havia mostrado que neles se cumpria a profecia de Isaías 29.13: “Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15.7-8).

Isto porque os fariseus violavam os mandamentos de Deus, para obedecerem aos mandamentos dos homens (Mt 15.3,9). Por causa dessas ameaças, o Mestre resolveu ausentar-se por alguns dias. Desejava estar a sós com seus discípulos e descansar, longe das agitações e pressões da Galiléia. Aparentemente, aquela viagem não era missionária. Mas como Filho de Deus, Ele conhecia muito bem a aflição daquela mãe, angustiada e necessitada de uma grande vitória: a libertação de sua filha daquela opressão maligna.

2. As cidades de Tiro e Sidom. Tiro era uma importante cidade do litoral fenício, situada a 40 quilômetros ao norte da Galiléia e 40 ao sul de Sidom. Seus dois portos (um na ilha e outro no continente) eram uma das

causas de sua supremacia no comércio e na navegação.

Tiro alegrou-se muito com a destruição de Jerusalém em 587 a.C., porque esta se tornara uma grande rival. Ezequiel profetizou contra ela, ao declarar sua ruína para sempre. A grande cidade tornar-se-ia "...uma penha descalvada" e "um enxugadouro das redes", após servir de "despojo para as nações" (Ez 26.2-5). Hoje vemos o cumprimento desta predição. Ela se tornou o que falou o homem de Deus. O mesmo profeta também anunciou o castigo sobre Sidom, mas não disse que a ela seria destruída e desabitada. Por isso, esta cidade existe ainda hoje, no atual Líbano (Ez 28.22,23). Nos dias do Novo Testamento, as duas eram importantes.

3. Os países que Jesus visitou.

Não há registros de que Jesus entrou em Tiro e Sidom. O texto sagrado diz: "as partes de Tiro e de Sidom", ou "os termos de Tiro e de Sidom" (Mc 7.24). Isto indica a jurisdição ou cercania destas cidades e não os centros das mesmas.

Podemos afirmar que Ele visitou, durante sua vida, dois países: Egito (Mt 2.14,15), e Fenícia (atual Líbano). O movimento Nova Era e várias seitas ocultistas ensinam que Cristo esteve na Índia. Os mórmons declaram que Ele visitou os Estados Unidos. Mas a Bíblia ensina-nos a rejeitarmos as fábulas (1 Tm 4.7). Os evangelhos não o apresentam como um desconhecido em sua comunidade e, muito menos, um forasteiro (Mt 13.55-57; Jo 7.15,27,41,42).

II. O ENCONTRO DE JESUS COM A CANANÉIA

1. **A identidade da mulher.** "Eis que uma mulher cananéia" (v.22). A palavra "cananéia" já estava em desuso nos dias de Cristo. Os cananeus eram descendentes de cão. Eles povoaram toda a Palestina (Gn 10.6,15-20). Os sidônios, como os demais fenícios, eram descendentes de Canaã, e esta mulher pertencia a esta gente. Marcos a chama de "grega, siro-fenícia de nação" (7.26). Isto revela a sua origem e religião. Era pagã, helenista, e de origem siro-fenícia, região que fazia parte da província romana da Cilícia e Síria, onde ela habitava.

2. **Jesus é reconhecido fora de sua pátria.** Jesus não queria ser identificado (Mc 7.24), mas aparece esta mulher e o reconhece. Como aconteceu isso? É fácil entender. A fama de Cristo percorria toda a Síria, pois uma grande multidão o seguia, de Decápolis, Jerusalém, da Judéia, da-lém do Jordão e Galiléia (Mt 4.24-25; Mc 1.28). Vinham a Ele pessoas "da costa marítima de Tiro e de Sidom" (Lc 6.17). Elas se encarregaram de anunciar os ensinamentos extraordinários e os milagres do Filho de Deus, bem como o seu poder sobre as doenças e todas as forças do mal. A candeia não pode ficar debaixo do velador (Mt 5.15). Portanto, o Senhor foi logo identificado em outro país.

3. **O Filho de Davi** (v.22). Ela, apesar de estrangeira, reconhecia ser Jesus o "Filho de Davi". O silêncio

de Cristo mostra-nos o quanto aquela mulher era persistente e convicta de que receberia a cura de sua filha.

O texto dá a entender que ela clamou tanto que os discípulos já se sentiam incomodados, e disseram a Jesus: “Despede-a, que vem gritando atrás de nós” (v.23). Diante disso, Jesus rompeu o silêncio e, mais uma vez, revelou o objetivo principal de sua missão: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (v.24). Ele veio primeiramente para o seu povo Israel (Jo 1.11), por pertencer a promessa (Rm 9.3-5); Cristo já havia dito aos seus discípulos: “Não ireis pelo caminho das gentes (gentios), nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.5-6). Sabemos que o plano de Deus sempre foi salvar todos os povos (Gn 12.3; Gl 3.8; Is 42.1-4; Mt 12.17-21), começando por Israel e, depois, as demais nações (Rm 11.11,12)

III. A HARMONIA EM MATEUS E MARCOS

A narrativa da mulher cananéia só aparece em Mateus e Marcos. Os relatos dos evangelhos sinóticos se completam entre si. Eles são harmoniosos, e não contraditórios. O segundo evangelista não registrou que ela se dirigiu a Jesus, chamando-o de “Filho de Davi” (v. 22), nem que Ele ficou em silêncio, e nem tampouco que os seus discípulos pediram que o Mestre a dispensasse (v. 23). Não mencionou a declaração do Filho de Deus que afirmou ser enviado à casa de Israel, nem que a mulher o

adorou, ao pedir-lhe socorro, e nem o elogio que Jesus fez à fé da cananéia (vv. 24,25,28). A sua narrativa é bem condensada: registra os rogos da mulher, de forma indireta (Mc 7.25-26), exceto no versículo 28. Contudo, o seu relato expressa a mesma mensagem do primeiro evangelista, além do acréscimo de alguns detalhes.

Marcos nos informa que Jesus entrou numa casa, nos termos de Tiro e Sidom; e não desejava ser identificado (Mc 7.24); a mulher era “grega, sirofenícia de nação” (v. 26); Cristo declarou que convinha “primeiro saciar os filhos” (v.27). O relato do primeiro amplia o do segundo. De modo que estas narrativas são harmoniosas, e dão-nos um perfil exato deste acontecimento.

IV. UMA LIÇÃO DE HUMILDADE

Depois, ela se prostrou aos pés de Jesus, adorou-o, e disse: “Senhor, socorre-me”. Cristo, então, respondeu: “Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos” (v. 26). O Talmude, ou a “tradição dos anciãos”, ensina que os gentios são como cães. Encontramos no Antigo Testamento certas restrições ao relacionamento com os pagãos, por causa do perigo de apostasia (Dt 7.1-4), e não por discriminação. Deus não faz acepção de pessoas (At 10.34; Rm 2.11; Ef 6.9). A moabita Rute foi aceita na comunidade israelita, pela porta da humilhação (Rt 2.10). Davi tinha no seu exército um heteu (2 Sm 11.3,6).

1. Aceitando a condição de gentio. A palavra “cão” aparece apenas cinco vezes no Novo Testamento. Três com relação aos desviados (Fp 3.2; 2 Pe 2.22; Ap 22.15), uma, com referência aos incrédulos (Mt 7.6), e no sentido literal (Lc 16.21). A palavra “cachorrinho” (no grego kynáron), só aparece quatro vezes no Novo Testamento, justamente na passagem da “mulher cananéia” (Mt 15.26,27; Mc 7.27,28). Este era um termo muito comum para designar os gentios. Mas ela aceitou com humildade aquela condição, para alcançar as bênçãos de Deus. “Aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lc 14.11).

2. As “migalhas” do Senhor satisfazem a alma do sedento (v.27). Veja o contraste da atitude daquela mulher com a do general siro Naamã. Ele se sentiu ofendido, porque o profeta Eliseu, além de não recebê-lo pessoalmente, mandou-o lavar-se sete vezes no rio Jordão (2 Rs 5.10-16). Era a única oportunidade que tinha para a cura de sua lepra e quase a perdeu, não fosse a sensatez de seus criados. Por outro lado, vemos a humildade e a insistência da cananéia. “Aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre” (Mt 7.8).

Esta atitude comoveu o Senhor Jesus e tem impressionado os cristãos, ao longo da história da Igreja. Um exemplo a ser seguido. Hoje, muita gente quer receber as bênçãos de Deus, mas não deseja se humilhar em sua presença. Muitos acham que devem ser atendidos por Cristo, mas não se

submetem à vontade divina. Pretendem ser atendidos, mediante suas próprias condições. Na presença do Senhor não há mesquinhez, mas fartura. Estas “migalhas” valem mais que todos os bens deste mundo. As almas sedentas encontram “as riquezas incompreensíveis de Cristo” (Ef 3.8). A mulher contentar-se-ia com as migalhas, mas, por causa de sua fé e humildade, ganhou um tesouro! Deus é poderoso para nos conceder muito além do que pensamos ou pedimos (Ef 3.20).

3. A recompensa da humildade e da fé (v.28). A mulher, ao reconhecer a sua condição de gentia, humilhou-se, sem desanimar, ante o silêncio de Jesus. Aceitou a declaração de Cristo, com fé e humildade, e submeteu-se à vontade do Mestre divino. Assim, ganhou a cura e a libertação de sua filha e a grande bênção da salvação, além de passar para a história do Cristianismo como um exemplo a ser seguido por todos nós.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Jesus não foi especificamente para os termos de Tiro e Sidom, a fim de se esconder, pois, além de tudo, era Deus, e não tinha necessidade disso. Acreditamos que nada aconteceu por acaso, no seu ministério terreno, pois, tudo foi planejado por Deus, antes do Verbo vir ao mundo. A prova disso, encontramos no registro da morte de Lázaro. Propositadamente, Cristo encontrava-se bem distante, quando o amigo adoeceu, a fim de que o mesmo

morresse e fosse sepultado e após quatro dias o ressuscitasse. Leia João 11.15.

2. Adquirimos, além de outros, dois grandes ensinamentos, nesta lição intitulada A Mulher Cananéia. Ela sabia que era indigna de receber aquela bênção, pois era estrangeira. Então se *humilhou*, quando disse a Jesus que os cachorrinhos comem as migalhas que caem das mesas dos seus senhores, e não deixou a sua fé vacilar, mas insistiu a clamar pela misericórdia de Deus, até possuir a certeza de que Jesus a atenderia.

3. Realmente, após estudarmos esta lição, chegamos à conclusão de que não há desarmonia nos evangelhos sinóticos, pois a narrativa de um completa a de outro. Apenas Mateus é mais específico, pois detalha os fatos, enquanto que Marcos é mais sintético, devido a sua personalidade e o povo para quem escrevia o seu evangelho, os romanos, revestidos de um espírito guerreiro e admiradores da objetividade.

GLOSSÁRIO

Comover: emocionar; enternecer; impressionar.

Condensado: sucinto; sintético; resumido.

Descalvado: sem vegetação; calvo.

Fábula: mentira; ficção; mitologia.

Forasteiro: que vem de fora; estrangeiro; peregrino.

Migalha: pequeno fragmento de pão; pequena porção.

Perfil: amostra; demonstração; prova.

Predição: profecia; vaticínio; ato de predizer.

Prenúncio: anúncio de um acontecimento futuro; prognóstico.

Supremacia: superioridade; poder supremo.

QUESTIONÁRIO

1. Por que Jesus foi para Tiro e Sidom?

- Porque desejava descansar das agitações e pressões da Galiléia.

2. Qual a origem da mulher cananéia?

- Siro-fenícia.

3. Por que Jesus demorou atender a mulher cananéia?

- Porque o objetivo principal de sua missão era o de, primeiramente, buscar as ovelhas perdidas de Israel.

4. Qual o sentido da palavra “cachorrinhos” no texto estudado?

- Os judeus usavam o termo em relação aos gentios no sentido pejorativo. Porém, no texto em apreço, era empregado para designar um animal de estimação e denotava carinho.

5. Que lição transmite aos cristãos a passagem da mulher cananéia?

- Um exemplo de fé, perseverança e humildade

A TRANSFIGURAÇÃO

TEXTO ÁUREO

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

VERDADE PRÁTICA

A transfiguração de Jesus deve ser entendida como uma amostra da sua glória que, vista no monte, será contemplada por todo mundo, e jamais se ocultará.

ÉPOCA DO EVENTO: 28 d.C.

LOCAL: Provavelmente, monte Tabor

HINOS SUGERIDOS: 062 (42 HCA) e 133 (125 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Jo 17.5

A glória de Jesus, antes que o mundo existisse

Terça - Mt 19.28

Jesus no trono de sua glória

Quarta - Hb 2.9

Jesus coroado de glória

Quinta - Tt 2.13

Aguardando a manifestação da glória de Cristo

Sexta - Dn 7.14

A glória do Reino de Cristo

Sábado - Cl 3.4

A Igreja com Jesus em glória

LEITURA EM CLASSE

LUCAS 9.28-36

28 - E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar.

29 - E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e o seu vestido ficou branco e mui resplandecente.

30 - E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias,

31 - Os quais apareceram com glória, e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém.

32 - E Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono; e quando despertaram, viram a sua glória e aqueles dois varões que estavam com ele.

33 - E aconteceu que, quando aqueles se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias; não sabendo o que dizia.

34 - E, dizendo ele isto, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, temeram.

35 - E saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho; a ele ouvi.

36 - E, tendo soado aquela voz, Jesus foi achado só; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. OS MOTIVOS DA TRANSFIGURAÇÃO

1. A transfiguração
2. Sancionar o ministério de Cristo
3. Anunciar a sua glória e a sua partida

II. UMA MENSAGEM AOS CRISTÃOS

1. A esperança dos cristãos
2. A necessidade da oração
3. Desmascarando os espíritas
4. O símbolo da Igreja

III. AS TRÊS TESTEMUNHAS ESCOLHIDAS POR JESUS

1. Um acontecimento com testemunhas
2. Pedro, João e Tiago
3. Três cabanas

IV. A HARMONIA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

1. Os evangelhos não se contradizem
2. O monte da transfiguração

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

- *Compreender* que o propósito da Transfiguração era o de provar aos três apóstolos, Pedro, Tiago e João, ser Jesus o Messias, segredo este divulgado após a ressurreição de Cristo.

- *Entender* que, assim como Jesus revestiu-se de glória, na transfiguração, os cristãos também o serão no momento da ressurreição dos mortos e do arrebatamento dos vivos.

- *Empenhar-se*, para que jamais desistam do propósito de se prepararem para o dia glorioso da vinda de Jesus, ocasião em que os santos serão glorificados.

- *Compreender* que os evangelhos sinóticos não se contradizem, pois são harmoniosos, e o relato de um completa o do outro.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe* aos alunos que a Transfiguração de Jesus não foi por acaso, pois estava prevista no plano de Deus. Por isso, Cristo chamou três apóstolos, a fim de que presenciassem aquele fato e se tornassem testemunhas do mesmo. Apenas, guardariam o segredo até o tempo determinado, ou

seja, após a ressurreição do nosso Salvador, para que este acontecimento servisse de base à nossa fé.

2. *Esclareça-lhes* que Jesus foi transfigurado, porque, além de Filho Unigênito de Deus, era santo, pois jamais experimentou o pecado. No entanto, nós só nos submetemos a este processo, ou na ressurreição dos mortos ou no arrebatamento dos que estiverem vivos e preparados naquele dia, devido ao nosso estado pecaminoso que impede a manifestação desta glória, no presente.

3. *Explique-lhes* que este acontecimento na presença dos três apóstolos foi uma demonstração da glória que Jesus possuía antes de sua encarnação. Ao retornar para o Céu, após sua morte e ressurreição, Cristo sentou-se à direita de Deus e retomou o estado que lhe era peculiar desde a eternidade.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

Enquanto você prepara esta lição, pense nos seus alunos mais necessitados. Peça ao Senhor uma palavra especial para eles, a fim de que sintam o seu amor cristão e tenham prazer em participar ativamente da Escola Dominical. Jesus disse, em certa ocasião, que os santos não precisam de médico, mas, sim, os doentes. Visite-os, encorage-os a ser crentes fiéis.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A transfiguração de Jesus revela a grandiosidade da glória do seu rei-

no. Ele prometera aos seus discípulos que alguns deles não morreriam, sem antes verem a sua glória (Lc 9.27). Não foi necessário esperar muito tempo, nem mesmo a sua morte e ressurreição. Cristo revelou-lhes a sua glória, quando ainda estava em seu estado de humilhação (Jo 1.14; Fp 2.7,8; 2 Pe 1.16,18). Esta experiência serviu também para mostrar, antecipadamente, que antes desta glória, o Mestre passaria pelo sofrimento e pela angústia do suplício na cruz.

I. OS MOTIVOS DA TRANSFIGURAÇÃO

1. **A transfiguração.** Lucas é o único que fala da transfiguração, enquanto Jesus orava (vv.28, 29). Mateus e Marcos usaram o verbo **metamorfóo**, que significa também “transformar” (Rm 12.1). O terceiro evangelista, porém, foi extremamente metuculoso, ao escolher o verbo adequado para descrever o acontecimento, e evitou, assim, uma interpretação errônea.

Os pagãos criam na metamorfose de algumas de suas divindades. Esse “fenômeno” mitológico era, segundo acreditavam, a capacidade de seus deuses assumirem formas diferentes. Lucas não desejava que o Mestre divino fosse associado e nem confundido com eles. O evento era celestial e singular na história. O seu rosto mudou de aparência, e suas vestes resplandeceram de maneira inédita. Vejamos os três relatos: “O seu rosto resplandeceu como o sol, e os seus

vestidos se tornaram brancos como a luz” (Mt 17.2); “seus vestidos tornaram-se resplandecentes, em extremo brancos como a neve” (Mc 9.3); “transfigurou-se a aparência do seu rosto, seu vestido ficou branco e mui resplandecente” (Lc 9.29). Esta linguagem é escatológica, e usada para descrever o próprio Pai (Dn 7.9) e o Filho glorificados (Ap 1.13 ss).

A expressão “branco mui resplandecente”, usada por Lucas, aparece apenas nesta passagem, em todo o Novo Testamento. A ARA traduziu melhor o texto: “resplandeceram de brancura”. As três narrativas juntas revelam que Jesus e suas vestes resplandeceram como o Sol, como uma luz fulgurante. Moisés desceu do Sinai com o rosto brilhando, porque esteve pessoalmente na presença de Deus (Êx 34.29-35). Contudo, isso era meramente um reflexo da glória divina. Com Cristo, vemos acontecer a mesma coisa.

A glória do Pai, portanto (2 Cr 7.1; Is 6.3), é a mesma de Filho (Jo 12.40,41). Isto revela a sua deidade absoluta.

2. Sancionar o ministério de Cristo. Esta aparição tem significado profundo. Jesus manifestou-se com o testemunho da Lei e dos profetas (Jo 5.46; At 3.22-23; 10.43; Rm 3.21). Este fato está registrado no próprio Antigo Testamento (Dt 18.15; Is 9.6-7).

Os representantes da Lei e dos Profetas, Moisés e Elias, vêm pessoalmente legitimar o ministério de

Jesus, ao falar-lhe de seu sofrimento e sua glória. Depois de cumprirem a missão, o próprio Deus se manifestou aos discípulos, e disse: “Este é o meu amado Filho; a ele ouvi” (v. 35). Com isso, o Senhor informava: “Este é a suprema autoridade; portanto, superior a Moisés e Elias. Ouçam a sua voz”. Cristo, na transfiguração teve o testemunho do seu próprio Pai celestial, da Lei e dos Profetas: o Antigo Testamento. Além disso, testemunharam pessoalmente os seus legítimos representantes.

3. Anunciar a sua glória e a sua partida. Moisés, como a maior autoridade do Antigo Testamento e mediador entre Deus e o povo hebreu, profetizou a vinda do Messias (Dt 18.18-19; Jo 5.46; At 3.22-23). Ele representa a Lei. Elias deu origem à sucessão profética. Não confundamos com Samuel que, apesar de ser o fundador de uma escola de profetas em Ramá (1 Sm 19.20), exerceu os ofícios de sacerdote e juiz (1 Sm 2.18; At 19.19-20).

Elias notabilizou-se pelo seu ofício de profeta. Ele os representava. O texto sagrado diz que “apareceram com glória, e falavam da sua morte” (v.31); “em glória” (ARA).

A palavra grega traduzida aqui por “morte” é êxodos que significa “saída, partida”. Assim, os dois representantes do Antigo Testamento falavam também de sua ressurreição e ascensão. Isto aconteceria em Jerusalém, para que se cumprisse as palavras de Cristo (13.33).

II. UMA MENSAGEM AOS CRISTÃOS

1. A esperança dos cristãos. A transfiguração fortaleceu a fé dos discípulos e serve para aumentar a esperança dos cristãos. Os três apóstolos tomaram conhecimento do sofrimento do Mestre e presenciaram a sua glorificação. Eles contemplaram estado de glória de Moisés e Elias. Assim, se sofremos por causa do amor a Cristo, com Ele também seremos glorificados (Rm 8.18). Outro ponto importante: eles tiveram a garantia que os mortos ressuscitariam e, da mesma forma, as futuras gerações de cristãos teriam esta mesma esperança (Fp 3.20,21; 1 Jo 1.3.3).

2. A necessidade da oração. Lucas foi o único que registrou a transfiguração de Jesus, enquanto orava (v. 29). Na medida em que o crente busca a Deus, transforma-se de glória em glória (2 Co 3.18). Jesus, o próprio Deus em forma humana (Fp 2.6-8), nunca perdeu o hábito de orar (Mt 14.23; 26.36; Mc 6.46). Se ele, o Mestre, viveu sempre em oração, quanto mais nós, os cristãos! "Orai sem cessar" (1 Ts 5.17). Pedro, João e Tiago dormiam, como na ocasião do Getsêmani (Mt 26.40). Isto talvez indique que a transfiguração ocorreu à noite (Lc 9.37), e, por essa razão, os discípulos estivessem cansados.

3. Desmascarando os espíritas. Os espíritas fazem grandes alardes com relação a esta passagem, para justificarem a falsa doutrina da reen-

carnação. Outros chegam a negar a historicidade do fato, e o admitem como apenas uma visão. Apesar de sabermos que visão não é sinônimo de fantasia, todavia, os evangelhos descrevem o acontecimento como sendo histórico. Moisés, que morreu cerca de 1.400 anos a.C., reaparece como sendo o mesmo que retirou o povo hebreu do Egito. Elias sequer desencarnou-se.

4. O símbolo da Igreja. O aspecto de Jesus e desses dois personagens refletia a glória de Cristo e sua Igreja. Moisés, neste caso, representa a Igreja ressuscitada, pois ele morreu e foi sepultado, embora não se saiba onde (Dt 34.6); Elias, como não provou a morte, foi levado vivo para o Céu (2 Rs 2.11), pode perfeitamente representar a Igreja arrebatada, que não provará a morte (1 Co 15.51). A nuvem é um símbolo da presença de Deus (Êx 13.21).

III. AS TRÊS TESTEMUNHAS ESCOLHIDAS POR JESUS

1. Um acontecimento com testemunhas. Uma das grandezas do Cristianismo é que ele foi edificado sobre fatos e à luz do dia. Jesus mesmo disse que nada fez em oculto (Mt 26.55; Jo 18.20,21). Muitos fundadores de falsas seitas aparecem dizendo que receberam revelações para fundarem uma nova religião. Maomé declarou que o anjo Gabriel lhe falou quando se encontrava em um monte. Mas quem viu e onde estão as testemunhas? Joseph Smith, com suas

lendárias placas, informou que Moroni, após lhe aparecer, sumiu. Onde estão as provas? Os fatos relacionados com Deus são transparentes. Ele se manifestou a Moisés de uma maneira tão extraordinária, na presença do povo, que todos viram a sua glória. Os judeus, descendentes dos hebreus, são testemunhas até o dia de hoje. Os ensinamentos de Moisés e de Jesus manifestaram-se historicamente, aos olhos de todos.

2. Pedro, João e Tiago. A transfiguração foi um dos acontecimentos mais glorioso registrado nos evangelhos. Por isso, não podia ficar sem testemunhas, uma vez que os fatos são uma das características do Cristianismo. Pedro, João e Tiago foram os três escolhidos para subirem ao monte, pois eram os mais entendidados das coisas espirituais. Eles também estiveram presentes na angústia do Getsêmani (Mc 14.33). João era “aquele discípulo a quem Jesus amava” (Jo 13.23, 25; 21.20); estava sempre ao lado de Cristo, juntamente com seu irmão Tiago. Pedro, intrépido, estava sempre disposto a acompanhar o Mestre. Parece que os três se destacavam no meio dos doze apóstolos. Jesus sabia que eles se tornariam grandes líderes e influenciariam não só os demais, mas também todo o Cristianismo (Gl 2.9).

3. Três cabanas. Pedro talvez pensou que Moisés e Elias permaneceriam por mais tempo. Por isso, fez a proposta de edificar três tendas. Os estudiosos da Bíblia, desde o segundo século do Cristianismo, admitem

que os três apóstolos acreditavam no estabelecimento do reino de Deus, a partir daquele momento.

Pedro, indiretamente, colocava Jesus em pé de igualdade com Moisés e Elias. Os dois foram chamados, enquanto ele (v.34), mas não sabia o que dizia. Por isso, o Pai revelou-lhe a superioridade de Cristo: “Este é o meu amado Filho, a ele ouvi” (v.35).

IV. A HARMONIA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

1. Os evangelhos não se contradizem. Mateus e Marcos afirmam que a transfiguração ocorreu seis dias depois da grande declaração de Pedro e da informação de Cristo sobre sua paixão e morte em Jerusalém (Mt 16.16,17,21; 17.1; Mc 8.29; 9.2).

A expressão “quase oito dias” ou “cerca de” (ARA), registrada em Lucas 9.28, anula a necessidade de precisão científica. Além disso, Mateus e Marcos incluíram apenas os dias no intervalo dos dois episódios, (domingo e sexta) enquanto que o terceiro evangelista soma os da declaração de Pedro e transfiguração de Jesus (sábado a sábado).

2. O monte da transfiguração. O lugar exato da transfiguração é desconhecido. Uma tradição milenar indica o Tabor, localizado a 8 km de Nazaré, com 560 metros de altura, na planície de Megido. Outros sustentam o Hermom, em virtude da sua localização: “Cesaréia de Filipe” (Mt 16.13), e por não se achar nos evan-

gelhos que Jesus partiu daquela região, senão depois de tudo isso (Mt 17.24). Constitui a mais bela montanha da Palestina, com cerca de 3.000 metros de altura, coberto de neve, na fronteira entre Israel e o Líbano.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Aprendemos, nesta lição, que a Transfiguração de Jesus teve como principal objetivo confirmar que aquele era realmente o Messias prometido em Isaías 7.14. Cristo fez questão de convidar três amigos, para testemunharem o acontecimento, e Deus, o Pai, achou por bem enviar Moisés e Elias, a fim de mostrar aos apóstolos que aquele com quem os dois representantes do Antigo Testamento falavam era o seu Filho amado, o Salvador do mundo.

2. Jesus não veio em busca de honra e glória, pois Ele as possuía desde a eternidade, e sim, salvar a humanidade perdida. Por isso, solicitou aos três amigos que nada falassem a respeito do que viram até a sua ascensão ao Céu. Deixou-nos, com esta atitude, uma grande lição de humildade e provou-nos que era realmente o Cristo que havia de vir ao mundo.

3. Dos três apóstolos, testemunhas oculares da Transfiguração de Jesus, apenas Pedro escreveu sobre o evento (2Pe 1.16-18). Os demais informaram aos três evangelistas, que, mediante o estilo próprio de cada um, relataram o acontecimento em seus evangelhos.

Comprovamos, através desta lição, que não há contradição no registro dos fatos, mas plena harmonia, que nos apresenta esta grande verdade bíblica.

GLOSSÁRIO

Cabana: rancho; abrigo; pousada.

Escatologia: doutrina dos acontecimentos futuros.

Fulgurante: que cintila ou brilha intensamente

Metamorfose: transformação; mudança de forma ou estrutura que ocorre na vida de alguns insetos.

Meticuloso: detalhista; comedido; cuidadoso.

Mitologia: história fabulosa dos semideuses e heróis da antiguidade; a ciência dos mitos.

Resplandecer: brilhar muito; manifestar-se brilhantemente.

Sancionar: confirmar; aprovar; ratificar.

Suplício: martírio; tortura; pena de morte; execução capital.

Transfiguração: estado glorioso em que Cristo apareceu sobre o monte, provavelmente, Tabor.

QUESTIONÁRIO

1. Quais os motivos da transfiguração?

- Sancionar o ministério terreno de Cristo e anunciar a sua glória e a sua morte em Jereusalém.

2. O que a transfiguração representa aos cristãos?

- A garantia da ressurreição dos mortos.

3. Por que Jesus escolheu os três apóstolos, para estar com Ele durante a transfiguração?

- Porque o Senhor não desejava que este glorioso fato ficasse sem testemunhas.

4. Cite duas características da narrativa de Lucas que não aparecem nos demais.

- a) Lucas usa a expressão “quase oito dias”, referindo-se ao espaço de

tempo transcorrido desde a declaração de Pedro, acerca de Jesus, como o Filho de Deus (veja Mateus 16.18), até o momento da Transfiguração. b) O terceiro evangelista foi o único a mencionar que Jesus transfigurou-se enquanto orava (Lc 9.29).

5. Conforme o comentarista, em relação à Igreja, o que simbolizam Moisés e Elias no episódio da Transfiguração?

- Moisés representa a Igreja ressuscitada, Elias a arrebatada.

A QUESTÃO DO TRIBUTO

TEXTO ÁUREO

“Portanto dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra” (Rm 13.7).

VERDADE PRÁTICA

O cristão é cidadão de duas pátrias: a celeste e a terrestre. Isto implica em responsabilidades e direitos dos crentes em relação à cada uma delas.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C.

LOCAL: Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 570 (392 HCA) e 583 (36 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Dt 17.14-20

Os deveres de um rei

Terça - 1 Pe 2.17

A honra devida ao rei

Quarta - Rm 13.1-4

As autoridades são ministros de Deus

Quinta - 1 Pe 2.13-14; Tt 3.1

A obediência às autoridades

Sexta - Fp 3.20

O apóstolo Paulo era um cidadão do Céu

Sábado - At 22.25-28

O apóstolo Paulo era também um cidadão da Terra

LEITURA EM CLASSE

LUCAS 20.20-26

20 - E, trazendo-o debaixo de olho, mandaram espias, que se fizessem justos, para o apanharem nalguma palavra, e o entregarem à jurisdição e poder do presidente.

21 - E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus.

22 - É-nos lícito dar tributo a César ou não?

23 - E, entendendo ele a sua astúcia, disse-lhes: Por que me tentais?

24 - Mostrai-me uma moeda. De quem tem a imagem e a inscrição? E, respondendo eles, disseram: De César.

25 - Disse-lhes então: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

26 - E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, maravilhados da sua resposta, calaram-se.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. OS ADVERSÁRIOS DE JESUS

1. Os fariseus
2. Os saduceus
3. Os herodianos

II. O OBJETIVO DAS AUTORIDADES JUDAICAS

1. O motivo da pergunta
2. Os artifícios das autoridades judaicas

III. É LÍCITO PAGAR IMPOSTOS?

1. O imposto visto pelos judeus naquela época
2. É lícito dar tributo a César
3. O imposto hoje

IV. UM PRINCÍPIO NATURAL

1. "De quem tem a imagem e a inscrição"
2. "A Deus o que é de Deus"

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

• *Compreender* que as seitas judaicas opuseram-se aos ensinamentos de Jesus, porque as mesmas não combinavam com a doutrina esposada pelo Filho de Deus.

• *Empenhar-se*, para que tanto os impostos como o dízimo sejam pagos, a fim de que haja benefícios para a sociedade e mantimentos na igreja

• *Distinguir* o que é devido ao Estado e qual a obrigação com a sua igreja local.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe* aos alunos que Jesus não veio ao mundo para contender com ninguém. Somente os presunçosos não se submeteram aos ensinamentos do Filho de Deus. Por isso, tornaram-se inimigos de Cristo, e tudo fizeram para desacreditá-lo perante a opinião pública. Mas nada conseguiram, pois nosso Senhor e Salvador trilhou o caminho da irrepreensibilidade.

2. *Esclareça-lhes* que os fariseus, saduceus e herodianos, inimigos, por causa de suas convicções religiosas, uniram-se, com o objetivo de derrotar a Jesus. Apesar de todo o empenho, nada conseguiram, pois o Filho de Deus viveu na dependência total do Pai celestial, que o defendeu de todas as ciladas do Diabo, e concedeu-lhe a vitória final na cruz do Calvário.

3. *Explique* a eles que os cristãos possuem duas pátrias: a terrena e a celestial. Por esta razão, temos obrigações a cumprir, com as autoridades humanas e Deus. O apóstolo Paulo escreveu, em Romanos 13.1-7, que sejamos submissos aos que foram colocados, pelo Senhor, para nos governar: "Portanto, dai a cada um o

que deveis: a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra”.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• Prepare-se para mais um encontro com seus alunos. Como sempre, medite, ore, faça observações, destaque os pontos da lição que considera os mais importantes para discutir com a sua classe. Só assim, eles perceberão o seu interesse em ministrar a Palavra de Deus, e participarão ativamente de sua aula, desejosos de aprender ainda mais as verdades sagradas.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Este episódio aparece nas narrativas paralelas em Mateus 22.15-22 e Marcos 12.13-17. Estes relatos revelam o ensino de Jesus sobre a ética, os princípios morais e as responsabilidades civis que temos. O cristão tem pleno direito de exercer a sua cidadania, dentro do modelo bíblico, porque ele também é cidadão da pátria terrestre.

I. OS ADVERSÁRIOS DE JESUS

Por volta de 140 a.C., no governo de João Hircano (descendente dos hasmoneus), havia uma forte tendência de unir o Estado à religião. A opinião pública estava dividida quanto à conveniência dessa política, ocasião em que surgiram três grupos

distintos em torno desta questão, cada um com ideologias definidas e antagônicas aos outros grupos: os fariseus, os saduceus (muitas vezes, representados pelos principais dos sacerdotes), e os essênios. Estes últimos não aparecem no Novo Testamento, pois viviam no deserto. São citados pelo historiador Flávio Josefo (Antiguidades Judaicas, Livro 18.1.760, CPAD), e tornaram-se conhecidos, com a descoberta dos manuscritos do mar Morto. Depois, surgiu o quarto grupo, os herodianos, nos dias de Herodes, o grande (47 - 4 a. C.).

1. Os fariseus. “Mandaram espias” (v. 20). Eles eram dos fariseus e herodianos (Mc 12.13). O nome vem do hebraico “prushim”, que significa “separados”, porque não concordavam com os saduceus. Defendiam a separação entre o Estado e a religião, e achavam que o primeiro devia ser regido pela Torá, a lei de Moisés. Eram provenientes, principalmente, da classe média urbana, mas havia alguns camponeses. Representavam o povo, e, apesar de serem minoria na sociedade pré-cristã, exerciam fortes influências na comunidade judaica. Eram membros do sinédrio e tornaram-se inimigos implacáveis de Jesus. Este grupo constituía uma seita (At 15.5). O apóstolo Paulo declara que ela, à qual pertencia antes de sua conversão, era a mais severa do judaísmo (At 26.5; Gl 1.14; Fp 3.5). Os evangelhos estão repletos de provas do comportamento negativo dos seus

seguidores e de suas hipocrisias. Cristo os censurou severamente (Mt 23). Eles se caracterizaram de maneira marcante pela sua falsidade. A palavra "fariseu" tornou-se sinônima de hipócrita e fingido, até os dias de hoje.

2. Os saduceus. Eram provenientes da aristocracia do Templo. Sua ideologia opunha-se a dos fariseus. O nome vem de Zadoque, família que detinha o cargo de sumo sacerdote, desde Salomão (1 Rs 2.35) até pouco antes do surgimento desses grupos. Constituíam também uma seita (At 5.17). Aceitavam, com certa reserva, apenas os cinco livros de Moisés, e rejeitavam os demais do Antigo Testamento. Não acreditavam em anjos, espíritos e nem na ressurreição (At 23.8). Muitos deles eram sacerdotes, e exerciam fortes influências no Sinédrio.

3. Os herodianos. Sustentavam a dinastia de Herodes, na tentativa de impedir um governo direto de Roma. Instituídos pelos interesses nacionalistas, eram favoráveis aos impostos. O discurso de Jesus também os incomodava. Juntaram-se aos fariseus, com o propósito de matar a Cristo, e assim se verem livre dele (Mc 3.6). Também tentaram o Filho de Deus na questão do tributo (Mt 22.15,16; Mc 12.13).

II. O OBJETIVO DAS AUTORIDADES JUDAICAS

1. O motivo da pergunta (v. 20).
As autoridades judaicas ficaram furi-

osas com a parábola dos lavradores maus, pois entenderam que Jesus se referia a elas. O povo ouviu aquela mensagem, e isso deixou indignados os principais dos sacerdotes e escribas (Lc 20.19). Desejavam matá-lo, mas temiam a população. Por isso, Cristo estava sob constante vigilância de seus adversários. Todavia, não encontravam algo que pudesse acusá-lo. Subornaram alguns espias, e os intruíram, previamente, para que colocassem nosso Senhor em dificuldade e, dessa forma, estabelecerem meios "legais" para tirar-lhe a vida.

2. Os artifícios das autoridades judaicas (v. 21). Devemos ter muito cuidado com os elogios, principalmente os que são feitos na nossa própria presença. Todos os líderes deviam aprender esta lição. A bajulação é uma poderosa e mortífera arma que Satanás usa para destruir a obra de Deus. O Diabo torna-se mais perigoso, quando se apresenta em forma de anjo de luz, e seus mensageiros em ministros da justiça (2 Co 11.13-15). Uma crítica honesta e construtiva vale mais do que elogios interesseiros. Disse Salomão: "Melhor é ouvir a repreensão do sábio, do que ouvir alguém a canção do tolo" (Ec 7.5).

As autoridades religiosas prepararam seus discípulos, para elogiarem a Jesus. Suas palavras foram verdadeiras. Tudo o que eles disseram sobre Cristo era verdade, mas não eram honestos. O perigo consistia na bajulação. Eles não falaram

isso, porque gostavam do Filho de Deus, mas porque desejavam agradá-lo de forma lisonjeira, na tentativa de armar-lhe uma cilada. Eles foram enviados, para “que se fingissem justos, para o apanharem nalguma palavra” (v. 20). Seriam tão obtusos, ao ponto de pensarem que enganariam o Mestre? O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos (2 Co 4.4). Não era necessário ser muito inteligente, para descobrir a intenção deles. Quanto mais o nosso Senhor, que já sabia tudo, por sua Onisciência (Jo 2.24-25; 21.17)!

III. É LÍCITO PAGAR IMPOSTOS?

1. O imposto visto pelos judeus naquela época. O imposto pago aos romanos era provavelmente o “tributum capitis”, cobrado daqueles que estavam sob o domínio direto de Roma. Era o caso da Judéia, sob o governo de Pôncio Pilatos, e diferente da Galiléia, onde a dinastia herodiana ainda reinava. Os judeus opunham-se a este imposto, pelo fato do domínio ser estrangeiro e, sobretudo, seus governantes eram pagãos. Eles pagaram impostos durante a monarquia do Antigo Testamento, e consideravam estes monarcas prepostos de Deus, dignos representantes da Teocracia.

2. É lícito dar tributo a César? (v. 22). O fato de os judeus interrogarem o Mestre com esta pergunta,

mostra que muitos não sabiam qual o conceito de Jesus sobre os romanos. Isso revela que o tema não fazia parte do discurso de Cristo. Ele nos deu uma lição de civismo, sem entrar em assuntos políticos. A maioria da população judaica não suportava o tributo de César. Por isso, estava disposta a atacar e insultar o que concordasse com o pagamento de imposto ao imperador. Dessa forma, Jesus ficaria numa situação difícil diante do povo, perderia a sua popularidade e tornar-se-ia presa fácil para o Sinédrio realizar o seu intento.

3. O imposto hoje. A tributação existe, como recurso para gerir o Estado e, desta forma, proporcionar a segurança do povo, o bem-estar social e manter a ordem pública. Os impostos são revertidos para benefícios da própria sociedade. É nosso dever obedecer às autoridades.

É verdade que há muitas injustiças sociais que desagradam a Deus, cometidas pelas autoridades, mas os governantes deste mundo prestarão conta ao Senhor, pelas leis injustas que decretam (Is 10.1,2). Isto não prova que eles sejam agentes de Satanás. A Bíblia diz que são ministros de Deus, para o nosso bem (Rm 13.4). Jesus Cristo e o apóstolo Paulo as reconheceram. Por esta razão, devemos também aceitá-las.

Deus delegou aos homens esta autoridade. Por isso, é pecado recusá-

la. É como se resistisse ao Senhor (Rm 13.2). O Império Romano era tirano e seus súditos, uma pirâmide de corrupção. Mas suas leis protegeram até mesmo o apóstolo dos gentios, quando sua vida corria risco entre os judeus (At 23.20-24). Paulo recorreu a elas, quando se sentiu violado nos seus direitos, como cidadão de Roma (At 25.11).

O cristão tem o dever de obedecer às autoridades e pagar-lhes os impostos, porque é mandamento bíblico (Rm 13.7). É pecado sonegá-los. Nós somos a luz do mundo (Mt 5.14), e a Igreja, o espelho da sociedade. O próprio Jesus cumpriu este dever, sendo Ele o dono de tudo, para não escandalizar os incrédulos e nos deixar o exemplo (Mt 17.24-27). Ora, se o nosso compromisso é tão sério para com "César", quanto mais para com Deus! Infelizmente há muitos que concordam com os impostos, mas não pagam o dzimo, para a manutenção e expansão da obra de Deus!

IV. UM PRINCÍPIO NATURAL

1. "De quem tem a imagem e a inscrição?" (v.24). É claro que Jesus sabia a resposta. Ele revelou a excelência de sua extraordinária sabedoria, ao fazer com que eles mesmos respondessem sua própria pergunta. Desejavam complicar a vida de Cristo, mas eram eles que estavam, agora, em dificuldade. A ima-

gem era a effigie do imperador Tibério César, e a inscrição, seus títulos. Os judeus portavam aquela moeda, que circulava em sua terra, e comprova o domínio romano.

Eles responderam: "de César". Nesta própria premissa deles, em reconhecer que a moeda era do imperador, veio a conclusão: "Dai pois a César o que é de César" (v.25).

2. "A Deus o que é de Deus" (v. 25). Nós somos cidadãos de duas pátrias, mas o compromisso com a terrestre não nos isenta do maior, que é com Deus. A soberania deste governo humano deve ser respeitada (Tt 3.1; 1 Pe 2.13,14). O cristão precisa estar sujeito às autoridades. Mas esta sujeição não é irrestrita, esta obediência ao Estado não deve ser cumprida quando ele baixar decretos contra a Lei maior, a Palavra de Deus. Não podemos nos submeter a ordens que proíbam a oração ao nosso Deus (Dn 6.7-11), que exijam a adoração aos ídolos (Dn 3.16-18), que coíbam a pregação do Evangelho (At 4.19). Neste caso, terminam os direitos de César e começam os de Deus. Aí está o limite dos mesmos, que muitos ainda não souberam demarcar.

Devemos dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Um compromisso não anula o outro, sendo o nosso dever com Deus superior a todos os demais. Dar a César o que é de César envolve, além de outras

responsabilidades civis, o pagar os impostos. Dar a Deus o que é de Deus incluiu, da mesma forma, além das demais obrigações com a Igreja, o trazer os dízimos à casa de Deus (Mt 3.10), para que haja condições de se atender aos necessitados.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Jesus foi odiado pelos fariseus, saduceus e herodianos, pelo simples fato de reprovar as suas atitudes erradas, e pregar a verdade. O mesmo acontece conosco nos dias atuais. Por que não concordamos com a situação em que se encontra o mundo, somos rejeitados pelos amigos, e até por nossos entes queridos. Mas o Filho de Deus nos conforta: "Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborrece a mim" (Jo 15.18).

2. O principal objetivo das autoridades judaicas, quando enviaram mensageiros a Jesus, para interrogá-lo, não era o de aprender ou tirar dúvidas, mas o de embaraçá-lo, para que tivessem motivos para acusá-lo. Mas Cristo, conhecedor de suas intenções, sempre foi vitorioso, e isto os provocou a levá-lo à morte.

3. Os fariseus, saduceus e herodianos, além de todo o povo, sabiam que, forçosamente, tinham de pagar impostos a César. Senão o fizessem, corriam o risco de serem atacados e destruídos. A pergunta: "É

lícito pagar impostos?" era capciosa, pois buscavam algo do que pudessem acusar a Jesus perante os romanos. Cristo, ao fazer uso da sabedoria que lhe era peculiar, saiu-se muito bem e, mais uma vez, os derrotou.

GLOSSÁRIO

Antagônico: contrário; oposto; inimigo.

Aristocracia: organização social e política em que o governo é monopolizado por uma classe privilegiada.

Artifício: habilidade; dissimulação; astúcia.

Dinastia: série de soberanos (reis) pertencentes a uma só família.

Essênios: Uma comunidade religiosa judaica que se dedicava ao estudo em comum das questões morais, inclusive a interpretação dos livros sagrados.

Hasmoneu: conforme Josefo, este nome origina-se de Hasmon, ancestral dos macabeus.

Obtuso: rude; estúpido; sem entendimento.

Parábola: narração alegórica que encerra uma doutrina moral.

Preposto: o que substitui, por delegação, a pessoa competente.

Teocracia: governo em que o poder reside nos representantes de Deus, como os juizes, que também julgavam o povo.

QUESTIONÁRIO

1. Quais os grupos, inimigos de Jesus, que se uniram para matá-lo?

- Os fariseus, saduceus e herodianos.

2. Por que Jesus foi interrogado pelos fariseus?

- Porque eles desejavam encontrar motivos para acusarem o Senhor de tramar contra o Império Romano.

3. Por que devemos pagar os impostos?

- Porque as Escrituras ensinam que devemos obedecer às autoridades constituídas (Rm 13.7). O pró-

prio Jesus, mesmo sendo isento, pagou imposto e deixou-nos o exemplo a seguir (Mt 17.24-27).

4. O que significa "Dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"?

- Que devemos pagar impostos ao Estado, e levar o dízimo ao tesouro da casa de Deus (Mt 23.10), para manutenção e expansão da obra do Senhor.

5. Por que o compromisso com César não anula o nosso dever com Deus?

- Porque o nosso compromisso com Deus é superior a todos os demais.

O CEGO DE JERICÓ

TEXTO ÁUREO

“Falou-lhes pois Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar^á em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12).

VERDADE PRÁTICA

Jesus, Filho de Davi, não está longe de nós e pode perfeitamente ouvir a nossa voz.

ÉPOCA DO EVENTO: 28 d.C.

LOCAL: Jericó

HINOS SUGERIDOS: 195(476 HCA) e 353(007 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Mc 8.22 - 26

O cego de Betsaida

Terça - Jo 9.1-11

O cego de nascença

Quarta - Lv 19.14

Não se deve pôr tropeço diante de um cego

Quinta - Lc 4.18

A restauração da vista aos cegos

Sexta - Mt 15.31

Os coxos andam e os cegos vêem

Sábado - Mt 9.27 - 30
Os cegos de Cafarnaum

LEITURA EM CLASSE

MARCOS 10.46-52

46 - Depois foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos, e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando.

47 - E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a chamar, e a dizer: Jesus, Filho de Davi! tem misericórdia de mim.

48 - E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! tem misericórdia de mim.

49 - E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama.

50 - E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus.

51 - E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista.

52 - E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. JESUS EM JERICÓ

1. Jericó
2. O cego Bartimeu

II. ENTRADA OU SAÍDA DE JERICÓ?

1. As duas cidades
2. Os dois cegos

III. BUSCANDO A DEUS COMO QUE TEMOS

1. "Ouvindo que era Jesus"
2. Enfrentando as dificuldades
3. "A Luz da Vida" manda chamar o cego
4. A cura dos olhos e da alma

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

- *Compreender* que Jericó foi a última cidade por onde Jesus passou, a caminho de Jerusalém, onde seria morto.

- *Entender* que havia duas cidades, próxima uma da outra, com o nome de Jericó: a velha e a nova.

- *Empenhar-se*, a fim de que, assim como Bartimeu, alcancem as vitórias que tanto buscam e necessitam.

- *Compreender* que a insistência é necessária para se alcançar qualquer bênção de Deus. Se não fosse a

persistência, Bartimeu não ficaria curado.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe aos alunos* que Jericó foi a primeira cidade conquistada por Josué. Milagrosamente, os seus muros caíram e os hebreus a invadiram e destruíram. Mediante a Palavra de Deus, ninguém mais a podia reconstruir, sob pena de maldição. Cerca de quinhentos anos depois, Hiel (1 Rs 16.34) a reedificou e foi castigado pelo Senhor.

2. *Esclareça-lhes* que não há contradição nas narrativas de Mateus, Marcos e Lucas. Apenas, o primeiro e o segundo evangelistas registram que Jesus saía da velha cidade de Jericó, e o terceiro declara que o Filho de Deus entrava na nova, com o mesmo nome, construída pelos romanos. Para maior esclarecimento, isto significa dizer que os cegos estavam no caminho que ligava as duas.

3. *Explique a eles* que realmente eram dois cegos, conforme registra Mateus 20.30. Marcos e Lucas fazem menção de um e, inclusive, o segundo evangelista anotou o seu nome: Bartimeu. É muito fácil de se entender a questão: Os dois últimos escritores mencionados, sob uma ótica diferente da do primeiro, apenas destacam o que mais se sobressaiu, pela insistência e confiança no Filho de Deus. A cura, porém, foi extensiva a ambos.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• A participação do aluno só será efetiva, se você tratar a todos por igual. Por isso, não se irrite e nem se impaciente com facilidade, pois se isso acontecer, será a sua derrota. Fale em bom tom, com naturalidade, sem gritar, mas com firmeza. Faça com que os alunos se sintam importantes para você. Não aneece e nem agrida o desatencioso. Procure saber quais os motivos que o levaram a isto.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A cura dos cegos de Jericó é um dos extraordinários milagres efetuado por Jesus. As narrativas paralelas em Mateus 20.29-34 e Lucas 18.35-43 apresentam algumas modificações. No entanto, o centro dos acontecimentos é o Filho de Davi e a recuperação visual daqueles homens. As outras questões são secundárias. Mas como a Bíblia é a inerrante e infalível Palavra de Deus, não pode haver discrepâncias nela. Por esta razão, os crentes merecem uma explicação sobre estas diferenças, aparentemente contraditórias.

I. JESUS EM JERICÓ

No caminho da Galiléia para Jerusalém, pelo Vale do Jordão, o jovem rico entrevistou-se com Jesus (Mc 10.17). Depois disso, o Mestre prosseguiu sua caminhada para a festa da Páscoa, em Jerusalém (Lc 18.31-33). Antes de chegar à Cidade Santa, en-

trou em Jericó, pois localizava-se no caminho.

1. Jericó. Uma das cidades mais antigas do mundo. Disputa com Hebrom e Damasco a posição de mais velha. Situada a 32 km de Jerusalém, e 8 a oeste do rio Jordão. Seu nome em hebraico é Yerichó, que significa "lugar de fragrância".

É chamada de "cidade das palmeiras" (Dt 34.3), em virtude da abundância destas árvores que ainda hoje há nela, por ser próxima de um oásis. Era a fortaleza oriental de Canaã, quando Josué a conquistou (Js 6.20,21). Na ocasião de sua destruição, este homem de Deus proferiu uma maldição sobre aquele quem a reconstruísse (Js 6.25). Esse fato se cumpriu sobre Hiel, que a reedificou cerca de 500 anos depois (1 Rs 16.34). Recentemente, foi descoberta a nova cidade, ou a Jericó romana, cerca de 1,5 km da antiga. Herodes, o Grande, construiu nela um palácio de verão, em 37 a.C., um hipódromo, na tentativa de agradar os judeus e, assim, consolidar seu reino sobre a Judéia, e a fortaleza de Maquera, onde João Batista ficou preso e foi degolado, segundo nos informa Flávio Josefo, historiador judeu (Antiguidades Judaicas, livro 18, cap.7, v. 781, CPAD). Hoje, ela, juntamente com a Faixa de Gaza, são o tema das negociações de paz entre Israel e a OLP.

2. O cego Bartimeu. Nenhuma das três narrativas afirma que ele nasceu cego. O verbo grego *anablepo*, significa "tornar aver", "verdenovo", como traduz a ARA, e nos mostra que ele não era cego

antes. Este mesmo vocábulo aparece na cura do cego de Betsaida. Ele, que após ser curado, distinguia perfeitamente uma árvore. Com certeza, tinha enxergado antes (Mc 8.24).

Naquela época, havia muitos cegos, em decorrência do precário sistema sanitário, que facilitava a disseminação de enfermidades nos olhos. O cego que aparece em João 9.1, o qual Jesus curou, era de nascença. Cristo veio não só para conceder vista aos que nasceram sem enxergar, mas também para recuperar a visão dos que a perderam (Jo 9.39; Lc 4.18). O nome "Bartimeu" significa "filho de Timeu", como o próprio texto revela (v. 46). A palavra "Bar" é "filho", em aramaico, como "ben" em hebraico e "ibn" em árabe. "Timeu" é nome grego e significa "honrado".

II. ENTRADA OU SAÍDA DE JERICÓ?

1. As duas cidades. Jesus entrava ou saía de Jericó? Com justiça, alguém pode perguntar: Por que Mateus e Marcos afirmam que Cristo saía (Mt 20.29; Mc 10.46) e Lucas declara que Ele entrava (18.35).

Há diversas explicações para este caso. A principal e mais consistente é a existência da Jericó romana. Quem saía de uma, obviamente, entrava na outra. Assim, o escritor sagrado está no direito de narrar como lhe for conveniente, pela direção e inspiração do Espírito Santo. Estes fatos Deus permite, para que os cristãos investiguem mais a Bíblia, e confirmem a veracidade

de dela e, assim, sejam fortalecidos na fé. As testemunhas de Jeová costumam utilizar passagens desta natureza, para justificar suas mazelas e erros doutrinários nestas supostas contradições.

2. Os dois cegos. Os harmonizadores estranham o fato de Mateus narrar a cura de dois cegos (20.30), e Marcos e Lucas apenas de um (v.46; Lc 18.35). Diversas explicações foram dadas e muito se gastou em papel e tinta, para explicar a aparente discrepância. Uns acham que se trata de mais de um milagre na mesma ocasião em que Jesus passava por Jericó, por haver, na época, muitos cegos e ser aquela estrada de acesso a Jerusalém muito movimentada. Era um ponto apropriado para os mendigos, principalmente os deficientes físicos. Mas as três narrativas não concordam com esta interpretação, pois quase todos os detalhes delas são similares, o que revela tratar-se de um mesmo episódio. A explicação mais coerente e aceita pela maioria, é que Bartimeu sobressaiu-se mais que seu companheiro. Por isso, o segundo não aparece nas outras duas narrativas. Marcos chama um deles pelo seu próprio nome, talvez por ser muito conhecido naquela comunidade. Isso também contribui para que só Bartimeu surja no episódio. Assim, foram dois cegos curados numa mesma ocasião.

III. BUSCANDO A DEUS COM O QUE TEMOS

1. "Ouvindo que era Jesus". Devemos servir a Deus e buscar suas

bênçãos com o que temos, e não nos acomodemos à espera de algo melhor, a fim de que o Senhor possa realizar a sua obra. O cego Bartimeu estava privado das vistas, mas não dos ouvidos e nem da língua. Podia ouvir e falar. Assim, utilizou-se das faculdades que possuía para clamar por misericórdia. Ele ouviu o barulho da multidão, perguntou o que se passava e aquelas pessoas disseram que era Jesus de Nazaré que passava (Lc 18.36,37). Não tinha condições de ir até Cristo por causa de sua deficiência visual, mas podia falar, e, assim, clamou, na esperança de que o Senhor o escutasse (Jr 33.3).

2. Enfrentado as dificuldades. Mateus e Lucas afirmam que a multidão o repreendia. Mas ele não desanimou e nem se intimidou com as ameaças do povo. Quanto mais o recriminava, mas ele clamava. Muitos, embora seguissem a Jesus, não eram crentes. Acompanhavam o Filho de Deus movidos pela curiosidade, ou mesmo como espias. Isso explica porque o advertiam (v. 48), pois até mesmo os discípulos, às vezes, procediam desta forma. Isto é pôr tropeço diante do cego (Lv 19.14). Bartimeu não se envergonhou e foi persistente, e, na sua sombra, o seu companheiro também foi abençoado (Mt 20.31). Vençamos estes obstáculos, para recebermos as bênçãos do Senhor. Muitas vezes, enfrentamos a zombaria e os escárnios dos incrédulos, quando invocamos o nome do Senhor (Rm 10.13), mas isto não deve nos intimidar. A atitude daquele ho-

mem é um exemplo de fé e perseverança que deve ser seguido por todos nós.

3. “A Luz da Vida” manda chamar o cego. Jesus é a Luz da vida (Jo 1.4; 8.12) que veio para alumiar os que estão em trevas (Mt 4.16; Jo 1.9). Ao ouvir o clamor do cego, o Filho de Deus mandou-o chamar. Bartimeu deixou a capa, numa atitude admirável, e foi ao encontro do Mestre, pois tinha a certeza que a bênção estava à sua espera (Tg 1.6). Aquela vestimenta era tão importante para ele, como os bens do jovem rico. Mas ela podia ser um embaraço para ele se aproximar de Cristo. Por isso, “lançou a capa” (v. 50).

4. A cura dos olhos e da alma. Jesus perguntou o que ele queria. Bartimeu respondeu que desejava ver (v. 51), pois gostaria de ser útil à sociedade e deixar aquela vida miserável de mendicância. Cristo deu-lhe o que solicitava e, além disso, a salvação: “A tua fé te salvou” (v. 52). Logo, seguia ao Senhor, pois o desejo de seu coração se cumpria (Sl 37.4; Pv 16.3). Quantos recebem as bênçãos de Deus e se esquecem de acompanhá-lo no caminho desta vida, e de agradecer-lhe (Lc 17.17-19). Jesus Cristo é o mesmo hoje. Ele não muda (Hb 13.3). Repreende nos dias atuais, tanto a enfermidade física como a da alma - o pecado. Portanto, estes fatos ocorrem ainda hoje.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Jericó, hoje, não pertence aos judeus, cedida, mediante acordo firmado, a OLP - Organização de Libertação da Palestina. Disputa com

Hebrom, em Israel, e Damasco, na Síria, o título de cidade mais antiga do mundo. Ela é muito visitada pelos turistas que vão à Terra Santa, por causa das nuances de sua história. Provavelmente, no Milênio, retornará ao domínio israelense, pois seu território foi conquistado pelos hebreus, nos dias de Josué.

2. Aprendemos, através desta lição, que a persistência é necessária para alcançarmos uma bênção de Deus. Bartimeu insistiu em clamar pela ajuda de Jesus. As pessoas mandaram que ele se calasse. Mas, em vez de atendê-las, clamava ainda mais, até ser chamado pelo Mestre, e recobrou sua visão, juntamente com o seu companheiro.

3. Não há contradição nas narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, a respeito da cura dos dois cegos de Jericó. Existe, sim, a maneira especial de cada um abordar o fato, de acordo com suas personalidades. Isto acontece comumente, quando se notifica um acontecimento. Alguém nos diz: "Vi um cachorro deitado na rua". E, depois, outro afirma: "Vi um cachorro, pastor alemão, morto no meio da avenida". A história é a mesma, apenas apresentada de forma diferente.

GLOSSÁRIO

Discrepância: divergência; disparidade.

Disseminação: difusão; vulgarização; espalhamento.

Escárnio: menosprezo; zombaria.

Fragância: aroma; perfume; cheiro.

Hipódromo: praça em que se realizam corridas de cavalos.

Inerrante: que não erra; fixo.

Mazela: defeito moral; mancha na reputação.

Mendicância: ato de pedir esmola.

Oásis: região coberta de vegetação, no meio de um grande deserto.

Recriminar: responder ou defender-se com acusações; censurar.

QUESTIONÁRIO

1. Qual o significado do nome "Jericó"?

- Lugar de fragância.

2. Jesus curou os cegos na entrada ou na saída de Jericó?

- Depende do ponto de vista do escritor sacro.

3. Conforme Lucas, quantos cegos foram curados?

- Dois.

4. Por que Marcos e Lucas registram apenas um?

- Porque Bartimeu sobressaiu-se mais que seu companheiro.

5. Qual a lição que Bartimeu transmite aos cristãos?

- Um exemplo de fé e perseverança.

O PRINCÍPIO DAS DORES

TEXTO ÁUREO

“Mas todas estas coisas são o princípio de dores” (Mt 24.8).

VERDADE PRÁTICA

O princípio das dores são alguns dos sinais que precederão a vinda de Cristo.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C.

LOCAL: Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 131 (300 HCA) e 148 (123 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - 1 Ts 5.1-3

A falsa paz nos últimos tempos

Terça - 1 Tm 4.1-3; 2 Tm 3.1-5

A apostasia dos últimos tempos

Quarta - Tg 5.1-9

A ganância dos ricos e os problemas trabalhistas

Quinta - Lc 17.26-30

O avanço e a propaganda da imoralidade

Sexta - Is 66.8; Ez 37.20,21

A fundação do Estado de Israel

Sábado - At 2.17-21; Cl 1.23

A efusão do Espírito Santo e a evangelização mundial

LEITURA EM CLASSE

MATEUS 24.1-14

1 - E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostram a estrutura do templo.

2 - Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.

3 - E, estando assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos, em particular, dizendo: Dize-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?

4 - E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane;

5 - Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.

6 - E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.

7 - Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares.

8 - Mas todas estas coisas são o princípio de dores.

9 - Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do meu nome.

10 - Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão.

11 - E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.

12 - E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.

13 - Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

14 - E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. AS TRÊS PERGUNTAS DOS DISCÍPULOS

1. "Não ficará pedra sobre pedra"
2. As três perguntas dos discípulos

II. SINAIS QUE PRECEDERÃO A VINDA DE CRISTO

1. A aparição de muitos cristos
2. Guerras e calamidades
3. A crise religiosa.

III. A NECESSIDADE DA PERSEVERANÇA

IV. ENTÃO VIRÁ O FIM

1. A evangelização mundial
2. As barreiras removidas
3. "Ora, vem, Senhor Jesus"

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

• *Entender* que a vinda de Jesus será precedida de muitos sinais, acontecimentos estes que se sucedem a cada momento.

• *Comprender* que a única coisa, a qual nos resta a fazer, é perseverarmos unânimes em oração e meditação da Palavra, para não sermos surpreendidos naquele dia.

• *Orar* pela evangelização mundial, a fim de que os povos sejam atingidos pela mensagem transformadora do Evangelho de Cristo.

• *Despertar-se*, a fim de anunciarem a volta de Jesus, para muitos que dormem, e, assim, livrá-los da Grande Tribulação.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Informe* aos alunos que o princípio das dores já começou. O mundo já vive assustado, na expectativa do que lhe sobrevirá a qualquer momento. É patente o desequilíbrio ecológico. Os fenômenos da natureza manifestam-se, dia após dia, sem

nenhum sentimento de acanhamento. Repentinamente, terremotos, maremotos, tufões, tempestades, etc. dizimam populações inteiras, sem falarmos da fome, sede e das muitas enfermidades, como a AIDS.

2. *Fale* aos alunos que não precisamos de mais nada, além disso, para percebermos que estes acontecimentos confirmam o princípio das dores. Conscientizemo-nos que a situação tende, cada dia, a piorar, até não suportarmos mais, ocasião em que Jesus virá nos buscar.

3. *Diga-lhes* que jamais devemos nos desesperar diante de um quadro tão aterrador no qual vivemos. Tomemos tudo isso como um alerta de Deus, desejoso de levar a todos, no dia da vinda de Cristo. Basta, apenas, nos arrependermos dos nossos pecados, afastarmo-nos deles, vigiarmos, orarmos e aguardarmos o soar da trombeta.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

• A maior preocupação do professor da Escola Dominical é alcançar os objetivos propostos pela lição, cujo tema central é o princípio das dores. Para que este alvo seja atingido, é necessário que você ore, leia as referências bíblicas, pesquise sobre o assunto em outras fontes, e prepare bem a aula que vai ministrar. Desta forma, é possível a participação de todos os alunos neste aprendizado.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O princípio das dores são os elementos que servirão de base para introduzir a Grande Tribulação, após o Arrebatamento da Igreja. É verdade que desde os tempos de Jesus, sempre houve guerras, pestilências, fomes, imoralidades, etc. Mas o ensino de Cristo consiste no fato de estas coisas aumentarem e intensificarem dia após dia, à medida em que a vinda do Filho do homem se aproxima, até chegar a um ponto insuportável. Os dias em que vivemos, à luz das palavras de Jesus, caracterizam o princípio das dores.

I. AS TRÊS PERGUNTAS DOS DISCÍPULOS

1. “Não ficará pedra sobre pedra” (v. 2). Este era o segundo templo, pois o primeiro fora destruído por ordem de Nabucodonosor, em 587 a.C. (2 Cr 36.18,19). Reconstruído após o cativeiro da Babilônia e inaugurado setenta anos depois de sua destruição, em 518 a. C. (Ed 6.15). Foi reformado e embelezado por Herodes, o Grande, durante 46 anos (Jo 2.20). Era de uma beleza extraordinária. Parece que isto impressionava os discípulos, que se aproximaram de Jesus para lhes mostrar tal estrutura. O assunto do Templo foi o ponto de partida para o sermão profético, registrado em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Isto se cumpriu, literalmente, em 70 d. C.

2. As três perguntas dos discípulos (v.3). Os expositores, que negam o caráter escatológico deste discurso profético, acharam nas narrativas de Josefo elementos que confirmam muitas coisas ou quase tudo, em relação à destruição de Jerusalém em 70 d.C.

a) *Uma pergunta de caráter escatológico.* Mas as perguntas dos discípulos não se restringiam apenas à queda de Jerusalém. Além disso, muitas profecias, às vezes, tornam-se a se cumprir. “Quando serão estas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?”. Em Lucas 21.20-24, encontramos a resposta sobre a destruição do Templo e da cidade. Os versículos 3-14 falam dos sinais da vinda de Cristo, e do fim do mundo. A Grande Tribulação é assunto tratado nos versículos 15-28, e a manifestação de Cristo em glória (Tt 2.13), nos versículos 29-32.

b) *A finalidade da resposta.* A Bíblia anuncia as coisas futuras, para que confirmemos o seu cumprimento e fortaleçamos a nossa fé. Jesus falou estas coisas, para não nos assustarmos (v. 6), e fiquemos de sobreaviso, a fim de não sermos apanhados com os incrédulos (1 Ts 5.4,5), e, assim, estarmos preparados para o Arrebatamento.

II. SINAIS QUE PRECEDERÃO A VINDA DE CRISTO

1. A aparição de muitos cristos (vv. 4,5). É verdade que muitos falsos cristos se levantaram ao longo da história do Cristianismo. À medida

em que a vinda de Jesus se aproxima, o número destes lunáticos aumenta, e torna-se alarmante. É praticamente impossível apresentar uma lista completa deles, mas alguns nomes servirão de exemplo: David Koresh, da Califórnia, que a imprensa internacional noticiou recentemente, dizia ser o Cristo, e fez adeptos. O reverendo Moon também se declara ser o Messias, e tem muitos adeptos. Em Curitiba, Inri Cristo, informa ser o Filho de Deus. Muitos outros manifestam-se com este título. Mas isto é um sinal dos tempos.

2. Guerras e calamidades (vv.6,7). A expressão “guerras e rumores de guerras” extrapola os limites da destruição de Jerusalém. É uma referência ao período que antecede a vinda de Cristo. Isto porque, ligados a tal expressão, estão os termos: “levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares”. É uma referência aos distúrbios mundiais e uma crise na política internacional.

3. A crise religiosa. O crescimento da apostasia nos últimos anos tem alcançado proporções estupefacentes. Não só com o aparecimento dos falsos profetas (v.11), mas, principalmente, pelo surgimento do Conselho Mundial de Igrejas, e do Ecumenismo. Estes fatores levam as pessoas à frieza espiritual e ao indiferentismo religioso (v.12). O apóstolo Paulo afirma que a apostasia generalizada é coisa para os últimos tempos (1 Tm 4.1-3; 2 Tm 3.1-

5). A crescente violência nas principais capitais do mundo, a expansão do terrorismo e do narcotráfico acontecem nos dias atuais, porque a iniquidade multiplica-se (v.12).

III. A NECESSIDADE DA PERSEVERANÇA

“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo”(v.13).O conhecimento destas coisas leva o crente a esperar com paciência e a suportar as perseguições religiosas, e de toda a ordem. O cristão, na atualidade, vive no meio de uma sociedade perversa e corrompida (Fp 2.15), Às vezes, é tentado a abandonar a fé. Mas, se ele conhece o sinal dos tempos, resiste às tentações e persevera até o fim. O versículo 13 apresenta um duplo sentido quanto à salvação. Ela será física, analisada à luz de Lucas 21.18,19; aí, engloba também a redenção da alma, a espiritual.

IV. ENTÃO VIRÁ O FIM

1. A evangelização mundial. Esta parte da profecia encerra-se com a previsão da evangelização mundial: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (v.14). Isto é uma prova autêntica de que o referido discurso não se restringe apenas à destruição de Jerusalém. Muitos povos só foram alcançados posterior-

mente. A obra da evangelização mundial é um fenômeno cada vez mais crescente na atualidade. Nunca houve na história da igreja um despertamento como vem acontecendo nestes últimos dias.

2. As barreiras removidas. É verdade que uns 25% dos moradores da Terra nunca ouviram falar de Jesus, e o bloco islâmico é uma barreira quase intransponível à pregação do Evangelho. Mas as cortinas de ferro e de bambu se abriram e o bloco comunista ruiu. Hoje, há liberdade religiosa nas ex-repúblicas da extinta U.R.S.S, e no Leste europeu. Por que isto não acontece no mundo islâmico? É bom lembrar que, com os meios de comunicação da atualidade, é possível se evangelizar o mundo em questão de horas. Portanto, ninguém deve dormir e nem se acomodar, pois o Arrebatamento da Igreja pode ocorrer a qualquer momento.

3. “Ora, vem, Senhor Jesus” (Ap 22.20). O cenário mundial já está pronto, para que o apocalipse se cumpra. A palavra “fim” (v.14) é ambígua e há controvérsias sobre o assunto, entre os expositores. Ninguém pode garantir que isto seja o Arrebatamento da Igreja ou a vinda de Cristo em glória. Ela pode ser aplicada aos dois eventos. Há quem afirme que Isaias 66.18,19 está no contexto de Mateus 24.14. Se isto pode ser confirmado, é possível que a pregação continue durante a Grande Tribulação, pelos 144.000 rema-

nescentes de Israel (Ap 7.1-8), e, assim, a profecia tem o seu cabal cumprimento.

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Entendamos que, quando Jesus disse: “não ficará pedra sobre pedra”, Ele se referia a total destruição a que seria submetida Jerusalém. Realmente, Tito, general romano, que comandou a invasão desta cidade, foi usado por Deus, para fazer cumprir a predição de Cristo a respeito deste acontecimento. Ele apenas preservou, com a concordância divina, parte do muro ocidental (o das Lamentações) e as torres: hípica, Fazael e Mariana, para as gerações futuras compreenderem a grandeza daquela metrópole e o poderio de um povo avassalador.

2. Pouco falta acontecer na área dos sinais que precederiam a volta de Cristo. Isto é mais do que suficiente para nos dedicarmos à oração, leitura da Bíblia, evangelização, e aguardarmos, não sentados, muito menos deitados, mas em plena atividade, a volta de Jesus.

3. Uma força contrária, procedente do Inimigo de nossas almas, tem arrastado muitos dos nossos para o abismo da incredulidade e do arrefecimento. Mas não nos desanimemos, diante desta situação calamitosa em que se encontra o mundo. Somos arautos do Rei! proclamemos, enquanto é dia, a salvação, e tragamos os desviados, para que, como nós, tomem parte das Bodas Cordeiro.

GLOSSÁRIO

Apostasia: abandono de um princípio religioso, por outro totalmente adverso.

Distúrbio: perturbação; motim; algazarra.

Ecumenismo: movimento religioso que procura a união de todos os que “seguem” a Cristo: católicos, protestantes e ortodoxos, inclusive, os de outras religiões e seitas, como judeus, árabes, espíritas, etc.

Estarrecedor: que causa medo, pânico, temor.

Extrapolar: ir além de; ultrapassar; exceder.

Lunático: sujeito à influência da lua; maníaco; visionário.

Narcotráfico: tráfico e comercialização das drogas, como cocaína, maconha, etc.

Noticiar: dar notícia de; comunicar; anunciar; dizer.

Restringir: reduzir; limitar.

Sobreaviso: precaução; atalaia; alerta; prevenção.

QUESTIONÁRIO

1. Qual a tríplice pergunta dos discípulos?

- Tratava-se de uma pergunta escatológica, a saber: a) quando se daria a destruição de Jerusalém e do Templo; b) que sinal haveria da vinda do Senhor; c) que sinal haveria do fim do mundo.

2. Quais os sinais que precederão a vinda de Cristo?

- a) A aparição de muitos cristos (vv.4,5); b) guerras e calamidades (vv.6,7); c) apostasia, abandono da fé, nos últimos dias, em decorrência da multiplicação da iniquidade, e do esfriamento do amor de muitos (vv.9-12).

3. Por que devemos pregar o Evangelho e os eventos escatológicos?

- Porque há inúmeros povos sem o conhecimento da salvação em Cristo, e vivemos os últimos dias que precedem o Arrebatamento da Igreja.

4. Por que podemos afirmar que o princípio de dores já começou?

- Baseados nos acontecimentos trágicos que assolam o mundo, na crise moral e religiosa dos nossos dias.

A GRANDE TRIBULAÇÃO (Dia Nacional da Escola Dominical)

TEXTO ÁUREO

“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco há de haver” (Mt 24.21).

VERDADE PRÁTICA

Enquanto a Igreja de Cristo, arrebatada, é condecorada no Céu; os moradores da Terra sofrem os horrores sem par da Grande Tribulação.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C.

LOCAL: Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 158 (250 HCA) e 605 (509 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Jr 30.7

Tempos de angústia para Israel

Terça - Ap 3.10

A Igreja não passará pela Grande Tribulação

Quarta - Ap 9.5-10

A angústia para os moradores da Terra

Quinta - 2 Ts 2.6-9

A manifestação e a derrota do Anticristo

Sexta - Ap 13.11-18

A manifestação da Besta

Sábado - Ap 20.10

O julgamento da Besta e do Falso Profeta

LEITURA EM CLASSE

MATEUS 24.15-28

15 - Quando pois virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda;

16 - Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes;

17 - E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa;

18 - E quem estiver no campo não volte atrás a buscar os seus vestidos.

19 - Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

20 - E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado;

21 - Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.

22 - E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.

23 - Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito;

24 - Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.

25 - Eis que eu vo-lo tenho predito.

26 - Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; eis que ele está no interior da casa; não acrediteis.

27 - Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem.

28 - Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. POR QUE VIRÁ A GRANDE TRIBULAÇÃO?

1. Definição e Justificativa
2. A história se repete

II. A AMOSTRA DA APLICAÇÃO FUTURA

1. A desolação da abominação
2. A fuga de Jerusalém
3. "Ai das grávidas"
4. A fuga no inverno e no sábado

III. A GRANDE TRIBULAÇÃO

1. Aflicção tal qual nunca houve desde que há nação

2. Aqueles dias serão abreviados

IV. A VINDA DE CRISTO

1. Os falsos cristos
2. Como relâmpago

OBJETIVOS

No término desta lição, os alunos deverão ser capazes de:

- *Compreender* que a Grande Tribulação é uma prestação de conta do homem com o Criador, Ele que, por seu amor, aguarda que todos se arrependam.

- *Entender* que a Igreja não passará pela Grande Tribulação, pois este castigo está determinado para os "crentes" que não vigiaram e os infiéis.

- *Empenhar-se*, para que no dia da vinda de Cristo, estejam preparados, a fim de não passarem pelos vexames da Grande Tribulação.

- *Compreender* que a Grande Tribulação dividir-se-á em dois períodos de três anos e meio, e que, a cada dia, os sofrimentos aumentam de intensidade.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Esclareça* aos alunos que Deus é amor, mas também é Justiça. Se todos os homens entendessem que Ele é bom, compassivo, misericordioso, longânimo, e se convertessem ao Evangelho de Cristo, não haveria necessidade da Grande Tribulação. Mas rejeitam, conscientemente, a graça divina. Por isso, pagarão muito caro por suas loucuras e licenciosidades.

2. *Explique-lhes*, em detalhes, que no momento da Grande Tribulação, aqui na terra, a Igreja estará em um lugar determinado por Deus, participando das Bodas do Cordeiro, ocasião em que serão entregues os galardões a todos os que se dedicaram à obra de evangelização. Então, compreenderemos que valeu a pena sofrer por Cristo, e até mesmo dar a vida por Ele.

3. *Diga-lhes* que só serão arrebatados os que estiverem preparados, no exato momento da vinda de Cristo. Infelizmente os despercebidos ficarão para a Grande Tribulação. Mas podem salvar-se, se não negarem a Cristo, e derem suas próprias vidas, para serem resgatados da condenção eterna. Este grupo faz parte também da primeira ressurreição, e equivale àquela etapa da antiga colheita judaica, que chamamos de *rabisco*.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

Somente uma vida consagrada a Deus, é capaz de abraçar totalmente uma causa tão sublime, que é o ensino na Escola Dominical! Este se preocupa com o bem-estar de seus alunos, e tudo faz, para vê-los sempre alegres e sorridentes. E se algum deles falta, vai imediatamente visitá-lo e o encoraja a prosseguir a jornada, árdua, na verdade, mas o seu término será gratificante.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Os horrores e os sofrimentos do povo judeu, na destruição de Jerusa-

lém, no ano 70 d.C., são um prenúncio e uma amostragem do que será a Grande Tribulação. Estas profecias ainda se cumprirão, mesmo sendo concretizada a sua maior parte, nesta passagem. Este discurso profético de Jesus encontra-se também em Marcos 13.14-23 e Lucas 21.20-24.

I. POR QUE VIRÁ A GRANDE TRIBULAÇÃO?

1. Definição e justificativa. A Grande Tribulação é o período de transição entre a dispensação da Igreja e a do Milênio. Será um momento de angústia e sofrimento sem precedente na História. Há quatro passagens específicas sobre a Grande Tribulação nas Escrituras: Jeremias 30.7; Daniel 12.1; Joel 2.2; Mateus 24.21, e a passagem paralela em Marcos 13.19. Os profetas e apóstolos falaram muito deste acontecimento e chamaram-no de o "dia do Senhor" (Is 13.6,9; Ez 13.5; Jl 1.15; 2.1; Am 5.18, 20; Zc 14.1; Mt 4.5; 1 Ts 5.2; 2 Ts 2.2; 2 Pe 3.10). Este período foi determinado por Deus, para fazer justiça contra a rebelião dos moradores da Terra, e preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias (Am 4.12).

2. A história se repete. O texto de Mateus 24.15-28 diz respeito tanto à destruição de Jerusalém em 70 d.C., por Tito, general romano, como também à Grande Tribulação. Muitos fatos destas profecias já se cumpriram, e estão registrados na História, como prova da autenticidade e da inspiração divina dos evangelhos, e da autoridade de Jesus.

II. A AMOSTRA DA AFLIÇÃO FUTURA

1. A desolação da abominação.

(v. 15). Isto foi predito pelo profeta Daniel, e o próprio Jesus o sancionou como o autor do livro que traz o seu nome. A citação de Cristo, que se encontra em Daniel 9.27; 11.31; 12.11, cumpriu-se no tempo de Antíoco Epifânio, quando ele profanou o Templo, ao imolar uma porca no altar, além de erigir a estátua de Zeus, divindade pagã, conforme narra 1 Macabeus 1.54-64 e Flávio Josefo (Antiguidades, Livro 12), em cerca de 175 a.C. Cumpriu-se também no ano 70, quando o exército romano, comandado por Tito, profanou o Templo, ao colocar nele as insígnias de Roma, símbolos do paganismo, antes de destruí-lo, e a cidade santa (Lc 21.20). Cumprir-se-á novamente na Grande Tribulação, quando o Anticristo exigir a adoração dos judeus no Templo de Deus (2 Ts 2.4).

2. A Fuga de Jerusalém. (vv. 16-18). Isto ocorreu durante o cerco de Jerusalém pelos romanos. A ordem de Jesus era a de fugir o mais rápido possível. Deviam escapar pelos próprios telhados, pois, na época, as casas eram interligadas, de modo que os tetos serviam de escadaria. No campo, em virtude do calor intenso da Palestina, os trabalhadores ficavam mais à vontade. Por isso, Cristo mandou que partissem como estivessem, pois corriam o risco de serem apanhados pelos romanos, no caminho de casa. O historiador cristão,

Eusébio de Cesaréia, diz que nenhum crente pereceu nesta destruição (História Eclesiástica, Livro III. 5). Segundo ele, todos se lembraram das palavras de Jesus: "Os que estiverem na Judéia, fujam para os montes". Refugiaram-se no **Pela**, no outro lado do rio Jordão. Israel encontrará refúgio no deserto durante estes acontecimentos (Ap 12.6; Is 63.1-6). Assim como os cristãos escaparam da destruição, da mesma maneira a Igreja será salva da Grande Tribulação (1 Ts 1.10; Ap 3.10), como Noé, do Dilúvio (Mt 24.38,39), e Ló, do incêndio das cidades de Sodoma e Gomorra (Lc 17.28-30).

3. "Ai das grávidas" (v. 19). Tanto as grávidas como as que amamentam têm dificuldades, numa situação de guerra. Elas se tornam ainda mais vulneráveis e indefesas, diante de soldados alucinados e violentos. Jesus, quando levava a cruz, falou às mulheres que choravam sobre o castigo da cidade, e o sofrimento e a dor que elas enfiavam (Lc 23.27-30). Durante o cerco de Jerusalém, a angústia delas foi muito acentuada. Josefo relata que certa mãe matou seu próprio filho, para comê-lo, tal era a miséria e a fome. Os próprios romanos ficaram perplexos, diante dessa cena dramática (Guerras dos Judeus, Livro 6. Cap. 21, CPAD). Este fato é confirmado cerca de 250 anos depois, por Eusébio de Cesaréia. Tudo se repetirá durante a Grande Tribulação, não só em Israel, mas em todos os quadrantes da Terra, quando vier a total escassez de alimento, que já

existe, parcialmente, em diversas partes do mundo (Ap 6.6).

4. A fuga no inverno e no sábado (v.20). É verdade que o inverno nunca foi a estação apropriada para se viajar, muito menos para uma fuga inesperada e às pressas. A destruição era uma certeza, estava no cronograma divino, e prevista pelos profetas. Agora, ratificada por Jesus com mais detalhes. Restava pedir a Deus que isso não ocorresse no inverno, uma vez que aquele acontecimento era irrevogável. Durante o sábado, os judeus não caminhavam mais do que um quilômetro (At 1.12). Mesmo numa questão de vida ou morte, eles obedeciam às leis de seu povo. Muitos deles foram trucidados e exterminados, por causa dessa observância. Por isso, o rabino espanhol, Maimônides (1135-1203), determinou que, para salvar a vida, os judeus deviam submeter-se às exigências dos governantes. Foi quando surgiram os criptojudeus. Tornaram-se católicos, mas seguiam o judaísmo interiormente. Iam à missa, aos domingos, para salvarem a pele, mas, escondidos, visitavam as sinagogas, nos sábados.

No momento da tomada de Jerusalém, se a invasão ocorresse em um dia de sábado, os judeus pereceriam, mas não violariam aquele dia. Por isso, eles deviam pedir a Deus para que esse fato não ocorresse no inverno e nem no descanso semanal. Esta oração foi ouvida, pois o cerco da cidade ocorreu na primavera do ano 70.

III. A GRANDE TRIBULAÇÃO

1. Aflição tal qual nunca houve desde que há nação (v. 21). Esta aflição, sem precedentes na História, será universal. O castigo de Deus virá sobre todos os moradores da Terra, conforme descrito no livro de Apocalipse, do capítulo 6 até o 19. Israel passará por ela (Jr 30.7; Dn 12.1; Jl 2.2). Será um período caracterizado por pragas de toda ordem, e pela manifestação do Anticristo e o Falso Profeta. O primeiro atuará na política, o segundo na religião.

O Anticristo fará um concerto com a nação de Israel por uma semana de anos (Dn 9.27). Mas na metade deste período, o pacto será rompido, pois os judeus descobrirão que foram enganados. Só a partir daí, começa o momento da angústia de Jacó (Jr 30.7). A cidade de Jerusalém será tomada, por pouco tempo, pois no final da Grande Tribulação, o Senhor Jesus descerá para livrar o seu povo (Zc 14.2-4).

2. Aqueles dias serão abreviados (v. 22). Essa abreviação era para que o remanescente dos judeus sobrevivesse. Isso deve acontecer também na Grande Tribulação.

a) *A revolta dos judeus*. Quando foi deflagrada a guerra dos judeus contra os romanos, em 66 d.C., eles enfrentavam a maior potência do mundo, de então. Venceram as tropas romanas da Síria, lideradas pelo governador Céstio Galo, durante a festa dos Tabernáculos, naquele ano. Estabeleceu-se um governo provisório em Jeru-

salém. A liberdade parecia estar próxima. O Sinédrio enviou Ioséf ben Matatihu (Flávio Josefo), para construir fortificações na Galiléia.

b) *O fim do Estado judeu* (Lc 21.24). Parecia certa a vitória. Mas havia lutas internas, pois muitos membros da aristocracia comercial, e outros que tiravam proveito do regime, não desejavam a revolução. Assim, eles gastaram suas poucas energias contra seus próprios irmãos. Quando estavam exaustos ao extremo, no início da primavera de 70 d.C., aparece, no monte das Oliveiras, o general romano, Tito, com seu exército. Por isso, eles não ofereceram muita resistência. Aqueles dias, então, foram abreviados, pois, se continuassem com a luta, todos morreriam. Flávio Josefo afirma que um milhão e cem mil judeus pereceram nessa guerra (Guerras dos Judeus, Livro 6. 45, CPAD), uma cifra assustadora. Nem, na atualidade, Jerusalém registra tamanha população!

c) *A Grande Tribulação*. A Grande Tribulação também será abreviada, pois, do contrário, ninguém sobreviveria. As aflições serão superiores às da destruição de Jerusalém. Haverá convulsão social, de caráter universal (Lc 21.25,26).

IV. A VINDA DE CRISTO

1. *Os falsos cristos* (vv. 23-26). Cristo não virá mais como uma criança indefesa, colocada numa manjedoura, para viver neste mundo entre os ho-

mens (Hb 9.28). Isso já aconteceu. Ele voltará, para buscar o seu povo (1 Ts 4.14-17) e, depois dos sete anos da Grande Tribulação, retornará, para encerrar a batalha do Armagedom (Ap 16.16), julgar as nações (Jl 3.12-14; Mt 25.31-46), vencer o Anticristo com o seu sopro (2 Ts 2.8) e aprisioná-lo, juntamente com o Falso Profeta (Ap 19.20). Portanto, todos estes lunáticos que apareceram durante a História do Cristianismo, e os que hoje dizem ser o Cristo, e os que ainda se manifestarão durante a Grande Tribulação, são trapaceiros, impostores e embusteiros. Jesus nos advertiu, de antemão, a respeito disso.

2. *Como relâmpago* (v. 27,28). O relâmpago fala da universalidade e visibilidade do evento e, também, do poder do Filho do homem. Tanto a vinda súbita de Cristo para o Arrebatamento da Igreja, como o seu retorno em glória, para estabelecer o Milênio, ocorrerão de forma inesperada, como este fenômeno da natureza.

Os discípulos perguntaram onde aconteceria tal fato (Lc 17.37). Jesus disse que o castigo não se restringiria apenas a Jerusalém, mas a todo o local em que a corrupção do gênero humano chegasse: "onde estiver o cadáver, aí ajuntarão as águias" (v. 28).

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. A Grande Tribulação é um acontecimento previsto por Deus, e seu curso não pode ser desfeito. Resta-nos, então, a vigilância, para não

sermos apanhados de surpresa, no dia do Arrebatamento da Igreja. Cristo não deseja que isto nos aconteça. Por isso, somos advertidos diariamente pelo Espírito Santo, para que nos preparemos e digamos, todos juntos: "Ora vem, Senhor Jesus" (Ap 22.20).

2. A Grande Tribulação será um acontecimento inédito, pois nunca houve e nem haverá depois dele um sofrimento semelhante. Ele não se compara, em aflição e desespero, ao Dilúvio, que destruiu todos moradores da Terra, com exceção de Noé e seus familiares; aos grandes terremotos, que mataram e desabrigaram centenas de milhares de pessoas no decorrer da história humana, e nem mesmo ao terror da Segunda Guerra, que ceifou mais de vinte milhões de vidas.

3. Jamais nos preocupemos com o ano da vinda de Cristo, pois não há possibilidade de sabermos o dia e nem a hora do Arrebatamento da Igreja. O que devemos fazer é nos preparar, ainda hoje, para aquele momento solene da ressurreição dos mortos e a transformação dos vivos, ocasião na qual formaremos uma só multidão que subirá ao encontro de Jesus, nos ares.

GLOSSÁRIO

Abominação: aquilo que causa terror; ódio.

Alucinado: louco; transtornado.

Erigir: construir; edificar.

Imolar: sacrificar em holocausto a Deus, ou a uma entidade pagã.

Insignia: estandarte; emblema; sinal distintivo.

Perplexo: pasmado; assustado.

Preânúncio: anúncio de um acontecimento futuro, prognóstico.

Profanar: violar a santidade de algo sagrado.

Sancionar: confirmar; aprovar; ratificar.

Vulnerável: fraco; com pouca condição de resistência.

QUESTIONÁRIO

1. Por que virá a Grande Tribulação?

- Este período virá a fim de que o juízo de Deus seja efetuado contra a rebelião dos moradores da Terra e preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias.

2. Cite dois personagens chamados de "abominação".

- Antíoco Epifânio e Tito.

3. O que representa a destruição de Jerusalém, no contexto escatológico?

- Uma amostra da aflição futura.

4. O que significa a fuga no inverno ou no sábado?

- Impossibilidade completa de fuga para os judeus: no sábado, não podiam caminhar mais de um quilômetro; no inverno, as condições climáticas não permitiam tal feito.

5. O que significa a abreviação daqueles dias?

- Por ocasião da destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., isto acon-

teceu. Durante a Grande Tribulação, o mesmo acontecerá, a fim de que sobrevivam os remanescentes de Israel.

EXORTAÇÃO À VIGILÂNCIA

TEXTO ÁUREO

“Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor” (Mt 24.42).

VERDADE PRÁTICA

A humanidade, com exceção de Noé e sua família, foi tomada de surpresa com o Dilúvio. Apenas os magos do Oriente e alguns pastores souberam do nascimento de Jesus. Estejamos, pois, preparados para a vinda do Senhor.

ÉPOCA DO EVENTO: 29 d.C. (semana da Páscoa)

LOCAL: Jerusalém

HINOS SUGERIDOS: 145 (98 HCA) e 148 (123 HCA)

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Mt 25.1-13

A vigilância na parábola das dez virgens

Terça - Mt 24.45-52

A vigilância na parábola dos dois servos

Quarta - Lc 21.29-31

A vigilância na parábola da figueira

Quinta - 1 Ts 5.1-6

A vigilância nos ensinamentos paulinos

Sexta - 2 Pe 3.10-14

A vigilância nos ensinamentos petrinos

Sábado - Lc 21.34-36

Vigiar e orar em todo o tempo

LEITURA EM CLASSE

MATEUS 24.36-44

36 - Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai.

37 - E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.

38 - Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca,

39 - E não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, — assim será também a vinda do Filho do homem.

40 - Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro;

41 - Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra.

42 - Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor;

43 - Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da

noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar sua casa.

44- Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. A PARÁBOLA DA FIGUEIRA

1. Israel e a figueira

II. A GERAÇÃO QUE NÃO PASSARÁ

1. Que geração é esta?
2. O que é uma geração?
3. A teoria dos 40 anos
4. Um alerta às igrejas

III. DA QUELE DIA E HORA NINGUÉM SABE

1. Os falsos profetas
2. "Nem o Filho"

IV. COMO FOI NOS DIAS DE NOÉ

V. UM SERÁ TOMADO E OUTRO, DEIXADO

OBJETIVOS

No término desta lição, o aluno deverá ser capaz de:

- *Compreender* que a figueira representa a nação de Israel, reconhecida pela ONU no ano de 1948.

- *Entender* que não sabemos o dia em que Jesus voltará, mas temos os sinais, os quais nos anunciam a brevidade deste acontecimento.

- *Empenhar-se*, para não serem surpreendidos neste dia, pois Jesus virá como o ladrão, no momento em que nós menos esperamos.

- *Vigiar*, para não serem enganados pelos prognosticadores, que tentam, a todo custo, acertar a data da vinda de Cristo.

SUGESTÕES PRÁTICAS

1. *Esclareça* aos alunos que Jesus empregava este sublime estilo de pregar, através de parábolas, para facilitar a compreensão dos seus ouvintes. Como os judeus já sabiam que a figueira representava sua nação, conforme Jeremias 24.1-4,8; Oséias 9.10 e Joel 1.6,7, Ele utilizou esta árvore, para esclarecer aos seus discípulos, a respeito de sua vinda.

2. *Explique* aos alunos que Jesus, quando disse: "não passará esta geração até que tudo aconteça", referia-se aos judeus que retornariam a Israel, ou nasceriam lá, a partir de 1948. De acordo com a **Sociologia**, uma geração deixa de existir, quando todos os seus membros falecem, após transmitirem seus costumes à outra que lhe sucede.

3. *Diga-lhes* que, de acordo com o item anterior, nenhum ser humano é capaz de determinar a data em que Jesus voltará, pois somente Deus sabe quando uma geração é substituída

por outra; pois Ele é quem concede e retira a vida. Enquanto houver judeus que retornaram para Israel, ou nasceram lá, em 1948, esta geração, a qual Jesus se referia, está em evidência.

PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

1. A oração é o princípio fundamental do sucesso. Por isso, prepare a sua lição, sempre na dependência do Espírito Santo, para garantir-lhe a devida unção. Desta maneira, você despertará o interesse dos alunos de perguntarem, para tirarem suas dúvidas, pois sentirão que você está bem informado sobre o assunto que ministra naquela ocasião, e terão o prazer de participar ativamente de sua aula.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

No sermão profético, narrado nos evangelhos sinóticos, o Senhor Jesus deu muita ênfase à vigilância. Temos a certeza da sua vinda, mas ninguém sabe quando acontecerá. Por isso, devemos vigiar. Nos dias de Noé, o povo descuidou-se e pereceu com o Dilúvio. Este quadro se repetirá na volta do Senhor. A vinda de Cristo, no grego “parousia”, é o acontecimento mais importante e esperado pela Igreja. É o final glorioso da sua jornada na Terra. Estejamos preparados e vigilantes, para este grande evento!

I. A PARÁBOLA DA FIGUEIRA

1. Israel e a figueira. As mesmas passagens estão registradas em Marcos 13.28-30 e Lucas 21.29-39. A figueira, na Bíblia, representa a nação de Israel (Jr 24.1-4,8; Os 9.10; Jl 1.6,7). Esta parábola é uma garantia da existência deste país durante a “parousia” de Cristo, pois a eleição deste povo é um decreto divino, que, como tal, é incondicional, imutável e irrevogável (Rm 11.28,29; Hb 6.18), mesmo que seja desobediente (Is 45.4).

Israel tem a garantia de ser uma nação indestrutível (Jr 30.11), pois Deus a escolheu, para, por seu intermédio, revelar ao mundo o seu poder e sua glória (Rm 9.17), conceder ao mundo a sua Palavra, a Bíblia (Rm 3.1,2), e o Messias, o Redentor da humanidade, pois “a salvação vem dos judeus” (Jo 4.22). Por esta razão, este povo sobreviveu a todas as intempéries da vida, às perseguições, tentativas de destruição, e foi marcado pelo ferro e fogo. Já nasceu sob ameaças de extinção (Êx 1.15). Quase foi desfeito nos dias da rainha Ester (Et 3.8,9; 4.13,14). Na Segunda Guerra Mundial, os nazistas tinham um plano monstruoso para eliminar todos os judeus da face da Terra. Não conseguiram seu intento, mas exterminaram cerca de seis milhões deles. Mesmo assim, Israel sobreviveu, e existe como nação soberana, desde 1948. A figueira não morreu (Mt 24.32,33).

II. A GERAÇÃO QUE NÃO PASSARÁ

1. **Que geração é esta?** A de Cristo ou a da figueira? Não há acordo entre os expositores da Bíblia. Isto acontece, porque há elementos na profecia de Jesus que se cumpriram em 70 d.C., tais como a destruição de Jerusalém e do Templo (Mt 24.1,2; Mc 13.1,2; Lc 21.5,6), e o sofrimento e a fuga do povo (Mt 24.16-20; Mc 13.14-18; Lc 21.21-23), em consequência deste evento. Mas há fatos que não se cumpriram nesta ocasião, como a evangelização do mundo (Mt 24.14), a vinda de Cristo em glória, e visível, e o ajuntamento dos escolhidos (Mt 24.29-30). São profecias que ainda se cumprirão. Ele disse: "Não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam" (Mt 24.34). A expressão "sem que todas estas coisas aconteçam" engloba todo o discurso de Jesus, desde a destruição do Templo e de Jerusalém, até o aparecimento visível de Cristo, em glória.

2. **O que é uma geração?** A Bíblia apresenta como geração um período de, aproximadamente, 30 anos (Jó 42.16), 70 anos (Sl 90.10), ou cerca de 100 anos (Gn 15.16). Mateus mostra tratar-se do período de existência de um ser humano. Davi viveu 70 anos (2 Sm 5.4) e o referido evangelista considerou este tempo como uma geração, da mesma forma que aceita os anos de vida do rei Josias, o qual morreu com 39 anos (2 Rs 22.1; 2 Cr 34.1). Abraão alcan-

çou 175 anos (Gn 27.7); Isaque, 180 (Gn 35.28); e Jacó 147 (Gn 47.28). Entretanto, Mateus registra como geração os anos de vida de cada um destes patriarcas (Mt 1.17), e estabelece, em média, 40 anos para cada um (pois há nesta genealogia certas omissões).

A Bíblia chama um povo de geração (Sl 26.6). Esta palavra, no grego, é "geneá", que significa: "linhagem". Por isso, alguns dos pais da Igreja afirmavam ser uma referência à nação de Israel. As Escrituras Sagradas não definem o tempo de uma geração.

3. **A teoria dos 40 anos.** A maioria dos expositores da atualidade sustenta a idéia de que uma geração é o equivalente a 40 anos. Os próprios fatos e a história provam que isto não passa de especulação. Na verdade, a tradição judaica já defendia esta linha de pensamento. Visto que nem mesmo a Bíblia define este tempo, não somos nós que vamos dogmatizar. Houve muita exploração sobre Israel, a figueira, que começou a brotar em 1948, e nutriam alguns expositores expectativas quanto a 1988. Mais uma vez, ficou provado que não se deve estabelecer datas para a vinda de Cristo.

4. **Um alerta às igrejas.** Fiquemos atentos, pois não vai faltar aventureiros que preguem o fim para o ano 2000. Isto já aconteceu, quando se aproximava o ano 1000. Muitos venderam suas propriedades, outros iniciaram peregrinações para Jerusalém. Tanto os

cléricos como os leigos levaram a Europa a histeria. Todos aguardavam com ansiedade o dia 31 de dezembro de 999, a data marcada para a segunda vinda de Cristo. Parece que este quadro tende a se repetir, à medida que nos aproximamos do ano 2000. Os aventureiros da atualidade se utilizam da teoria dos 40 anos. Escolheram, aleatoriamente, sem qualquer base bíblica, a Guerra dos Seis Dias (junho de 1967), e ao somarem estes números (40 + 1967), chegam ao ano 2007. A outra é mais meticulosa, pois exclui os sete anos da Grande Tribulação, e apresentam o ano 2000. Mas este artifício humano contraria a exortação à vigilância. Jesus foi enfático e claro nos seus ensinamentos: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor; ... Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis” (vv. 42, 44). Não nos pertence saber o dia, agora e nem as estações (v. 36, At 1.6), pois todo o ensino de Jesus e seus apóstolos sobre a vigilância perderia seu sentido.

III. DAQUELE DIA E HORA NINGUÉM SABE

1. Os falsos profetas desmascarados. Muitas datas foram estabelecidas para o segundo advento de Cristo, ao longo da história do Cristianismo. Jesus afirmou que nem mesmo os anjos sabem o dia e a hora da sua “parousia”, e que isto não pertence aos homens (v. 36; At 1.6). Contudo, parece que muitos ainda

não entenderam a mensagem do Filho de Deus. William Miller marcou para 1843, e não deu certo. Prorrogou para o ano seguinte, e não funcionou. Então, desistiu da idéia, arrependeu-se e reconciliou-se com a igreja.

As testemunhas de Jeová são especialistas em marcar datas para a segunda vinda de Cristo. Estabeleceram os anos de 1914, 1915, 1918, 1925, 1941, 1975, e agora falam que será antes do ano 2000. A revista *A Sentinela*, 1/01/1989, pág. 12, diz que a obra da pregação que Paulo e Barnabé começaram deve terminar no final do século vinte.

2. “Nemo Filho” (v. 36). Alguns expositores encontraram dificuldades em harmonizar esta expressão com a deidade absoluta de Cristo. Esta é uma passagem que muitos apresentam para “provar” que Jesus não é Deus, uma vez que só o Pai sabia, e o Filho não, a data deste acontecimento. Mas o texto não é difícil de se entender, quando se leva em consideração que Cristo se tornou homem, revestiu-se da natureza humana, para concretizar a sua missão. Embora fosse Deus, abriu mão de suas prerrogativas divinas, e fez-se semelhante a nós (Fp 2.6-8). Depois de sua ressurreição, recuperou a glória que possuía, antes que o mundo existisse (Jo 17.5), e disse: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.18). Agora, Ele sabe o dia da sua vinda, pois é Onisciente (Cl 2.2,3).

IV. COMO FOI NOS DIAS DE NOÉ

A advertência de Jesus é com relação à vigilância. Os contemporâneos de Noé eram indiferentes à mensagem do patriarca e à construção de arca. A atividade deles consistia em comprar, vender, plantar, construir, casar e dar-se em casamento. Faziam grandes projetos e planos e não se deram conta da iminente catástrofe. Nenhuma dessas atividades é condenada pela Bíblia. Jesus disse: “comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca” (v. 38). São procedimentos lícitos e aparentemente estava tudo muito bem. Mas, quando analisamos o contexto daquela sociedade, descrita em Gênesis 6.5, 11, 12, vemos que os antediluvianos eram maus, corruptos e criminosos.

Isto, sem dúvida, refletia-se nas atividades daquela geração, dedicada ao indiferentismo e ao materialismo. Eram conduzidos pela glotonaria e embriaguez e nem sequer perceberam que Noé e seus familiares entraram na arca (Gn 7.7; Mt 24.39). Esta advertência é para que este quadro não se repita com a Igreja: “E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia” (Lc 21.34).

V. UM SERÁ TOMADO E OUTRO, DEIXADO

A exortação à vigilância neste contexto diz respeito à “parousia” de Cristo (vv. 37, 39). Alguns expositores, por

adotarem a analogia do Dilúvio “... e os levou a todos” (v. 39), sustentam que a expressão: “um será levado ... será levada uma” (vv. 40-41), significa que serão levados pela catástrofe, e serão apanhados pelo juízo divino. Mas esta analogia é inconsistente, porque o verbo grego para “levar”, no versículo 39, é “airo”, e nos vv. 41 e 44, é “paralambano”, que significa “tomar, tomar para si, levar junto”. A expressão “será tomado” é uma referência ao Arrebatamento da Igreja.

Até os fusos horários estão previstos neste discurso de Jesus: “Dois estarão na cama; um será tomado, e outro será deixado” (Lc 17.34). O quadro profético mostra que, na vinda de Cristo, os homens estarão envolvidos em suas atividades: uns trabalhando no campo, outros em casa, outros estarão dormindo, pois em alguns lugares será noite. Virá de repente, de modo que não se pode marcar o dia e a hora da volta de Jesus (Mt 24.36; Mc 13.32; At 1.7).

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

1. Deus, em sua Onisciência, não revelou o dia nem a hora em que Jesus voltará, pois deseja que todos se preparem para este grande evento. Por isso, desde os primeiros anos do Cristianismo, os cristãos vivem nesta expectativa do sublime encontro com Cristo. Se não fosse assim, muitos só se preocupariam com este acontecimento, quando se aproximasse a data da sua realização. Muitos partiram salvos, porque aguardavam a vinda de nosso Senhor nos seus dias.

2. A Palavra de Deus é fiel e verdadeira. Tudo o que Ele falou a respeito da vinda de Cristo, no tempo determinado, cumprir-se-á integralmente. Por isso, jamais aceitamos as datas que os aventureiros estabelecem para a vinda de Jesus. O importante, para nós, não é sabermos o dia deste grande evento, mas, sim, estarmos preparados, para não lamentarmos depois.

3. Jesus voltará no horário em que será dia em um hemisfério, e noite no outro. Por esta razão, Ele declarou que dois estarão no campo (em plena luz do Sol): um será levado, e o outro deixado; dois dormirão em uma cama (durante o descanso noturno): somente um será arrebatado. Isto não significa que Ele só levará a metade dos crentes, mas somente os que estiverem preparados naquele instante.

GLOSSÁRIO

Aleatório: incerto; casual; que depende de acontecimentos futuros.

Analogia: ponto de semelhança entre duas coisas diferentes.

Brecha: oportunidade; ocasião.

Clérigo: pessoa que entende profundamente a doutrina da Igreja Católica.

Dogmatizar: dar o valor de indiscutíveis às próprias afirmações.

Especulação: investigação teórica; exploração.

Genealogia: estudo da origem das famílias; linhagem; descendência.

Histeria: loucura; desespero; medo incontrolável.

Intempérie: acontecimento inesperado, trágico, indesejável.

Nazista: diz-se do adepto do partido nacional-socialista, fundado por Hitler.

QUESTIONÁRIO

1. O que representa a figueira, na parábola de Jesus?

- A nação de Israel.

2. Qual o papel de Israel, no contexto escatológico?

- Como povo eleito de Deus, para ser testemunha do seu poder e glória, Israel tem sobrevivido a todas as investidas de Satanás, para destruí-lo. Durante a Grande Tribulação, a sobrevivência deste povo proclamará ao mundo a fidelidade de Deus às suas promessas relativas aos filhos de Jacó.

3. É possível definir o período de uma geração?

- Não podemos dogmatizar quanto a este assunto, pois a Bíblia não define o tempo de uma geração.

4. Por que Jesus nos exortou à vigília?

- Porque não sabemos o dia nem a hora em que Ele virá.

5. O que há de comum entre os dias de Noé e os atuais?

- A incredulidade, a imoralidade e a violência.